

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO INTERDISCIPLINAR

SARAH RAQUEL FROES DA SILVA

**PLANEJAMENTO E CONFECÇÃO DE UM MATERIAL DIDÁTICO DIGITAL
PARA REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES DE ENSINO POR PROFESSORES EM
AMBIENTES HOSPITALARES**

São Luís

2021

SARAH RAQUEL FROES DA SILVA

**PLANEJAMENTO E CONFECCÃO DE UM MATERIAL DIDÁTICO DIGITAL
PARA REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES DE ENSINO POR PROFESSORES EM
AMBIENTES HOSPITALARES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Cultura e
Sociedade como pré-requisito parcial para a
obtenção do título de Mestra.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Bottentuit
Junior.

São Luís

2021

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário
Maurício José Morais Costa CRB 13-833

586p

Silva, Sarah Raquel Froes da.

Planejamento e confecção de um material didático digital para realização de atividades de ensino por professores em ambientes hospitalares / Sarah Raquel Froes da Silva. – São Luís, 2021.

133 f. il. color.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Bottentuit Junior.

Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

Inclui bibliografia e apêndices.

1. Classe Hospitalar. 2. Metodologias ativas. 3. Dispositivos móveis. 4. Afetividade. 5. Aplicativos Digitais. I. Título. II. Bottentuit Junior, João Batista.

SARAH RAQUEL FROES DA SILVA

**PLANEJAMENTO E CONFEÇÃO DE UM MATERIAL DIDÁTICO DIGITAL
PARA REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES DE ENSINO POR PROFESSORES EM
AMBIENTES HOSPITALARES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Cultura e
Sociedade como pré-requisito parcial para a
obtenção do título de Mestra.

Data da Aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. João Batista Bottentuit Junior (Orientador)

Doutor em Ciência da Educação, Tecnologia Educativa
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof.^a Dr.^a Sannyia Fernanda Nunes Rodrigues (Membro Interno)

Doutora em Multimídia em Educação
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Prof.^a Dra. Luana Priscila Wunsch (Membro Externo)

Doutora em Educação
Centro Universitário Internacional (PPGENT/UNINTER)

AGRADECIMENTOS

Não sei bem como agradecer tanta gente que me ajudou a fechar mais um ciclo da minha vida acadêmica. Queria agradecer à Deus e aos meus guias, por ter colocado tanta gente disposta a ajudar um ao outro e aprender em conjunto, minha mãe, Tia Clair (*in memoriam*) e a minha prima pelos incentivos e conselhos. A Margareth Fonseca, Livia Zaqueu e Francly Rabelo pelo seus trabalhos incansáveis na defesa da Classe Hospitalar. Ao professor Bergson Utta, professora Shirley Ribeiro e professora Cláudia Godoy por terem feito o meu amor pela pesquisa amadurecer, minha noiva Ariel por ser a pessoa mais bondosa e altruísta que eu já encontrei, ao professor Gustavo pelas aulas, que me deram inspiração quando eu estava cansada demais, à minha gata Pretinha que esteve comigo durante os momentos de escrita, aos amigos lindos que eu fiz no GEP-TDE que me receberam tão bem.

A Capes pelo auxílio da bolsa, minha primeira turma de mestrado como aluna especial, Perla, Jarbas, Maurício, Amanda, Patrícia e Elizabeth, sou grata por ter estudado com uma turma tão amável disposta a ajudar e acolher quem fosse preciso. Jailson pela parceria, amizade instantânea que fechou no evento acadêmico e segue até hoje, Rose por ter doado o notebook no qual eu escrevi a dissertação, Elayne por ser minha irmã de outras vidas e ao bonde dos Grudinhos (Letícia, Jayanara, Lorena e Gustavo) por serem meus melhores amigos e a minha rocha emocional durante esses últimos meses. Meus agradecimentos à Happiness Forever, meus amigos lindos da adolescência que estão comigo desde o início do ensino médio (Amanda, Gabs, Gabriel, Ayrton, Mauro, Igor e André). Para Maria Bethânia que me fez relaxar quando eu precisava pensar, Beirut quando eu precisava sonhar, Led Zeppelin, Ana Frango Elétrico e Fiona Apple quando eu precisava comemorar as evoluções da pesquisa.

Às Professoras Sannya e a Luana Wunsch pelas construções de aprendizagens mediante à afetividade e ao meu Orientador João Batista Bottentuit Junior, por nunca ter desistido de mim, até nos momentos em que eu pensei que não conseguiria passar no mestrado e que não iria realizar esse sonho. Obrigada pela bondade, obrigada pelas melhores aulas que eu já tive e pela sorte grande de ter o senhor como meu orientador.

Pesquisa, desde criança era o que eu sempre queria fazer. Ter um computador, viver recheada de livros em volta e fazer pesquisa. Nas minhas brincadeiras de infância, não contavam que eu iria me descobrir, refletir e aprender sobre coisas que não tinha pensado, encaixar estes pensamentos com os autores da pesquisa. Também não me contaram, que durante a pesquisa, existem os dias em que se acha que nada mais irá sair da cabeça, as noites em claro e as enxaquecas que pensei que não teriam fim. Mas o meu amor pela pesquisa e a oportunidade

de auxiliar professores e estudantes por meio da ciência foi e é maior do que tudo isso.
Obrigada!

RESUMO

De acordo com o processo de desenvolvimento tecnológico que perpassa pelas interações sociais, as tecnologias digitais se integram nos modos de entretenimento, comunicação entre pessoas e ainda o compartilhamento de informações a nível mundial através de múltiplas plataformas. Como um companheiro fiel para todas as horas, os dispositivos móveis digitais tais como: smartphones e tablets ampliam e possibilitam que os usuários esteja em vários lugares ao mesmo tempo e se atualizem do que acontece além dos muros de sua casa e auxilie os estudantes tanto dentro quanto fora da sala de aula. Contudo, existem espaços escolares nos quais as tecnologias digitais móveis podem atuar a partir do mesmo propósito do seu uso, auxiliar seus usuários e potencializar funções, um deles é a Classe Hospitalar na qual tem como finalidade prover espaço escolar para estudantes, impedidos de frequentar aulas regulares em decorrência de tratamentos hospitalares. Na finalidade de fortalecer os processos educacionais, afetivos e a interatividade entre os estudantes e professores na Classe Hospitalar “ABC” Nefro, a presente dissertação teve como objetivo o desenvolvimento de um material didático digital no formato de E-book, na qual contém sequências didáticas e possibilidades na construção de aprendizagens com recursos digitais, incluindo aplicativos digitais na educação. Para a construção do material didático, a pesquisadora realizou um levantamento sobre as práticas pedagógicas da Classe Hospitalar “ABC” Nefro, mediante entrevistas estruturadas com as professoras da Classe Hospitalar e as respostas foram analisadas de acordo com a análise de conteúdo de Bardin (2011). A pesquisa teve como base metodológica a metodologia do desenvolvimento e natureza de sua abordagem foi qualitativa, no intuito de unificar os conhecimentos desenvolvidos em anos de prática pelas docentes da Classe Hospitalar, pesquisas sobre aplicativos digitais e temas transversais por meio dispositivos móveis, incluídos no material proposto aos discentes do Hospital Universitário Unidade Presidente Dutra.

Palavras-chave: Classe Hospitalar. Metodologias ativas. Dispositivos móveis. Afetividade. Aplicativos Digitais.

ABSTRACT

According to the technological development process running through social interactions, digital technologies are integrated in the forms of entertainment, day to day communication as well as the worldwide sharing of information via multiple platforms. As a faithful comrade, digital mobile devices such as smartphones and tablets expand the possibilities for users to be in several places at the same time and update themselves on what happens beyond the walls of their home along with assisting students in and outside of the classroom environment. For that reason, there are school spaces in which mobile digital technologies may come to act upon the very same purpose, with their users and enhance educational functions, one of which is Hospital Classes who is intended to provide schooling for students away from attending regular classes due to medical treatments. Meaning to strengthen the educational, affective and interactivity processes between students and teachers in the Hospital Class of “ABC” Nefro, this thesis aimed to design a digital didactic material in the likeness of an E-book, contemplating pedagogical sequences for the construction of digital resources learning, including educational digital apps. As means of crafting such material, a researcher carried out a survey on the pedagogical practices at the Hospital Class “ABC” Nefro, through structured appointments with the teachers who served this Hospital Class and their responses were analyzed in compliance with the content analysis of Bardin (2011). The research had the development methodology as a methodological basis and the nature of its approach was qualitative in order to unify the Hospital Class teachers’ knowledge, developed through years of practice, as well as researches on digital applications and cross-cutting themes on mobile devices, all inserted in the material presented to students of the Unidade Presidente Dutra University Hospital.

Keywords: Hospital Class. Active methodologies. Mobile devices. Affectivity. Digital Applications.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Objetivos	11
2 A CLASSE HOSPITALAR: sua história, seus conceitos e suas metodologias pedagógicas	14
2.1 Educação não formal	14
2.2 Classe hospitalar no Brasil: panorama sobre as estratégias pedagógicas das classes hospitalares	16
3 DISPOSITIVOS MÓVEIS E A INCLUSÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO	29
3.1 Metodologias ativas da aprendizagem: quais são e suas funcionalidades	36
3.2 Afetividade, empoderamento e o uso de aplicativos digitais: as mídias sociais sob o olhar pedagógico na Classe Hospitalar	40
4 METODOLOGIA	53
4.1 Caminhos metodológicos da pesquisa	53
4.2 Tipo de estudo	54
4.3 Desenho do estudo	55
4.3.1 Fases da investigação	57
4.4 Participantes da Pesquisa	58
4.5 Local da Pesquisa	59
4.6 Instrumentos de coleta de dados	60
4.7 Procedimentos de análise dos dados	60
5 MATERIAL DIDÁTICO DIGITAL PARA PROFESSORES DA CLASSE HOSPITALAR: resultados da pesquisa e caminhos da elaboração do produto	62
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	91
APÊNDICE B – Entrevista Estruturada	94
APÊNDICE C - Produto da dissertação “A Classe Hospitalar e aplicativos móveis no ambiente pedagógico: possibilidades na construção de aprendizagens com recursos digitais”	97
ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP	128

1 INTRODUÇÃO

Ao pensarmos em educação, esse entendimento deve perpassar por todos os níveis, desde a educação básica até o ensino superior, que deve ser flexível e acolher a todos. Segundo Brandão (2004), a educação pode existir entre todos, seja da maneira na qual os indivíduos compartilham saberes como algo comunitário ou ser estabelecida como objeto de poder e empregue para reforçar desigualdades. O autor enfatiza que a educação pode ser uma das maneiras que os indivíduos elaboram e que a tornam comum e natural como a vida, assim como a aprendizagem (BRANDÃO, 2004). Esta aprendizagem percebida é descrita por Coutinho e Lisboa (2011), a partir do conceito de aprendizagem ao longo da vida “*Lifelong-Learning*”. Tal definição obtém como característica a capacidade de prolongar o ato de aprender, mesmo após a conclusão escolar ou superior do aluno.

Fundamentado no conceito de que a educação não depende de um espaço completamente formal e ocorre onde a construção do conhecimento está presente, a Unesco (2011) define que, levando em consideração o contexto do país, a educação não formal consegue abarcar programas que venham a colaborar na alfabetização de jovens e adultos, na educação das crianças que estão fora da escola formal, programas de competências, inclusão de trabalho ou amadurecimento social e cultural. Gohn (2014) esclarece sobre as práticas da educação informal, desenvolvidas em movimentos sociais, programas e organizações não governamentais (ONGs) que lutam a favor do fim da desigualdade e exclusão social. Os trabalhos da educação informal são voltados a projetos que visam a promoção da cultura, artes e educação para indivíduos que possuem dificuldades no acesso à educação.

Nesse sentido, Gohn (2014) enfatiza que, por intervenção de convênios, os projetos ligados à educação não formal são associados à escola a fim de fortalecer os elos entre os conhecimentos construídos na escola e nos espaços da educação não formal. Gadotti (2005) ressalta que a educação não formal não é contrária à educação formal, mas que a sua abordagem é mais flexível, aberta a incluir as aprendizagens cotidianas e envolvida com o processo de desenvolvimento da autonomia do aluno. A educação não formal promove acesso da educação até alunos em tratamento hospitalar, comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas e população da zona rural, respeitando a sua história de vida.

Fonseca (2008) ressalta que, o ambiente hospitalar é considerado impessoal, ainda que seu objetivo principal esteja relacionado ao cuidado dos indivíduos enfermos até que melhorem. O aluno em tratamento hospitalar, a partir desse tratamento impessoal, causado pela rotina hospitalar, sente-se reduzido a ser o paciente que dorme naquele leito, toma determinados

remédios e recebe a visita de médicos. Muitas vezes, esse tipo de rotina causa ao enfermo esquecimento de sua identidade como pessoa, das suas atividades de lazer e da sua vontade de aprender. Nesse contexto, a pessoa em tratamento hospitalar supõe que a sua autonomia, enquanto um indivíduo que pensa e age, está suspensa em consequência da rotina de tratamentos e presume que a sua evolução como um ser pensante só poderá ser recuperada após a sua saída hospitalar.

Ao refletir sobre a inclusão da educação no ambiente hospitalar, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) determina que, independente de idade, o acesso à educação e aos seus processos devem ser igualitários. O Art. 3ª defende que o ensino seja ministrado, baseado no princípio de “[...] igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.” (BRASIL, 1996-2010, não paginado). Desse modo, a Classe Hospitalar objetiva um atendimento pedagógico que acolha e sane as necessidades educacionais dos alunos enfermos. Neste sentido, a prática do ensino em classe hospitalar concentra-se na alfabetização e nos aspectos básicos educacionais. A sua proposta é ampliar e disponibilizar o acesso à educação, sem que a ela seja interrompida.

Na atual sociedade onde a comunicação entre pessoas pode ser realizada por meio de múltiplas tecnologias de comunicação, relacionam-se com outras pessoas que estão em outros países ou até na mesma casa e têm em mãos dispositivos móveis para pesquisa ou lazer, a educação pode se fazer presente com uso das tecnologias em sala de aula, nas quais estão incluídos celulares e *tablets*, enquanto recursos inseridos no meio pedagógico, auxiliando o professor por intermédio de ferramentas e metodologias ativas (FADEL *et al.*, 2014).

Na execução das atividades em Classe Hospitalar, a motivação dos alunos mostra-se revigorante e essencial para a rotina dos professores e seus estudantes. Por isso, o propósito deste projeto é criar em conjunto com os professores, um livro didático digital para os orientar sobre as viabilidades da inserção do uso de aplicativos digitais no contexto da Classe Hospitalar, como uma possibilidade pedagógica.

O avanço no uso das tecnologias digitais nos âmbitos sociais fez com que o celular se tornasse mais acessível do que um computador ou *notebook*. Por ser prático, leve e descomplicado de utilizar, ele se transformou em um acessório comum na vida dos indivíduos. Por esse motivo, considerando a expansão das suas funcionalidades, as características dos aplicativos digitais e dispositivos móveis na educação e o atendimento pedagógico na Classe Hospitalar, a presente pesquisa se propõe a responder ao seguinte questionamento: de que forma os dispositivos móveis e aplicativos digitais podem auxiliar no processo pedagógico dos estudantes hospitalizados no “Abc Nefro” do Hospital Universitário da Universidade Federal

do Maranhão - Unidade Presidente Dutra?

1.1 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é compreender junto aos docentes, as práticas pedagógicas da Classe Hospitalar “ABC Nefro” no intuito de propor um material didático digital para professores, com sugestões de utilização de recursos digitais móveis e aplicativos digitais com estudantes hospitalizados no HUUFMA.

Os objetivos específicos são:

- a) Analisar o planejamento pedagógico da Classe Hospitalar junto aos professores do “ABC Nefro”;
- b) Verificar aplicativos e metodologias possíveis junto a literatura que possam se adequar às necessidades dos estudantes do “ABC Nefro”;
- c) Elaborar um Material didático digital no formato de E-book, com sequências didáticas para utilização de dispositivos móveis, aplicativos na educação para exploração do público educacional do “ABC Nefro”.

O acesso à educação é entendido como um direito básico para todos os indivíduos. A ausência da educação na vida do ser humano obstrui o desenvolvimento da autonomia no processo de interpretação do aluno diante do meio em que ele está inserido. Portanto, faz-se necessário possibilitar permanentemente, o resgate do valor da educação na vivência do aluno, como um ato de entretenimento, requisito para a emancipação social e promoção da cidadania.

O atendimento pedagógico ao aluno em tratamento hospitalar torna-se essencial, por intermédio dele o aluno poderá participar das atividades e minimizar o sofrimento durante o tratamento, além de favorecer a reinserção escolar no curso ao qual está matriculado ou fazer uma nova matrícula pós-tratamento/alta médica. Tanto a Constituição Federal de 1988, quanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) definem como direitos fundamentais das crianças e adolescentes brasileiros o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1988; 1996; 2010). Em concordância com o que determina a Constituição Federal (CF), entende-se que a educação é um direito de todos. Sendo assim, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 - enfatiza que:

O Título I - da Educação - artigo 4º declara:

Art. 4º O dever do Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

III- Atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino.

VIII- Atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático - escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde (BRASIL, 1996, não paginado).

A partir do direito à educação, aprendizagem escolar e tratamento digno às crianças e aos adolescentes hospitalizados, as atribuições das Resoluções nº 041/1995, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) art. 9 e nº 053/ 2016 do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de São Luís – MA (CMDCA) ratificam a LDB. Outrossim, de acordo com as Diretrizes para a Proteção e Garantia dos Direitos Constitucionais e Estatutários inerentes à aprendizagem escolar e tratamento digno de Criança e Adolescente Hospitalizados. Art.1 e 4 como segue:

Art. 08- Direito a ter conhecimento adequado de sua enfermidade, dos cuidados terapêuticos e diagnósticos a serem utilizados, do prognóstico, respeitando sua fase cognitiva, além de receber amparo psicológico, quando se fizer necessário.

Art. 9- Direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante a sua permanência hospitalar.

Art. 1- Tratamento de saúde que corresponda às suas necessidades físicas, afetivas e educativas;

Art. 4- Aprendizagem escolar e recreação no ambiente hospitalar, abrangendo o ensino infantil, fundamental e médio, bem como o acompanhamento curriculum escolar, durante toda a internação [...]. (SÃO LUÍS, 2016, p. 6).

Com base no exposto acima, infere-se que a ideia de educação é um direito assegurado em todas as leis que protegem os cidadãos brasileiros. A questão da importância da Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar oferecido às crianças, adolescentes e adultos hospitalizados, que precisam se afastar da escola por períodos longos em razão do tratamento de saúde, implica a efetividade do acesso dos alunos à aprendizagem significativa.

O interesse pela temática se manifestou desde o período da graduação da pesquisadora, ao encontrar com a cinzenta realidade de que temáticas transversais na educação e a inclusão de propostas que visam a cultura e suas diversidades, sociedade e a construção do seu empoderamento educacional e da cidadania do estudante como um ser humano com suas singularidades, eram percebidas como algo que deveria ser abordado apenas no papel e não nas práticas pedagógicas. Obviamente, as disciplinas obrigatórias são importantes, mas isso não significa que as abordagens sociais devem ser deixadas de lado, visto que vivemos em uma sociedade plural e miscigenada, nos quais estas formações educacionais devem envolver conhecimento de mundo e sobre o estudante como um indivíduo que pode realizar mudanças

ambientais e sociais na sociedade em que ele está inserido.

Manter o estudante fechado apenas nas disciplinas obrigatórias, sem incluir a interdisciplinaridade que reúne as disciplinas, fazem com que os conteúdos obrigatórios ministrados em sala de aula não dialoguem com sua realidade, que a reflexão e o ato de pensar criticamente sobre ele mesmo e o mundo não aconteça de forma orgânica. Desde a graduação, a pesquisadora sempre enxergou estudantes como indivíduos que têm suas singularidades, sua personalidade e algo a acrescentar em sala de aula, com suas ideias e seus pontos de vista ou conhecimentos. Passando por processos de formação, desenvolvendo sua individualidade e interagindo com seus amigos e professores, com ou sem dispositivos móveis em suas mãos. Contudo, ao se tratar de estudantes que precisam pausar suas idas à escola e precisam interromper sua rotina habitual para realizar ou ficar por várias semanas, os processos educacionais dos estudantes mudam de maneira brusca.

Dependendo dos casos, necessitam se afastar permanentemente da sua escola, se adaptar a uma nova realidade no hospital e continuar com seus estudos em Classe Hospitalar. De forma que os seus processos sociais, afetivos e construção de sua individualidade são afetados por esta linha de mudanças, a dissertação é motivada pelo fortalecimento de procedimentos que venham a reunir sugestões para o corpo docente, que visam a incorporação de sequências didáticas fundamentadas nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) com a inclusão de dispositivos móveis e aplicativos digitais para o conforto dos estudantes.

Devido ao uso de soro e medicações aplicadas na veia durante os tratamentos, a coordenação motora do aluno em tratamento hospitalar fica comprometida e atinge a sua escrita e o seu aperfeiçoamento com o uso do lápis, papel e livros. A utilização de dispositivos digitais, tal como o celular, não exige um esforço do aluno, principalmente em um momento de tratamento, já que ainda o diverte enquanto aprende. Diante do exposto, pretende-se com esta pesquisa auxiliar alunos e professores durante as aulas na Classe Hospitalar, a elaborar possibilidades viáveis do uso de aplicativos digitais e incorporar metodologias ativas nas atividades pedagógicas no hospital.

2 A CLASSE HOSPITALAR: sua história, seus conceitos e suas metodologias pedagógicas

2.1 Educação não formal

Segundo Gadotti (2012, p. 1), “[...] a educação é um fenômeno complexo, composto por um grande número de vertentes, tendências enraizadas em culturas e filosofias diversas.” Por ter essa composição, a educação assume várias formas, internalizada nos institutos formais e informais na sociedade e se destaca por sua função política e transformadora, ao proporcionar o alcance à alfabetização social, científica e à cidadania.

De acordo com Paulo Freire (1989, p. 41), a ação de alfabetizar é um ato de criação, na qual se envolve um processo de entendimento pelo que o alfabetizando lê e escreve, sem reduzir o ato de ensinar da escrita como uma decodificação de letras ou memorização. O autor defende que este procedimento implica autoformações que ocorrem durante o ensino, promovendo transformações reflexivas sobre o contexto que o estudante está inserido (FREIRE, 1989). Estes são uns dos efeitos da educação na vida do educando, se transformando em um cidadão atuante que não apenas lê e escreve, mas participa ativamente dos processos sociais de sua comunidade. A educação se constrói durante a troca de informações, que se converte em conhecimento e cria elos entre os indivíduos.

Evidentemente, nem toda informação pode se transformar em conhecimento, visto que falsas informações e notícias são repassadas de modo aberto e ampliado graças às Mídias Sociais. Entre convívios nas instituições sociais, a educação reside e se apresenta na medida em que os indivíduos são inseridos nestas instituições, tais como: escolas, igrejas, centros comunitários e organizações não governamentais que visam agregar indivíduos que buscam ampliar seus conhecimentos. Porém, a inserção dos indivíduos nestas instituições sociais não é totalmente igualitária, em consequência da marginalização de pessoas que não se enquadram em fatores sociais, tem a saúde fragilizada, ou falta de moradia. A ausência do acesso à educação implica o desenvolvimento social e de cidadania, em virtude das possibilidades que a educação promove aos que passam pelos processos educacionais de ensino e aprendizagem.

Bruno (2014, p. 13) elucida que “[...] na educação não formal, a finalidade consiste em abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos, bem como das relações sociais que este estabelece.[...]” A autora explana que, ao incorporar a educação na vivência dos alunos, os objetivos são desenvolvidos a partir das interações sociais dos envolvidos, não contém a delineada divisão seriada por níveis ou idade, com a finalidade de unir os alunos por intermédio da educação e os processos que a cercam. Bruno (2014) descreve

que os procedimentos da educação não formal não se organizam com a mesma sistematização ou transmissão da educação formal.

Com isso, os processos metodológicos dependem do espaço em que a aula e os alunos se fazem presentes. Logo, os objetivos metodológicos da educação não formal, de acordo com Gohn (2014), nascem a partir das problematizações das vivências pelos grupos de alunos e com as temáticas de conteúdos que se mostram ausentes na realidade educacional dos estudantes. Com essa organização que busca atender às necessidades sociais e educacionais do seu público-alvo, a educação não formal envolve educação e socialização de indivíduos que não obtiveram acesso à educação formal.

Gohn (2014) explica que é necessário delimitar as diferenças entre os conceitos da educação formal, informal e não formal, a autora citada afirma que a educação formal se classifica como a educação que se desenvolve na escola com um currículo escolar estabelecido, a informal se faz durante as informações trocadas e dialogadas durante seus processos de interação com outros indivíduos, e a não formal se realiza a partir de um conjunto das práticas socioculturais das aprendizagens e elaboração de conhecimentos que são feitos por organizações, institutos e programas sociais que envolvem atividades variadas.

A autora também indica que os processos da educação não formal são diversos em seus procedimentos, tais como: a inclusão de saberes políticos que visam a cidadania efetiva dos indivíduos, a formação e capacitação dos estudantes para que sejam incluídos no mercado de trabalho, mediante a ativação de competências dos estudantes, acessar conteúdos e aprendizagens que proporcionem os estudantes um olhar reflexivo em relação ao mundo. “São processos de autoaprendizagem e aprendizagem coletiva adquirida a partir da experiência em ações coletivas, podem ser organizadas segundo eixos temáticos: questões étnico- raciais, gênero, geracionais e de idade, etc.” (GOHN, 2014, p. 41).

A atuação da democratização da educação de fácil acesso, para todos que a buscam, ocasiona na oportunidade do indivíduo ser inserido no mundo, não apenas recebendo a educação aos poucos ou sem a receber por completo. Conforme Garcia (2008), esse modelo educacional se faz necessário a partir do momento em que se reconhece que a educação se constrói além dos horizontes do formar e informar, incluindo a arte e a cultura. A educação não formal se faz além dos muros da educação formal e implica adoção de metodologias que se adequam com quaisquer necessidades educacionais que afligem os educandos, ocasionando na multidisciplinaridade da educação informal.

A educação, seja ela formal, não formal ou informal, objetiva a ação de proporcionar transformações por intermédio do conhecimento. O acesso à alfabetização, à

leitura, e a oportunidade de conhecer e compreender o mundo que cerca o educando é vital para ser e fazer a diferença na família, no bairro ou município. Sendo assim, educação deve se fazer presente para quem a necessita e deve ampliar os saberes que já fazem parte da vida dos alunos. Assim como os espaços não governamentais, museus, centros comunitários ou igrejas, a educação também se faz em espaços hospitalares. Alarcão (2001) caracteriza a função da escola como instituição que prepara os que fazem parte dela, como educandos, para que sejam cidadãos. Porém, a autora destaca que, a escola não pode ser idealizada tal como uma estrutura de preparação para a vida, a escola é nada mais do que a própria vida.

Ao se deslocar até onde o estudante está e ter a flexibilidade de se adaptar de acordo com as necessidades dos estudantes, a continuidade da vida educacional o acompanha nas etapas da vida, nas quais ele precisa se afastar da sala de aula formal e cuidar de sua saúde no hospital de acordo com os tratamentos hospitalares. Em razão do deslocamento do ambiente de ensino e aprendizagem, ocasionados pelo tratamento hospitalar dos alunos, o hospital se converte em um espaço que se adequa perante às necessidades físicas e mentais de seus pacientes, incluindo a acessibilidade da harmonização entre a educação e a saúde.

A classe hospitalar se configura como espaço de aprendizagem da educação não formal, na qual indivíduos que foram hospitalizados permanecem em tratamento hospitalar ao mesmo tempo em que o ano letivo escolar avança com seus conteúdos e atividades. Ademais, a classe hospitalar defende o prosseguimento da educação para a pessoa em tratamento hospitalar e alfabetização de adultos que se encontram em tratamento duradouro. De acordo com Fontes (2005), o atendimento pedagógico hospitalar viabiliza possibilidades de conhecer e ter entendimento do espaço em que ele está, ao ampliar os significados sobre o espaço hospitalar e a sua identidade.

2.2 Classe hospitalar no Brasil: panorama sobre as estratégias pedagógicas das classes hospitalares

Ao viabilizar a continuidade da promoção da educação para alunos em tratamento hospitalar, a classe hospitalar possibilita que a reinserção do aluno à escola seja facilitada e motivada com o auxílio de atividades pedagógicas. Em concordância, Fontes (2008) ressalta que estas atividades contribuem para o conforto da pessoa em tratamento hospitalar, o envolvendo em dinâmicas lúdicas e introduzindo novos conhecimentos. Sendo assim, ao romper com o paradigma de imagem do ambiente hospitalar, a partir destas propostas pedagógicas, a perspectiva da criança ou adolescente hospitalizado se altera mediante as

intervenções das práticas e o espaço se torna um local de cura, confiança e aprendizagem.

De acordo com Cardoso, Silva e Santos (2012), a pedagogia hospitalar é elaborada com os propósitos de suprir necessidades educacionais, ocasionadas devido à descontinuidade dos estudos em razão de tratamentos hospitalares. O planejamento pedagógico, em decorrência do espaço, historicidade e condição hospitalar dos estudantes, consiste na reestruturação de aulas, avaliações e abordagens pedagógicas, que antes consistiam na execução de suas atividades em sala de aula regular, mas no espaço hospitalar baseiam-se na continuidade dos processos de aprendizagens do estudante para que o percurso educacional não seja dificultado após alta hospitalar.

Fontes (2005) esclarece que essa forma de atendimento educacional, para estudantes em tratamento hospitalar, atua a partir do modelo da “Classe Hospitalar Jesus”, considerada como a primeira classe hospitalar brasileira, operando suas atividades no Rio de Janeiro. Segundo a autora, a Classe Hospitalar apresenta duas vertentes de abordagem pedagógica. Fontes (2005) descreve, ainda, que uma vertente aplica os processos educacionais baseados nos procedimentos de ensino e aprendizagem da escola formal, cujo objetivo é o de aproximar os estudantes afastados da escola, mais próximos de atividades familiares à sua rotina escolar.

A abordagem utilizada induz o estudante a refletir a respeito dos conteúdos discutidos na escola por ele frequentada, e a reduzir as chances de evasão escolar após a alta hospitalar. A outra vertente, defende que a forma de ensino realizada em classe hospitalar deve passar por adaptações metodológicas, teóricas e com procedimentos que possam abranger as necessidades específicas do ensino para pacientes afastados da escola por decorrência de tratamentos de saúde. Os procedimentos se divergem nas suas concepções de ações pedagógicas em classe hospitalar, porém encontram-se no objetivo principal de incorporar fundamentos de metodologias da educação para os alunos, e os amparam diante dos descompassos dos processos educacionais que o tratamento contínuo estabelece na vida escolar e social do estudante.

Contudo, a Classe Hospitalar não se iniciou sem uma longa história de lutas pelo reconhecimento de pessoas enfermas afastadas da escola. Conforme Ramos (2007), nos primórdios de 1935, a França proporcionava atendimento educacional para pessoas com graves enfermidades. Em concordância, Esteves (2013) esclarece que a primeira Classe Hospitalar teve seu início em um contexto de guerra, na qual os cidadãos eram acometidos por racionamentos de comida, mutilações desferidas por soldados ou declínio de saúde dos mais jovens e mais velhos. Ali, inicia-se a percepção da humanização do setor hospitalar pela pessoa hospitalizada, reconhecendo que possui direitos à educação.

Segundo Vasconcelos (2005), a Classe Hospitalar teve seu surgimento em 1935 por Henri Sellier, na França, em uma época de crise histórica, no qual o mundo estava em momento de recuperação depois da guerra mundial. Civis e soldados com profundas escoriações ao corpo, crianças com severos problemas de respiração e tuberculose. Fato que alcançou a atenção de médicos e funcionários, visto que os civis de países europeus necessitavam de extensos cuidados, o que afetaria a rotina escolar das crianças enfermas. Então, a solução de Henri Sellier foi reproduzida no resto da Europa e as intervenções do atendimento pedagógico tornaram-se algo concretizado nos hospitais dos arredores de Paris. Com isso, em 1939 é elaborado o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada de Suresnes (CNEFEI), centro que tem como finalidade a de formação de educadores para as especificidades dos trabalhos do professor em Classe Hospitalar.

A Classe Hospitalar define-se pelo atendimento educacional aos alunos que estão em tratamento hospitalar, incluindo crianças, jovens e adultos. Seus objetivos se concentram em atender alunos que estejam matriculados na escola ou adultos que ainda não foram alfabetizados, incluindo os estudantes neste espaço de cura, apresentando palavras e os inserindo na sociedade como cidadãos por intermédio da alfabetização.

Já no Brasil, o atendimento pedagógico hospitalar se estabelece no Rio de Janeiro, com a Classe Hospitalar Jesus, iniciada em 1950. Segundo Ramos (2007), a Classe Hospitalar Jesus e seus trabalhos eram prestados com alunos afastados da escola em decorrência de enfermidades, sem vínculos com departamentos de Educação. Porém, em 1960, “[...]o diretor Álvaro Palmeira, exigiu a instalação de salas de aula para que o trabalho escolar pudesse ser desenvolvido em ambiente próprio, pois até então todo o trabalho era feito no leito [...]” (RAMOS, 2007, p. 54) Diante do êxito da incorporação de alunos hospitalizados em contexto educacional, a autora supracitada declara que, em 1990, a Secretaria Municipal de Educação, concomitante a Resolução 392 de Julho de 1990, define que a Classe Hospitalar seja integrada à escola G. H. de S. Mello.

Ação que se amplifica de forma diversa no território nacional, com a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Declaração de Salamanca, Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) e Lei de Diretrizes e Bases (LDB), legislações que protegem e defendem os direitos da criança e do jovem, de ter educação digna, mesmo que esteja afastado da escola por motivos de saúde. Todavia, Pacco e Gonçalves (2019) destacam que, em sua revisão sistemática da literatura, dos 233 estudos analisados durante a investigação a respeito da identificação do estado de atendimento educacional hospitalar entre 2013 e 2018, os estudos concentram-se em 55,3% nas práticas pedagógicas executadas em

Classe Hospitalar, 21,4% na atuação docente e 21, 4% na organização e no funcionamento da Classe Hospitalar. Esses dados demonstram que investigações acerca do acesso à educação para pessoas em tratamento hospitalar são em sua maioria pautadas em estudos de cunho sobre relato de experiência e análises a respeito das funcionalidades, buscando explorar este âmbito educacional.

As investigações a respeito da Classe Hospitalar e seus recursos metodológicos, para promover a educação e a humanização do espaço hospitalar, compuseram o caminho teórico e prático para guiar o caminho de professores que desejavam estudar sobre esta área da pedagogia. Com a prática pedagógica produzida e desenvolvida por meio do cotidiano pedagógico, Ortiz e Freitas (2005) complementam que a formação do professor na classe hospitalar se faz no espaço no qual o atendimento educacional se mostra emergente e busca fundir a educação com saúde, desenvolvendo o espaço hospitalar em um local de cura e aprendizagem.

A mediação do professor nestes espaços, nos quais o educando se encontra em um estado físico e psicológico de vulnerabilidade, se faz na escuta ao aluno e nas adaptações nas abordagens pedagógicas para melhor atender este aluno. Fontes (2005) evidencia que os ciclos de atividades perpassam por duas vertentes de abordagens. Segundo Fontes (2005), a primeira vertente se faz baseado na abordagem que usa a ludicidade como elo de comunicação entre o professor e o aluno hospitalizado, proporcionando a criação do momento de distração e esquecimento do ambiente hospitalar. A segunda vertente contém a ludicidade, porém incluem quebras de paradigmas e a desconstrução da imagem negativa do ambiente hospitalar. A autora supracitada ainda complementa que, com estas vertentes e este cuidado na aproximação do professor para com o aluno em tratamento hospitalar, as tensões ou resistências deste aluno se dissipam e dão lugar a relações de confiança, no que se refere às práticas pedagógicas entre alunos e professor.

Essa segunda vertente desmistifica não apenas o espaço em que o aluno está, como também o faz refletir a respeito da sua situação como um indivíduo que pensa, almeja alcançar metas pessoais ou profissionais e que não permanecerá como paciente durante sua vida. O paciente não é apenas um agrupamento de diagnósticos, ou um paciente que deve permanecer em repouso e deixar rotinas escolares ou processos de alfabetização para o momento após a saída do hospital. Assim, uma pessoa como qualquer outra, o indivíduo que se encontra no hospital, em virtude de tratamentos, tem desejos por retomar rotinas e ações que o façam lembrar das atividades realizadas antes da internação. Consequentemente, a implementação de exercícios e dinâmicas na classe hospitalar, sem a adaptação correta para os alunos, pode vir a

ter o efeito contrário do esperado e fazer com que o aluno se sinta desmotivado ou alheio à possibilidade da retomada de sua vida escolar.

Por esse motivo, a ludicidade é precisa não apenas na motivação, mas na inclusão da diversão como aspectos da aprendizagem. Luckesi (2014, p. 18) esclarece que a “[...] ludicidade é um estado interno, que pode advir das mais complexas atividades e experiências humanas.” E, além disto, a ludicidade obtém a singularidade de não se configurar apenas pelo ato das atividades ou da mecânica utilizada na dinâmica para instigar motivação e entretenimento, ela se faz a partir do estado de cada sujeito. Luckesi (2014) determina que as experiências lúdicas não são semelhantes para seus participantes, o que implica que a ludicidade se faz de dentro para fora e não o contrário. Por isso, a ludicidade, como ação pedagógica, deve ser organizada e desenvolvida baseada nas assimilações dos alunos sobre o espaço em que eles estão, sua condição psicológica, e se as dinâmicas lúdicas os envolvem como um grupo.

Ao cruzar as definições de Luckesi sobre a ludicidade, entende-se que a abordagem voltada ao ensino em espaço de atendimento hospitalar, segundo Simancas e Lorente (1990 *apud* SOUZA; ROLIM, 2019), é ilustrada pela atenção direcionada à comunicação entre professor e aluno, baseada no diálogo são essenciais e tão importantes quanto o objetivo de promover atendimento educacional para os alunos em tratamento hospitalar. Visto que os alunos se encontram em circunstâncias nas quais estão afastados de sua vida habitual como aluno e como indivíduo, o resgate da autonomia e da leveza de interações sociais, ocasionadas por meio da educação, é essencial que essa a principal estrutura da pedagogia hospitalar não seja apenas a do ensino, mas sim na construção do elo de confiança, na qual possibilita que o educador consiga desenvolver dinâmicas lúdicas que proporcionem a união do ensino e divertimento para o aluno em tratamento hospitalar.

As duas linhas de abordagens metodológicas possuem formas diferentes de trabalho, mas o seu objetivo ainda é o mesmo: possibilitar o acesso à educação. O acesso à educação é vital para que os alunos se sintam incluídos de volta em seu cotidiano de sala de aula e realcem sua atenção para as coisas e fatos que aprendem com o passar das semanas. Porém, a adaptação da ludicidade e da leveza das brincadeiras que a classe hospitalar promovem, influenciam na aceitação dos alunos em relação aos professores e aos conteúdos educativos apresentados aos alunos em tratamento hospitalar.

Os processos metodológicos da classe hospitalar são, acima de tudo, pautados na humanização do atendimento ao indivíduo hospitalizado. Mattos e Mugiatti (2009) estabelecem que neste cenário hospitalar a educação age tal como uma força impulsionadora, visto que com a inclusão da mesma, os potenciais de cada indivíduo, a manifestação das consciências e o

reconhecimento de si mesmo. As autoras evidenciam que esta característica transformadora, que a educação proporciona, impulsiona o desenvolvimento do aluno sobre como ele se percebe e como vê o ambiente em sua volta. A inclusão da educação nos processos de cura e repouso incitam na possibilidade de modificar o ambiente, que antes era visto por ser um espaço medicinal e clínico, em um local em que as situações de tristeza são subjugadas por momentos de aprendizado, conversas e risos.

A classe hospitalar não se resume à transferência de metodologias e do padrão de ensino da educação formal, ela consiste em algo que vai além da educação. Implica o ato do equilíbrio da educação e saúde, criando a ambientação propícia para a humanização no mesmo ambiente em que os alunos vivenciam experiências. Essa humanização não se faz aos poucos, reside na constante prática do diálogo que se dedica a desenvolver o pensamento crítico do estudante.

Considerando o espaço hospitalar como um lugar no qual os pacientes se encontram distante de amigos, familiares e de sua rotina tal como aluno, a configuração do que era habitual antes do tratamento ou internação, se torna afetado em razão do cotidiano hospitalar em que o indivíduo está. Freire (1969) especifica que para estar completamente no mundo é preciso estar aberto ao mundo e o entender ao ponto de construir ações que possam transformá-lo. A ação de transferir conhecimentos e esperar que estudantes absorvam conteúdos não é suficiente. Ou seja, “Não é simplesmente responder a estímulos, porém algo mais: é responder a desafios.” (FREIRE, 1969, p. 1).

Esses desafios que Freire aborda se fazem em mudanças metodológicas nas práticas de ensino e na desestruturação da arquitetura do professor como objeto central de conhecimentos de alunos prontos para receber a sabedoria advinda do docente. Freire (1969) descreve que ao exercitar a problematização do conceito da educação, e ao posicionar o homem como parte do mundo em conjunto com suas problemáticas, o aluno é apresentado à adversidades que não vivencia regularmente ou desconhece, de modo que é instigado a construir uma posição mais reflexiva diante das problemáticas que se apresentam para ele, tal como para qualquer indivíduo.

Assim, a educação se faz além do alfabetizar e da reprodução de conteúdo, ampliando o pensamento crítico e incorporando o professor como mediador dos processos de aprendizagem. Os procedimentos que encaminham professor e aluno até a finalidade de alcançar a educação, que amplia o papel de ambos na configuração do andamento em sala de aula, não se fazem de imediato. Exige planejamento por parte do professor, visto que a educação reflexiva demanda que o aluno assuma um papel de destaque, na qual sua voz e seus

conhecimentos prévios são ouvidos e julgados com seriedade.

Os objetivos do atendimento pedagógico voltado ao aluno hospitalizado têm por finalidade prover educação de qualidade e facilitar o processo de continuidade da formação educacional. Porém, para concretizar esses objetivos, Fonseca (2015) delimita que se encontra a necessidade de desenvolver propostas curriculares flexibilizadas, auxiliar o retorno do aluno para a escola regular, e promover o acesso à educação e seus processos de aprendizagens, ajustadas para o aluno em tratamento hospitalar. Com o objetivo de que a educação seja renovadora e suas metodologias sejam cabíveis para o espaço em que o aluno está, possíveis recursos para que o professor inclua ferramentas metodológicas que podem revigorar e impulsionar a aprendizagem dos alunos, tais como dispositivos móveis, em conjunto com a mediação dos professores.

Tal como a escola formal se faz, mediante as mudanças constantes da sociedade, alterando suas metodologias em acordo com os indivíduos que passam por ela. Ao organizar os processos de ensino e aprendizagens para que seja benéfico para o desenvolvimento dos conteúdos administrados em sala de aula, as metodologias amparam o professor no que se refere às múltiplas formas de apresentação dos conteúdos e das informações que compõem o currículo educacional. Consequentemente, Berbel (2011) descreve que as informações são insubstituíveis para a formação do indivíduo como um cidadão que faz parte da sociedade, contudo, ao exteriorizar estas informações em um método de reprodução, acaba por conduzir os estudantes para uma atividade constante de ouvinte, na qual seus processos de construção da autonomia. Independência que se faz por entre ações que despertam o ato de solucionar problemáticas, reunir informações e transformar em conhecimento coletivo, conhecimento este que se faz mediante a educação que busca a reflexão dos seus estudantes e os instiga a deixar o papel de depósito de informações.

Alarcão (2001) ressalta que os processos que constroem a transformação da escola e da sua historicidade conservadora, para uma escola emancipadora e que promove a autonomia, não se realizam em questão de poucos dias, a autora enfatiza a dificuldade em perpassar estruturas tradicionais e refazer o que já era estabelecido como um processo pedagógico finito. Contudo, no objetivo de incluir tais mudanças que modificam os processos metodológicos que abordam a memorização e reprodução, o ato da transformação é necessário. Para chegar até esta finalidade de tornar o espaço escolar que reflete e faz com que seus estudantes considerem a mesma ação dentro e fora da sala de aula, perguntas devem ser feitas pelo discente.

O procedimento de questionar as suas metodologias e suas visões sobre a educação levam o professor a refletir sobre seu papel social para o estudante e a comunidade que cerca o

espaço escolar. O ambiente educacional é um local de reconstrução de ideias e abordagem de conhecimentos necessários para potencializar as habilidades do estudante, mediante às metodologias que o incentivem a compreender os conteúdos debatidos em sala de aula sem que o papel de receptor de informações lhe seja atribuído. Negreiros (2018) indica que as alternativas de variações das metodologias podem levar à melhoria da aprendizagem e da avaliação, com o auxílio de procedimentos nos quais propiciam o aprimoramento do raciocínio rápido, a construção de estratégias de resolução de problemas e incentivam o estudante a compreender o seu papel como um ser ativo, no que se refere ao discernimento de conhecimentos discutidos em sala de aula.

No que concerne às práticas pedagógicas que envolvem a classe hospitalar, Ortiz (2012) elucida que as práticas são acentuadas na não formalidade nos momentos educacionais, porém o suporte pedagógico também se constrói nas estruturas curriculares da união entre a saúde e a educação. Em suas rotinas educacionais, a autora cita que no espaço onde o aluno permanece recluso em um ambiente de cura temporário ou indeterminado, em consequência de doenças crônicas ou não, o professor e a sua função como mediadores da aprendizagem se tornam eficazes no desenvolvimento intelectual do aluno, não somente pela figura do educador, mas pelo o elo profissional entre os mundos educacionais e da saúde. A ligação entre esses dois mundos, anteriormente distantes para os alunos, se encontram mesclados em uma situação na qual os alunos em tratamento não estavam habituados.

O dia a dia experienciado nos convívios em sala de aula, as atividades que valiam pontos sagrados ao fim do semestre, o ato de escrever palavras sem sentir desconforto, conversar com amigos e brincar nos momentos de recreação, são privados da criança ou jovem durante os momentos de internação em consequência de tratamento hospitalar. Lembranças escolares, que antes traziam recordações boas, para o aluno em tratamento hospitalar, a saudade dos colegas e das práticas escolares, se mostram dolorosas

Entretanto, Vasconcelos (2015) define que a criança em tratamento hospitalar, e a socialização dela, ocorre de acordo com a escolarização, o que ela representa para a criança que sente a ausência das ações cotidianas da escola e seus processos educacionais. A autora exemplifica que, ao contrário do isolamento entre os indivíduos em tratamento, eles interagem e compreendem seus contextos em relação à continuidade de seus processos de aprendizagem, em conjunto. A Classe Hospitalar promove a inclusão dos alunos afastados de sua sala de aula habitual, para um ambiente nos quais a educação se insere de forma mais flexível e considerando a situação em que o estudante está.

Gomes e Rubio (2012) caracterizam a Classe Hospitalar por diversificar atividades

e a assistência multisseriada, que abarcam crianças e adolescentes internados. Assim como Vasconcelos (2015), Gomes e Rubio (2012) corroboram a sociabilização da criança/jovem em tratamento hospitalar, que é considerada como um dos objetivos primordiais da educação hospitalar, visto que, para os autores, a classe hospitalar obtém como uma de suas finalidades recuperar a sociabilização da criança ou do jovem no processo de inclusão, por intermédio da educação e possibilitando o seguimento gradual da aprendizagem destes alunos, sem que sofram as adversidades de conteúdos escolares acumulados após a alta hospitalar e que sejam atendidos por profissionais capacitados para amparar as necessidades cognitivas e psíquicas dos alunos em Classe hospitalar.

As práticas pedagógicas consistem na adaptação de procedimentos educacionais formais que, no momento em que ocorrem em Classe Hospitalar, sofrem mudanças no currículo educacional para que os professores atendem os alunos em tratamento hospitalar e seja construído um local onde não apenas os alunos deem prosseguimento aos conteúdos seguidos na escola, mas possam resgatar sua identidade como indivíduos com singularidades, pensamentos críticos e compreensão sobre os acontecimentos além dos muros hospitalares.

Ceccim (1999) revela que a práxis educativa executada na Classe Hospitalar, apesar de ter como fonte as práticas vivenciadas na educação formal, os procedimentos educacionais pautados na proposta “educativo escolar” não transformam a classe em escola formal, mas acrescentam a assiduidade e responsabilidade em relação às circunstâncias da aprendizagem formal dos alunos em tratamento hospitalar. O autor ressalta que o atendimento deve incluir os pais, acompanhantes e a escola de origem do estudante, com o objetivo de que, após o momento de alta do estudante para a sua escola habitual, os professores da classe contribuam para as escolas de origem do educando.

De acordo com Medeiros (2018), as ações pedagógicas do professor não devem se resumir em distrações para que a criança ou jovem se mantenha ocupado durante o tempo de internação, ou preencher este período com atividades recreativas que enfatizam somente as brincadeiras. Medeiros (2018) entende que o professor que ensina no ambiente hospitalar precisa ter a compreensão sobre as pluralidades encontradas em cada história por detrás de cada criança e adolescente, considerando que os processos de aprendizagens demandam que os estudantes tenham seu espaço e tempo para organizar seus pensamentos e conhecimentos adquiridos. A autora define que o trabalho educacional em Classe Hospitalar deve ser dinâmico e educativo, incluindo de forma lúdica e interligando questões a respeito da vida cotidiana do estudante com o cenário atual em que ele está, para que o mesmo não perceba seu atendimento medicinal e educacional como algo excludente ou que o deixe isolado da sociedade.

Corroborando o pensamento da autora, Ortiz (2012) descreve que na pauta metodológica sobre o atendimento educacional em ambiente hospitalar, ocorrem duas programações desiguais. Em uma metodologia voltada para internações de curta duração, a concentração do atendimento pedagógico é voltada para as dificuldades em relação às aprendizagens encaminhadas pela escola de origem ou nos exercícios realizados em Classe Hospitalar. Na segunda metodologia, direcionada para internações de extensa duração, a metodologia pensada para que os estudantes construam a vontade de continuar com os estudos e prosseguir até a vida acadêmica.

As duas vertentes estabelecem como principal finalidade a de desenvolver alternativas para que os estudantes em atendimento hospitalar tenham a possibilidade de ressignificar sua identidade como um indivíduo que é mais do que um paciente, mais que um diagnóstico e sintomas. A metodologia é analisada com mais precaução, visto que, de acordo com a situação dos estudantes em virtude da internação hospitalar, é preciso que ocorram adaptações sobre as abordagens, os procedimentos pedagógicos e metodológicos para que o atendimento educacional seja benéfico para os alunos. Caso o ajuste não seja realizado, a possibilidade de complicações durante os momentos de ensino na Classe Hospitalar é alta, em razão do afastamento dos alunos com sua escola de origem por causa da internação.

A autora supracitada descreve que, segundo a delimitação de tempo em consequência do tempo e das circunstâncias do ambiente hospitalar em que o estudante se encontra, os horários são estabelecidos em comum acordo entre o corpo docente e os discentes, que são limitados conforme o nível de disposição e entusiasmo que o estudante permanece envolvido nas atividades e diálogos educacionais.

Ao que concerne ao professor, Ortiz (2012) descreve que seus planejamentos pedagógicos necessitam da compreensão acerca do prontuário do aluno e quais são os cenários educacionais e psicológicos que este aluno está inserido. Visto que os processos de escuta entre professor e alunos, no momento de atendimento pedagógico, as informações sobre os contextos dos quais o aluno faz parte, são fundamentais para elaborar não apenas um plano de aula convencional, mas sim um plano de aula com estratégias motivacionais e que promovam o engajamento dos alunos durante os momentos de diálogos, nas atividades e nas aulas.

Deste modo, as metodologias estabelecidas para os alunos em classe hospitalar precisam de elementos da sala de aula formal, onde o aluno reconheça seus ciclos de aprendizagem e, ao mesmo tempo, se sinta confortável com as abordagens pedagógicas. Ao estar em local onde se busca atendimento e cura de enfermidades, a humanização do indivíduo em tratamento hospitalar é essencial, visto que durante os processos que concernem as

internações, procedimentos de exames, rotinas feitas entre repousos e efeitos das medicações, a vida escolar é lembrada como algo distante.

Zombini *et al.* (2012) defendem que a estadia da criança não deve significar que todo seu processo educacional deve ser cancelado ou seu vínculo com a escola de origem seja perdido, e sim que o professor, em conjunto com a escola de origem do aluno, possa construir um plano educacional designado para o aluno, a fim de garantir a continuidade e a permanência da criança ou adolescente para o ano escolar posterior. O autor descreve que, ao oportunizar a classe hospitalar para a criança e adolescente, novos espaços para a educação são criados para prover a continuidade da aprendizagem e ampliar a compreensão do espaço hospitalar, por intermédio de processos pedagógicos que favoreçam a construção de conhecimentos de modo participativo e incorporem a colaboração de professores, alunos e familiares.

Nos espaços nos quais, no senso comum parecem ser lugares com finalidades diferentes, em razão de suas finalidades e objetivos, a escola e o hospital se unem em prol do crescimento e evolução da saúde mental e física do estudante, prezando pela efetivação do regresso às atividades estudantis e sociais do paciente que estava em classe hospitalar. Para que as intervenções pedagógicas concretizem um trabalho positivo, em conjunto com a equipe hospitalar, é fundamental que a formação do docente esteja articulada com as necessidades dos estudantes e com o local em que a sala de aula está inserida.

Fonseca (2002) descreve que a classe hospitalar se aplica a partir dos processos de desenvolvimento de aprendizagens, realizadas e permeadas por atividades lúdicas, com o envolvimento de acompanhantes e familiares. “E para que isso aconteça, o professor deve estar à frente dessa estrutura, gerenciando com maestria o desenvolvimento das atividades planejadas e propostas para as crianças na sala de aula no ambiente pedagógico hospitalar.” (FONSECA, 2002, p. 212). No cenário em que a criança ou adolescente está inserido no hospital em tratamento, afastado da sua escola de origem, cabe ao educador possibilitar o vínculo da escola com o hospital, para que o estudante sinta que a escola, sua educação e aprendizagem estejam aonde quer que ele vá.

Vasconcelos (2015) expõe que, no contexto de classe hospitalar, o ponto essencial na formação de professores é resgatar a importância da escola no ambiente hospitalar, evidenciar que o estudante ainda possui sua escola, apesar de sua ausência em decorrência de questões de saúde. A autora destaca que o professor deve levar em consideração o incentivo à socialização da criança em decorrência dos processos escolares, visto que no hospital, os fatores que constroem as ações sociais entre os alunos se tornam difíceis.

Desse modo, a formação do professor deve estar alinhada com as necessidades e

competências que são essenciais durante as rotinas e as práticas do educador durante suas aulas em Classe Hospitalar. Matos e Mugiatti (2009) corroboram o posicionamento da autora, definem que, tratando-se de da educação voltada para o público da classe hospitalar, o pedagogo que trabalha no atendimento pedagógico hospitalar precisa desenvolver as habilidades que competem a um novo perfil de educador, em virtude da demanda de que os profissionais nessa área tenham uma abordagem de cunho progressista. “Seu papel principal não será o de resgatar a escolaridade, mas de transformar essas duas realidades, fazendo fluir sistemas que as aproximem e as integrem.” (MATOS; MUGIATTI, 2009, p. 117).

A educação desenvolvida em Classe Hospitalar se caracteriza pelo cuidado, elaboração de atividades pedagógicas que visam a motivação e aprendizagens a partir de ferramentas lúdicas, elo entre a escola de origem do educando com a pedagogia hospitalar e a conjunção entre o ambiente hospitalar e elementos escolares que foram vivenciados pelos estudantes. Segundo Cardoso (1995, p. 89 *apud* MATTOS; MUGIATTI, 2009, p. 118), “Pretende-se com isso que se desenvolva [...] também em educandos como educadores [...] a capacidade de transformação pessoal, questão fundamental para a transformação social.”

Respaladas no pensamento de Cardoso (1995), as autoras ratificam a indispensabilidade da formação dos pedagogos que tenham como objetivos a construção de projetos criativos, engajamento e comprometimento para o atendimento à criança e ao adolescente, são consideradas competências essenciais para o docente e que as suas práticas pedagógicas sejam eficazes para a classe. Sendo assim, a formação de professores que visam ingressar como professores na pedagogia hospitalar não os prepara integralmente para os procedimentos e processos que envolvem ser um docente atuante em Classe Hospitalar. O aluno que está no leito não é o mesmo perfil de estudantes que se mostram em sala de aula, as respostas aos estímulos do professor são diferentes e as abordagens que são adequadas para a classe hospitalar se divergem dos que são inseridos na escola formal.

Fontes (2005) explana que o papel do professor demanda que ocorra ressignificação do espaço hospitalar não apenas para o estudante, mas para o docente também. Em decorrência do espaço hospitalar ser conhecido por um local de cura e repouso extenso, na sua formação, o professor precisa reconsiderar e rever a classe hospitalar como um lugar de possibilidades, troca de conhecimentos e exteriorização. A linguagem, o ato de se comunicar e escutar o que se expõe, é a ferramenta principal para a atuação do docente na Classe Hospitalar.

De acordo com Fontes (2005), na posição de ouvinte, o professor se concentra nas emoções e, com as falas expostas, a partir delas reconstrói a autoestima da criança em tratamento hospitalar, além das perspectivas de fatos, como a doença, o afastamento escolar e

como o estudante se vê, pode ser contemplado pelo professor, para que o mesmo consiga elaborar propostas de como sanar as dificuldades pedagógicas do estudante. Assim como o professor, a estadia do estudante no hospital, enquanto discente da Classe hospitalar, é feita em períodos de ajustes, em consequência dos momentos de fraqueza por causa dos sintomas de doenças ou dificuldades em movimentar as mãos para poder realizar atividades de escrita, os estudantes precisam criar soluções para evitar o desconforto durante os momentos de aprendizagens.

Para possibilitar que a educação seja agradável e benéfica, o professor elabora estratégias pedagógicas, com a finalidade de proporcionar que atividades educativas cheguem até o estudante em tratamento hospitalar, sem que ocorram desconfortos físicos e emocionais, em virtude do ritmo e da motivação do estudante que fora alterada pela internação. Porém, para que a implementação da educação em classe hospitalar seja eficaz para o estudante durante o período de internação até a volta para a sala de aula de origem, a metodologia a ser aplicada deverá coincidir com a abordagem baseada na escuta e no diálogo do professor entre o estudante.

No ambiente hospitalar, os processos educacionais são adaptados e inclusivos, se ajustando ao ritmo dos estudantes e construindo conhecimento de forma coletiva, redefinindo o espaço hospitalar como um lugar de crescimento cognitivo. Ao se pensar nessas mediações entre o professor, estudante e os conhecimentos que os cercam, Kenski (2015) fundamenta que a identificação e a reflexão sobre a importância e o que é significativo para desenvolver habilidades que sejam adequadas ao contexto educacional do professor.

Conhecer as nuances e recursos nas quais as informações são proporcionadas, sejam em forma textual, vídeo ou sonoras, aproveitando estas ferramentas de acordo com a disponibilidade do espaço e considerando as categorias de aprendizagens dos estudantes. Kenski (2015) defende que o desafio nesse contexto é o de garantir que essas aprendizagens concentrem seus interesses na compreensão no que se refere em lidar com as demasiadas informações de forma crítica e civilizada.

3 DISPOSITIVOS MÓVEIS E A INCLUSÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Silva (2014) ilustra que o aluno que está em tratamento hospitalar, normalmente permanece com uma das mãos em repouso ou imobilizadas diante da inserção de soro ou algum medicamento. Ação que dificulta o ato de escrever e ocasiona dor ou desconforto durante as atividades pedagógicas que envolvem o uso de lápis e papel durante os momentos em sala de aula. A autora evidencia que o uso do computador poderia facilitar a inclusão dos alunos nas atividades em que são trabalhadas a escrita e a leitura, ajustado diante das necessidades do aluno.

Contudo, as tecnologias digitais evoluíram seus tamanhos e funcionalidades, se ampliaram do mesmo modo, assim como suas potencialidades. Os celulares diminuíram, se transformando em smartphones e absorvendo as mesmas funções de um computador de mesa ou *notebook*. Fácil de manusear, inserido com as potencialidades semelhantes a de um computador regular e leve; o celular ou tablet são recursos utilizados para uso pessoal como forma de comunicação entre indivíduos que estão longe, pesquisa ou entretenimento de quem o usa. Com um simples toque dos dedos, o dispositivo móvel revela um vídeo, um texto ou a produção de algo que o usuário elaborou.

De acordo com a UNESCO (2013), o uso das tecnologias móveis é considerado algo massivo, totalizando seus usuários em mais de 3,2 bilhões de assinantes de operadoras telefônicas, que fazem dos seus celulares seus aliados das rotinas do dia a dia. A expansão do acesso aos computadores de mesa acompanhou o desenvolvimento dos celulares, que antes eram pesados e com poucas funções, se qualifica tão eficaz quanto um computador ou *notebook*. A Unesco (2013) delimita que essas tecnologias móveis não se definem apenas por sua mobilidade eficaz, mas pela possibilidade da criação de espaços nos quais os alunos possam elencar elementos de sua personalidade e suas características de comunicação nos ambientes virtuais, com os processos de ensino e aprendizagem. Com isso, o estudante altera sua função preliminar de receptor de conteúdos e informações para um indivíduo ativo, que aprimora sua aprendizagem com ferramentas que já fazem parte de seu dia a dia.

Mesmo que o indivíduo não tenha como possuir dispositivo móvel em mãos, as informações chegam até ele de qualquer forma; ainda que seja por outros meios de comunicação, as informações do dia chegam de maneira rápida e o indivíduo se sente esclarecido sobre os principais fatos. Santaella (2013) ilustra que, na medida em que as ligações entre as pessoas que possuem os dispositivos digitais se davam em decorrência das conexões

por via de cabos que conectam à internet, modems que iam se desenvolvendo de acordo com as necessidades do homem, de querer se conectar mais rápido, se desprendem dos cabos da internet e avançavam com o mundo de conhecimentos e dados em suas mãos, livres para manusear, andar e se conectar em qualquer lugar público.

Com esse pensamento, Santaella (2013) fundamenta que estes aspectos são oriundos do acesso das tecnologias e da conexão constante entre o dispositivo e quem o usa. A autora define que as formas de aprender e educar são impactadas pelos avanços que as tecnologias digitais, na qual afetam as formas de receber e internalizar informações que chegam até ele, seja na escola ou fora dela. Dessa forma, a aprendizagem se refaz a partir de um modelo amplo de educação, na qual o controle do conhecimento não está na mão do professor, mas sim nas mãos de todos os estudantes que possuem dispositivos móveis.

Sharples *et al.* (2009) indica que o *mobile learning*, ou aprendizagem móvel, se cria a partir da continuidade da interação de pessoas e das ferramentas que os cercam, possibilitando a exploração de informações, vinculação de experiências e conceitos que se desenvolvem em novos conhecimentos. Os autores afirmam que a ação da conversação e a exploração de informações possibilitam que o indivíduo aprenda dentro e fora do contexto em sala de aula, mesmo se for em uma discussão que se organiza em ideias, as conversações e o contexto que elas são construídas são essenciais para compreender como a aprendizagem móvel pode ser integrada na educação convencional (SHARPLES *et al.*, 2009).

Os diálogos, as interações desprendidas de um roteiro inalterável e a desordem de dados e informações, concebem um padrão na forma de comunicação entre os indivíduos, que se estabelecem na apropriação das tecnologias digitais e transformam a união de informações em conhecimento, fazendo com que a aprendizagem seja construída pelas mãos de quem usa tais dispositivos móveis, tais como os tablets e smartphones. Ferramentas digitais que fazem parte da vida de quem o usa, tal como um assistente pessoal que organiza e facilita as tarefas exercidas com o passar dos dias. As definições sobre a aprendizagem móvel avançam durante os anos com seus estudiosos, tal como Traxler (2005) que a define como qualquer forma de educação na qual o alicerce ou a base dominante da tecnologia seja portátil ou com recursos do palmtop.

O autor ainda afirma que, esta definição poderia significar que a aprendizagem móvel incluiria celulares, smartphones ou assistentes digitais pessoais, mas não com computadores de mesa. Traxler (2005) descreve as manifestações das características da aprendizagem móvel ou *M-learning* e a *E-learning*, na qual é baseada no uso de ferramentas digitais que sejam ligadas em fios para possibilitar suas conexões e que o seu uso seja realizado

em mesas para maior estabilidade física. Segundo Traxler (2005), as definições destes modos diferentes de aprendizagens, sob o ponto de vista dos estudantes, se manifestam mediante de características que realçam os aspectos de espontaneidade, portabilidade, a leveza do dispositivo e da informalidade que se apresentam durante as realizações das atividades com dispositivos móveis.

Valentim (2009) ilustra que a aprendizagem do indivíduo é regularmente realizada em contextos situacionais e não acontece de modo superficial. Ressalta que a singularidade destes dispositivos móveis, em contexto educacional, se faz no fomento de uma aprendizagem inerente que se assemelha com cenários do dia a dia, nos quais a indispensabilidade do conhecimento se faz presente e se alastra por suas vivências. Por ter o dispositivo em sua posse, quem o usa sente que ele é uma extensão de si, tal como se esta ferramenta digital pudesse se locomover, ter acesso até os interesses do indivíduo e o auxiliar em suas pesquisas.

Com a ajuda desse dispositivo, o celular ou tablet se adequa diante das necessidades do perfil do usuário, se altera segundo os feedbacks e os interesses do mesmo, produzindo um espaço digital e de fácil acesso para consumidor, ocasionando com que este processo estabeleça um comportamento que faz com que quem o acessa seja dono do seu ritmo de aprendizado e faça de acordo com suas necessidades. A respeito das definições sobre aprendizagem móvel, Traxler (2007) estabelece que estudiosos tentam definir em um conceito ao se tratar de tecnologias digitais, a relacionam à mobilidade da aprendizagem quando é vinculada aos dispositivos móveis. Contudo, o autor delimita que “[...] comunidade de aprendizagem móvel necessita da autoridade e credibilidade de uma base conceitual. A base viria a fornecer o início para metodologias de avaliação baseadas nos atributos únicos da aprendizagem móvel.” (TRAXLER, 2007, p. 1).

Pela agilidade que as ferramentas digitais se incluem nas práticas sociais de seus consumidores, a educação também está relacionada aos mesmos processos que fazem parte dos padrões sociais que são envolvidos em uma sociedade digital. Ferreira e Tomé (2010) enfatizam que um dos pontos de destaque do uso dos celulares, como ferramenta educativa, está associado ao fato de que o mesmo dispositivo digital que será utilizado em sala de aula pertence aos jovens.

Ferreira e Tomé (2010) definem que ao incorporar a utilização de celulares, a escola reconhece a importância das práticas digitais em cenários que atravessam os muros da escola. Ao introduzir os dispositivos móveis, um novo mundo é revelado ao estudante, em que o mesmo celular que o conecta com seus amigos, o permite ver seus filmes, seriados e escutar músicas, é o mesmo que o faz aprender coisas relacionadas ao que foi abordado na aula. Com este recurso

percebido conforme um aliado na sala de aula, o professor pode ter um colaborador em seu convívio de trabalho, adicionando o celular nas suas atividades pedagógicas, o educador permite com que o universo do estudante seja misturado na rotina de aprendizagem.

Porém, a inserção destas ferramentas digitais precisa de estratégias, para que o seu uso e as suas potencialidades sejam construtivos para o professor e seus estudantes. Os instrumentos de comunicação, que constituem os dispositivos móveis, são constituídos por câmera digital, gravador de voz, *Short Message Service* (SMS), aplicativos de mídia, de jogos ou de redes sociais. Constituídos com funções tal como um computador portátil que cabe nos bolsos, facilitam seus consumidores com tarefas diárias que aproximam o indivíduo ao mundo exterior e o auxilia com dúvidas triviais ou investigações que são de rápido acesso.

Como afirma Bottentuit Júnior (2012), esses recursos possibilitam a inclusão dos dispositivos móveis, vinculando estratégias didáticas com as potencialidades digitais dos celulares ou tablets em sala de aula. O autor apresenta que nas funcionalidades incutidas nestes dispositivos podem ser usados como ferramentas educacionais, tais como gravadores de voz, vídeo e a própria internet. A primeira função citada, segundo o autor, "[...]permite que tanto os professores como os alunos possam realizar gravações de podcasts, que se constitui em pequenos trechos educativos em formato de áudio [...]" (BOTTENTUIT JÚNIOR, 2012, p. 137).

Segundo o autor, a possibilidade do uso dos podcasts atribui ao estudante o espaço de criar conteúdo para apresentações ou para realizar atividades que tenham como finalidade a de conversação de línguas estrangeiras para aperfeiçoar a fluência. E também a criação de vídeos, onde o estudante pode desenvolver suas tarefas a partir da câmera de seu celular, incorporando conteúdos durante o momento de aula e outras informações relacionadas à temática discutida. Em concordância, Ferreira (2009) ratifica as reflexões acerca das potencialidades desta ferramenta digital em sala de aula, expõe como resultados de sua investigação que em relação a implementação de celulares na educação, os estudantes foram aptos a instruir exemplos viáveis para o uso dos deste dispositivo para seus exercícios escolares, embora não possuam formação pedagógica para compor tais estratégias.

Moura (2010) aponta que, tratando-se da utilização dos celulares em contexto educativo e as vantagens que abarcam esta tecnologia digital como prática pedagógica, se destacam a dedicação dos alunos em suas atividades e na sua imersão com a própria aprendizagem singular, amparada pelo dispositivo móvel que o permite potencializar este processo de aprendizagem. A autora indica que, ao adotar tais ferramentas em sala de aula, a diversidade de atividades é expandida, as possibilidades de intervenções criativas durante as

apresentações dos estudantes são permitidas, conseguindo se organizar de maneira mais ativa ao incluir o celular para amplificar seus acessos de informações. “Porém, obriga a um papel novo tanto da parte do professor como do aluno, a impor a ambos desafios renovados e constantes.” (MOURA, 2010, p. 501). Tais desafios se encontram no ato de trazer estes dispositivos para a sala de aula, tal como uma ferramenta pedagógica que seja útil para o professor e seus estudantes.

Alarcão (2001) enfatiza que, com funções diferenciadas, tanto alunos e professores trabalham em sala de aula, enquanto o professor auxiliado pela educação e seus múltiplos processos e para o estudante, a sua função se concentra na aprendizagem e suas extensões que o acompanham durante seus momentos dentro e fora da escola. Para a autora, é necessário frisar que crianças e jovens precisam compreender que a aprendizagem não vem sem o esforço e dedicação, é indispensável se dedicar ao estudo e na compreensão do que é discutido em sala de aula. Porém, a Alarcão (2001) delimita que “[...]esforçar-se não se deve equivaler a desprazer, mas tampouco pode traduzir-se em metodologias de papinha feita, castradoras do desenvolvimento das potencialidades escondidas em cada um.” (ALARCÃO, 2001, p. 17).

Ainda que os trabalhos de Moura (2010) e Alarcão (2001) estejam em anos distantes, eles se completam no que concerne ao papel do estudante em sala de aula e quais caminhos se deve percorrer para que seja um papel de protagonismo ativo. Alarcão (2001), em seu livro “Escola Reflexiva e a Nova Racionalidade”, aborda esse conceito da escola que a escola precisa estabelecer um papel de escola reflexiva, na qual se crê que a formação escolar é baseada na construção de contextos de aprendizagens que sejam estimulantes e façam com que seus alunos desponham suas competências em um ambiente saudável. E segundo as duas autoras citadas acima, a inclusão de dispositivos móveis na educação propicia a construção da aprendizagem individualizada, na qual o estudante sinta que está fazendo parte de seus processos educacionais como uma pessoa atuante.

Clayton e Murphy (2016) especificam que, na era onde se usa o *smartphone* para capturar fotos, enviar mensagens e compartilhar seus dias no Instagram, formam atividades que podem facilmente se apoderar do tempo do estudante. Com isto, as autoras citam que é importante que educadores tenham empatia sobre o valor educacional do *smartphone* em sala de aula, já que os estudantes têm em suas mãos uma ferramenta significativa, mas não possuem instruções formais a respeito de como desenvolver esta ferramenta digital para que seja usada na educação.

Na investigação sobre o uso de *smartphones*, aplicativos na educação e a criação de vídeos para fins educativos, Clayton e Murphy (2016) relatam que os resultados de sua pesquisa

mostram que, no momento em que os estudantes combinavam ideias de aplicativos que poderiam ser usados na turma, começaram a perceber o valor da criação de vídeos tutoriais e que as suas elaborações aperfeiçoaram suas experiências educacionais. Antes de criar algo, é necessário planejamento, roteiro e compreensão sobre o conteúdo a ser abordado, etapas que devem ser realizadas, ou então o vídeo terá pouco conteúdo e engajamento de visualizações. “Eles criavam vídeos com a docência e a aprendizagem na mente, considerando a facilidade do uso e suas funcionalidades do aplicativo para o professor, como o valor do uso para que a experiência educacional seja efetiva para o estudante [...]” (CLAYTON; MURPHY, 2016, p. 107).

Ao despertar a curiosidade dos estudantes em relação às atividades realizadas mediante o uso de seus próprios celulares, o mesmo sente que está no controle de sua aprendizagem, incentivando a sua emancipação. A partir dos avanços das tecnologias desenvolvidas nos smartphones, o celular deixou de ser apenas uma ferramenta de comunicação instantânea, amplificou suas funcionalidades e exerce as mesmas funções de um computador de mesa, potencializados por aplicativos digitais nos smartphones.

Carvalho (2015) indica que a pluralidade de aplicativos para os dispositivos móveis é vasta e são compostas de forma espontânea, entretanto, com a mediação que indica caminhos educacionais de incluir e produzir aulas e atividades que apoiem os alunos de modo on-line ou variar apresentações ou outras ações realizadas em sala de aula. Aplicativos que a partir de dinâmicas ou jogos digitais, conduzem os estudantes a realizar leituras, responder *quizzes* de perguntas e respostas rápidas, quebra-cabeças, caça palavras ou ferramentas que o permitam criar seu espaço de estudo e conectar os conteúdos discutidos em sala de aula com elementos que sejam interligados com tais conteúdos educacionais.

O *Socrative* se mostra como uma ferramenta promissora para o uso em sala de aula. De acordo com o próprio site do aplicativo, o *Socrative* têm a possibilidade de interligar professores e alunos durante o momento de aprendizagem, enquanto propiciam ferramentas lúdicas e exercícios para poder avaliar o entendimento dos alunos sobre o que está sendo discutido em sala de aula, facilitando o *feedback* entre docentes e discentes. Kaya e Balta (2016) mostram que a inserção do *Socrative* se apresenta como um recurso positivo para seu uso na educação, em especial no ensino superior. Os autores descrevem que, em sala de aula, os instrutores explicam o tópico que será debatido e nos momentos finais da reunião, o docente pede para que os estudantes façam o acesso até o *Socrative* pelos seus smartphones e respondam questões sobre o tema. Para Kaya e Balta (2016, p. 7), “Enquanto os estudantes estão respondendo às questões, os resultados de suas respostas vão aparecendo na tela em tempo real

e isso faz com que eles se motivem a continuar.”

O *Kahoot!* também se apresenta como um aplicativo com mecanismos que podem contribuir para o engajamento e a aprendizagem dos estudantes, incluindo em suas ferramentas. Os *quizzes* ou questionários dinâmicos, segundo Licorish Owen e Daniel George (2018), observaram durante a sua pesquisa, que o Kahoot deu a oportunidade para que alunos pudessem criar experiências de ensino e aprendizagem que foram descritas como divertidas, na qual colaborou com o engajamento das dinâmicas da classe. Os alunos relataram que o aplicativo cativou a atenção e despertou o interesse sobre os conteúdos citados durante o curso, mas concediam pausas. Os autores enfatizam que, as suas descobertas sugerem que o uso educacional de aplicativos lúdicos, tal como o *Kahoot!*, são prováveis a minimizar distrações, melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem, indo além do que é fornecido nas classes convencionais.

Aplicativos que foram pensados para facilitar a comunicação e fazer com que ela aconteça de forma instantânea, também podem ser incluídos em sala de aula como ferramentas que potencializam as discussões construtivas, para espaços além da sala de aula. O *WhatsApp*, aplicativo que grava mensagens de voz, envia vídeos, gifs animados, faz ligações e permite que grupos sejam criados para conversar com mais de uma pessoa em um espaço digital. No estudo sobre a aplicação do *WhatsApp* como um recurso comunicacional no ensino de Filosofia, Bottentuit Júnior e Araújo (2015) verificaram, mediante questionários, que ao inserir o aplicativo como estratégia de ensino, a interação entre os estudantes se alastrou e se elevou de forma significativa, participando ativamente das discussões no grupo criado no aplicativo. Contudo, os autores enfatizam que ocorreu o distanciamento dos assuntos debatidos no grupo em relação à proposta original, que promovia um local digital de debates filosóficos.

O resultado do estudo demonstra que o aplicativo fornece o espaço digital e comunicacional que é pedido para que a atividade seja realizada, ainda assim, não é o suficiente para que os resultados sejam positivos. É necessário que o professor seja mediador destes processos, mesmo que os estudantes sejam acostumados com o uso do aplicativo, a utilização dele em contexto educacional ainda é algo recente. A julgar que o uso de dispositivos móveis e aplicativos no contexto educacional demanda do estudante seja independente e use seu dispositivo móvel e o inclua com facilidade com a tarefa que ele precisa finalizar.

Reeves (2009) descreve que o engajamento do professor como mediador pode se apresentar como disciplinador de seus alunos e ocasionar no retrocesso do desenvolvimento do estudante. O autor enfatiza que existem três condições para que o docente possa abordar os alunos de forma motivadora: “[...] adotar a perspectiva do aluno, acolher os pensamentos e

sentimentos dos estudantes e motivar seus desenvolvimentos e capacidades autônomas.” (REEVES, 2009, p. 162). O autor supracitado indica que, ao integrar as perspectivas do estudante na fluidez dos procedimentos educacionais, professores se tornaram mais dispostos e mais capacitados a criar condições em sala de aula, na qual estudantes com motivações emancipadoras se alinhariam com as atividades realizadas na escola.

Sem a mudança nas abordagens e nas metodologias do docente, os recursos digitais, ou não, podem não ter os resultados esperados pelo professor, visto que estes aplicativos demandam a participação ativa do estudante e que ele se mostra atuante durante estes processos da aprendizagem. E isto se faz a partir da mediação que o professor faz no decorrer dos diálogos e dos debates realizados, visto que, sem o docente, as informações permanecem onde estão, na mesma velocidade, mas sem as orientações de como transformar estas informações em conhecimento.

3.1 Metodologias ativas da aprendizagem: quais são e suas funcionalidades

Berbel (2011) revela que as práticas dos professores são necessárias para orientar os estudantes até a formação de profissionais que atuem em diferentes áreas, incentivadas por metodologias ativas. A inserção destas metodologias pode beneficiar a motivação da autonomia, ao implementar o fortalecimento da assimilação do estudante de ser o primórdio de suas ações no que se refere a problematizações a serem resolvidas ou questões escolares que precisam de caminhos criativos para chegar até suas soluções.

A autora descreve que as metodologias ativas contêm este potencial de instigar a curiosidade nos estudantes, a partir da introdução de elementos novos que sejam inexplorados pelo professor e que quando são aprovadas pelos discentes, o sentimento de acolhimento e pertencimento são despertados (BERBEL, 2011). As metodologias ativas, mediante os objetivos de cada atividade que elas proporcionam, incentivam o estudante a deixar seu papel de memorizador de informações e despertar a sua voz para os debates realizados em sala de aula.

Em concordância, Moran (2015) descreve que as metodologias ativas têm de seguir os objetivos pretendidos na educação, dado que “[...] se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar resultados, com o apoio de materiais relevantes.”(MORAN, 2015, p. 17).

Para abarcar os interesses metodológicos dos estudantes, é preciso conhecer a classe

para que se possa compor qual abordagem será utilizada a fim de atender as necessidades dos discentes. Inserir ferramentas que os motivem quando se sentirem cansados para prestar atenção nos conteúdos durante as aulas, recursos lúdicos quando a temática for exaustiva ou propor exercícios que o façam aperfeiçoar seus conhecimentos com seus colegas. Metodologias ativas se fazem no momento em que estas abordagens passam a ser naturais em classe, na qual os estudantes sentem que podem contribuir com o professor, ocasionando na quebra de paradigmas na qual apenas o professor deve determinar o que é um conhecimento válido ou não. O espaço escolar deve ser um local acolhedor, onde o estudante sinta que suas palavras são levadas em consideração e os conhecimentos que ele aprende fora dos muros da escola, são legítimos e significativos.

Portanto, essa mudança não se faz aos poucos e requer que o educador perceba não apenas sua sala de aula, mas qual pessoa pretende formar com suas escolhas metodológicas. Negreiros (2018) ressalta que a ação pedagógica demanda a reflexão contínua sobre a prática como professor e a pesquisa acerca das melhores formas de potencializar suas aulas. A autora indica que “[...] o docente precisa ter clara a sua função de mediador nesse processo, examinando formas úteis de organizar as aulas a fim de que os discentes sejam protagonistas da construção do seu conhecimento.” (NEGREIROS, 2018, p. 84). Nas considerações sobre as concepções e as práticas docentes, a respeito das metodologias ativas, Negreiros (2018) descreve que muitos docentes notam que as metodologias ativas são possíveis, a partir de que os professores recebam esta formação para desenvolver atividades que tenham esta proposta de aprendizagem para desenvolver em seu ambiente de trabalho.

A autora também enfatiza que os resultados de sua investigação mostram que os professores têm como metodologia a aula expositiva, na qual o professor apresenta os temas que os estudantes precisam saber, os estudantes copiam e memorizam para poder continuar com seus estudos. “Este fato pode se revelar preocupante já que a prevalência de aulas centralizadas nos professores reduz o estímulo ao protagonismo estudantil defendido para uma aprendizagem com significado [...]” (NEGREIROS, 2018, p. 84).

Moran (2015) aponta em seu estudo os tipos de metodologias ativas que podem ser incorporadas em sala de aula e que se mostram benéficas para estudantes e professores. O autor cita a aprendizagem *blended* ou híbrida, que propõe a união entre a escola com as tecnologias digitais. Na qual, usa recursos tecnológicos digitais que ampliam as atividades realizadas em sala de aula, de modo virtual ou não. Valente (2014) cita que não são todas as atividades que são feitas a distância, segundo o autor, a distância geográfica e de tempo não são as características que compõe a *e-learning*, esta abordagem educacional é usada com a proposta

de complementar as atividades presenciais e fortalecer a colaboração de saberes entre professores e estudantes.

Moran (2018) descreve que aprendizagem colaborativa entre pares ou grupos de modo presencial ou virtualmente, onde compartilham conhecimentos para sanar dúvidas, questionamentos e transformando as soluções em alternativas que podem se ampliar para a comunidade que envolve a escola ou universidade. As variadas formas de compartilhamentos entre pessoas que estão constantemente conectadas, com o uso de dispositivos móveis, viabilizam a rapidez não somente da aprendizagem individual, mas da que se faz em grupo. A ação de compartilhar saberes concebe aprendizagens que se desdobram com velocidade. O autor também apresenta a aprendizagem baseada em problemas, onde se inspira no método da escola ativa, incluindo problemáticas no decorrer das etapas educacionais nas quais os estudantes possam compreender e solucionar estes problemas que abarcam temáticas e áreas diferentes.

Vignochi *et al.* (2009) relatam que em suas três fases: identificação do problema, hipótese e soluções pensadas para solucionar a problemática. São realizadas pelas seguintes etapas: identificar quais são os problemas; formulação das hipóteses; identificação dos temas de aprendizagem; elaboração do cronograma de passos da aprendizagem e estudo independente. Na segunda fase, se constrói a volta até a origem do problema; aplicação dos novos saberes adquiridos; reorientação do problema; redefinição das hipóteses; identificação de outros temas de aprendizagem e anotações. A terceira e última fase se concentra no regresso ao processo de soluções; composição da aprendizagem e avaliação. Esta metodologia, segundo a autora, é normalmente utilizada nas áreas voltadas para a saúde, mas os seus processos de identificações, retornos ao problema a ser resolvido e hipóteses até chegar nas soluções, podem ser acrescentados para diferentes campos educacionais.

Com a introdução das metodologias ativas, é possível que a conduta do estudante diante de divergências que trespassam os muros da escola seja alterada, tendo em vista que a escola indica caminhos e formas para solucionar tais dificuldades. Moran (2018) revela que o professor tem em suas mãos um importante papel de organizador de recursos que sejam relevantes para incluir em seu espaço de trabalho. O autor cita que dentre as possibilidades de diversidades metodológicas, os jogos e aulas que usam jogos como linguagens ou elementos estão presentes nas rotinas escolares. Esses jogos, as aulas com roteiros, que usufruem de linguagem com características de jogos, são chamadas de gamificação.

Quando se joga, mesmo com um resultado negativo durante uma partida, o jogador é instigado a permanecer no jogo para ganhar mais pontos ou recuperar o que havia perdido. A

partir do erro, ocorre a revisão de estratégias e uma nova tentativa. Com essa nova tentativa, o acerto se constrói de forma lúdica. O exemplo citado se dá em um local onde o jogo ocorre em um espaço não escolar, no qual o jogo tem o único propósito de entreter os participantes. Porém, como isso funcionaria na educação? Lee e Hammer (2011) esclarecem que a escola, em si, possui elementos gamificados nas quais o aluno recebe pontos e se classifica a partir de atividades feitas corretamente.

Entretanto, realizar atividades, provas e outras tarefas, com o objetivo de se ver desprendido das obrigações escolares, não é uma forma de aprendizagem eficiente. O aluno não se lembrará do conteúdo ou de como ele pode ser aplicado em sua vida. Mas ele irá se recordar da sensação de apatia em fazer tarefas, apenas para se livrar de suas obrigações, e da repulsa em relação às disciplinas exatas, por exemplo. A escola usa dos artifícios de recompensas através de notas e classificações, contudo, a motivação e o *feedback* mostram-se nulos. Lee e Hammer (2011, p. 2) esclarecem que é necessário entender sobre quais circunstâncias os elementos gamificados podem levar à aprendizagem: “Elementos, que ao serem aplicados na escola, transformam a perspectiva dos estudantes em relação à aprendizagem.”

A gamificação se faz no uso de jogos, digitais ou não, em contexto onde o jogo é adaptado de acordo com as necessidades do ambiente. Para Viana *et al.* (2013), a palavra Gamificação advém do termo em inglês “*Gamification*” e faz referência à aplicação de jogos dirigidos com o propósito de solucionar problemas ou aguçar o comprometimento entre um grupo específico. Os autores citados salientam que os jogos têm sido aplicados nas empresas e em diferentes instituições, uma vez que as abordagens alternativas se destacam quando comparadas às tradicionais. A aplicação demanda uma atuação mais presente dos alunos, pois promove o divertimento durante a realização de exercícios.

Deterding *et al.* (2011) elucidam que a gamificação usa de componentes de jogos para outros propósitos além da simples rotina do jogo, onde os participantes iniciam o jogo, jogam e o finalizam. Diferente do uso regular, a gamificação vai além do entretenimento através do jogo, fundindo atividades com jogos nos quais os participantes se envolvem através de ingredientes motivacionais e estímulos sociais, nos quais os processos de tarefas em grupos ou aprendizagem, pareçam mais simples do que possam parecer. O uso da gamificação em ambientes em que o jogo sempre esteve fora de contexto, ao princípio se mostra descomplicado. Contudo, a aplicação não se resume apenas ao uso de jogos digitais em sala de aula. O uso de jogos em sala de aula, pode ser usado como uma etapa introdutória para a utilização da Gamificação no contexto educacional.

Jogos, digitais ou não, obtém seus objetivos em: propor a atividade com o jogo, o

aplicar em sala de aula e finalizar. Apesar disto, o uso de jogos neste contexto, não é considerado como Gamificação. Raczkowski (2014) explica que, jogos são governados por meio de pontos, classificações altas e a gamificação vai além do uso resumido a ação de jogar. Os dois utilizam-se de pontos, classificam seus jogadores e os recompensam. O *feedback* instantâneo é válido para o jogador e quem o conduz, mesmo que o valor da recompensa seja pífio e o jogo seja curto. A motivação está ali e a estratégia para vencer uma nova rodada ou recuperar os pontos perdidos, já está sendo avaliada pelo jogador.

Segundo McGonial (2011), o percurso do jogo é algo paradoxal, tendo em vista que os jogos são desenhados para aprendizagem do seu manuseio como um jogo. E na ação do jogo, melhora-se com as falhas e eventualmente se alcança o sucesso. O jogador que se coloca como um jogador ativo e que busca seus objetivos, mantém sua melhora e se destaca a partir dela. E com o passar das fases, os objetivos transformam-se e aumentam na intensidade das dificuldades. Mas os níveis difíceis motivam, fazem com que a sensação de divertimento árduo cresça e o desafio seja vencido com o tempo, com ou sem falhas durante o ato. A autora enfatiza, que “[...] aprender a permanecer otimista diante do fracasso, é um importante aspecto de força emocional que se pode aprender com jogos e aplicar na vida real.” (MCGONIAL, 2011, p. 69).

Em relação à McGonial (2011), Csikszentmihalyi (1990, p. 136-137) identifica o momento da ação de jogar como “a experiência *Flow*”, na qual os participantes de determinadas atividades sentem a sensação nostálgica de regularmente se lembrar da diversão da atividade em que estavam envolvidos. O autor declara que a experiência ocorre quando a pessoa em questão está ativa e engajada em uma interação com o ambiente. Csikszentmihalyi (1990) enfatiza que a interação pode ser física, emocional ou intelectual e que para acontecer, a experiência *Flow* depende de atividades *Flow*. O jogo e o ato de jogar são caracterizados pelo autor supracitado como atividade informal e que pode envolver os participantes na sensação da experiência. Esse sentimento em conjunto à gamificação, a aprendizagem entre pares, a aprendizagem baseada em problemas e o uso dos jogos digitais na Classe Hospitalar, pressupõe que a sua inserção seja benéfica aos estudantes, tendo em vista que durante o jogo, os alunos estarão compreendendo os conteúdos e ao mesmo tempo, atraídos pelo jogo e seus elementos.

3.2 Afetividade, empoderamento e o uso de aplicativos digitais: as mídias sociais sob o olhar pedagógico na Classe Hospitalar

Porém, a utilização das metodologias ativas podem ser potencializadas pelo professor, a partir de propostas que reforcem o compartilhamento de saberes entre os estudantes

em conjunto com os dispositivos móveis e as redes de compartilhamento que fazem parte dos dispositivos móveis. Ao falar sobre redes sociais, as suas principais características são os seus processos de compartilhamento, interatividade e rápido acesso. Minhoto e Meirinhos (2011) descrevem que as redes sociais têm recursos que possibilitam a criação de um contexto que seja favorável para que a aprendizagem aconteça e que ela seja realizada de forma mais atrativa para os jovens, de modo que a forma comunicacional dos jovens seja incluída pela escola e canalizada para potencializar a interação em conjunto com a aprendizagem dos estudantes. No espaço não físico das redes sociais, os jovens entram em contato com seus amigos que moram perto, longe, acessam informações de lugares distantes de onde ele mora e se mantêm entretidos com as novidades relacionadas aos seus gostos pessoais, que também são vinculados e disseminados no mundo das redes sociais.

Trocando mensagens com seus amigos, enviando vídeos do *Youtube* que os fazem lembrar de algo em comum, ou compartilhando uma foto no *Instagram*, as redes sociais os interligam em uma sólida corrente. Estas interações, estabelecida pelo dispositivo móvel e viabilizada pelas redes sociais, são descritas por Minhoto e Meirinhos (2011) como plataformas que possibilitam a criação e desenvolvimento de comunidades de ensino e aprendizagem, nas quais as ferramentas comunicacionais unidas às práticas interativas promovem e estabelecem apoio para que a aprendizagem seja realizada de forma colaborativa e socializada entre os estudantes e professores.

Com seus recursos que agregam interações sociais entre seus usuários, tais como vídeos curtos exibindo a rotina do dia que o usuário quis apresentar, fotos significativas, livros, indicações de filmes ou posicionamentos acerca de notícias. Ao fazer o uso do *instagram*, significa que o seu usuário quer compartilhar fragmentos da vida com quem gosta ou com pessoas que deseja alcançar. Com esta rede social, o indivíduo pode acompanhar vídeos curtos (*Stories*) dos seus amigos ou familiares, interagir com eles por meio de reações como comentários, curtidas ou emojis, que podem trazer aproximação e sensação de afeição entre duas pessoas que estavam próximas, mas precisaram fazer isolamento social em razão ao Covid-19.

Sobre isso, Primo (2020) descreve que com a inclusão do isolamento social na vida dos indivíduos, é normal que as pessoas queiram criar maneiras para enfrentar ou burlar os efeitos negativos de estar longe das pessoas. Na investigação de Primo (2020), sobre a afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social, os resultados revelam que a atividade de conversar on-line e acessar publicações de pessoas, que o indivíduo tem afinidade e gosta, houve impactos positivos sobre afetividade e sobre os atos de acessar um ao outro em

isolamento, Primo (2020, p. 188) defende que, “Através dessas práticas, os respondentes relataram se sentir: muito bem (21,2%), bem (52,4%), nem bem nem pior (22,1%), pior (4%), muito pior (0,3%).”

A ação de desfazer as paredes dos quartos, poder se mover on-line sem sair do quarto, ou de sua casa, ver a imagem do seu ente querido se mexer na palma da sua mão pelo seu smartphone e ouvir a voz dele enquanto ele conta sobre o dia ou coisas que faziam anos atrás ou contar histórias antigas das quais não se lembravam mais. Estes atos fortalecem vínculos sociais e afetivos que nos foram realizados por meio da presença física, da aproximação e do toque. Sobre o suporte emocional na internet entre seus amigos mais próximos e familiares, Primo (2020) revela que a sua amostra aponta que, durante os momentos de dificuldade, 36,8% se direcionam para seus amigos e familiares sempre que podem, nas mídias sociais.

Levando em consideração os resultados do estudo realizados por Primo (2020), as mídias sociais, tais como o instagram, facebook ou whatsapp, fortalecem vínculos sociais afetivos e “[...] diante do entristecimento verificado durante o período de isolamento social, em virtude dos impactos em todos os aspectos da vida pessoal e profissional, a interação em mídias sociais mostrou-se uma importante forma de enfrentamento das dificuldades sentidas.” (PRIMO, 2020, p. 196). E como fator positivo para a sala de aula, o instagram em conjunto com as mediações pedagógicas do professor, podem gerar interatividade que criem elos de aprendizagens entre os estudantes e mudem a perspectiva de como ele vê o aplicativo social nas suas mãos como algo além do seu uso habitual.

Em concordância, Hamilton, Nesi e Choukas-Bradley (2020) elucidam que as mídias sociais provêm autonomia, a possibilidade de exploração da sua identidade, um espaço digital para explorar sua criatividade e a de se conectar socialmente com o outro. As autoras citadas complementam que é importante reconhecer o papel fundamental que as mídias sociais têm para adolescentes durante o distanciamento social e ao mesmo tempo, estar ciente dos potenciais presentes, para que os pais e professores de crianças e adolescentes possam os engajar em propostas sociais saudáveis e educacionais.

Este engajamento e a sociabilização entre estudantes, ou entre os estudantes que estão em classe hospitalar, são importantes para proporcionar a interação junto de pessoas que fazem parte do mesmo ambiente social, seja na escola ou até mesmo no hospital. A possibilidade de troca de experiências, de um lugar onde possam resgatar sua identidade pessoal que não se resume ao diagnóstico ou sintomas do seu tratamento e onde ele sinta que ainda possa produzir algo realizado por ele ou em conjunto com seus colegas e professores da Classe

Hospitalar. Atividades que incluem a reconstrução da autoestima, que construam elos de afetividade e possam acessar conhecimentos que perpassam os saberes contidos nas disciplinas regulares, podem ser realizadas mediante o uso das mídias sociais, tais como o *Instagram*, o *Whatsapp*, *Youtube* ou *Facebook*, nos quais os seus objetivos são direcionados à aproximar pessoas, estejam elas próximas ou não e promovendo assim o engajamento.

Alves, Mota e Tavares (2018) revelam que o engajamento dos conteúdos feitos e pensados para o *Instagram* ganharam força no espaço digital, na qual possuem largo espaço de interatividade entre os mais jovens e se apresentando como forma de marketing digital pessoal ou de empresas. E a divulgação dos conteúdos compartilhados, segundo os autores, podem ser incluídas como ferramenta pedagógica ao ser vinculada com os cursos de interação e comunicação em conjunto aos processos de ensino e aprendizagem, utilizando a proposta visual e engajadora do aplicativo para atrair estudantes por meio das postagens e mecanismos comunicacionais que envolvem o *Instagram*, tais como stories, caixinhas de perguntas nos stories, postagens de fotos com legendas que venham a gerar a interatividade com os seguidores do perfil ou página. Alves, Mota e Tavares (2018) defendem, também, que a ideia do uso do *Instagram* na educação é exercitar a união em um espaço digital colaborativo, no qual todos os estudantes possam postar, seguir o perfil e possibilitar a corrente de engajamento por meio da inclusão e engajamento educacional.

A partir desta agilidade comunicacional, do fácil manuseio, da rápida interação entre os usuários e a possibilidade que o *Instagram* tem de reunir pessoas em um espaço digital, o aplicativo social tem o potencial para se fazer incluso como ferramenta pedagógica na Classe Hospitalar, onde a interação social e pedagógica entre os estudantes é encorajado, viabilizado por atividades pedagógicas e mediado pelo professor em Classe Hospitalar. Ao se tratar do ambiente do hospital em si, do afastamento entre leitos e, mais recentemente, o distanciamento social que a pandemia do Covid-19 causou em 2020, os aplicativos sociais digitais que se propõem a unir pessoas distanciadas, tais como o *Instagram*, *WhatsApp* e *Youtube* podem agir, não somente como elo entre estes pacientes que estão afastados, mas também como um recurso que venha a auxiliar o professor a incorporar temas transversais na rotina da aprendizagem de cada dia destes estudantes em tratamento hospitalar.

A fluidez social e digital destes aplicativos unidos aos saberes pedagógicos do professor em Classe Hospitalar em conjunto com a ciência de que os estudantes necessitam acessar conhecimentos que vão além das competências adquiridas nas disciplinas realizadas na escola formal. Estes conhecimentos de mundo, nos quais mostram aos estudantes a se conhecer e conhecer o mundo e suas pluralidades culturais, promovendo o entendimento sobre o

estudante como um indivíduo social, a respeito das pessoas que a cercam e as singularidades que as fazem ser quem são. Conhecimentos acerca da sexualidade, ética, meio ambiente, saúde, ciência e tecnologia e a diversidade cultural, desmistificam e ajudam a compreender a razão de práticas sociais, conhecer religiões que são diferentes e perceber que o mundo que o cerca é diverso. Se faz necessário incluir estas temáticas durante as conversas educacionais nos momentos da vivência do estudante como um ser aprendiz no mundo, visto que ele está em época de formação de sua personalidade, concepções em relação ao mundo em suas formas de diversidades. A proposta de incluir conversas sobre questões que precisam ser abordadas, tais como os temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1996), reforçam as práticas de quebras de paradigmas sociais, gênero e raciais, que infelizmente se fazem presentes até o presente momento e são enraizadas na sociedade.

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (BRASIL, 2017), indica que, mesmo que a jornada escolar do estudante não seja longa, os processos de aprendizagens devem se ligar aos interesses do educando e suas essencialidades, assim como as especificidades que são incluídas na sociedade. Nestes procedimentos educacionais, o documento destaca a importância em vincular os conteúdos de aprendizagens e as aptidões que os estudantes precisam desenvolver, com a obrigatoriedade da igualdade educacional para todos. E esta equidade na educação deve se estender na educação hospitalar, visto que ao lidar com alunos afastados de sua escola de origem e que estão acamados em decorrência dos sintomas de sua enfermidade, o processo educacional se transforma em consequência das singularidades dos estudantes. “Essa igualdade deve valer também para as de ingresso e permanência em uma escola de Educação Básica, sem o que o direito de aprender não se concretiza (BRASIL, 2017, p. 15).

Segundo a BNCC (BRASIL, 2017), as competências gerais que devem ser efetivas durante os processos educacionais, voltados para a educação básica da educação básica, incluem a valorização dos conhecimentos historicamente construídos a respeito da sociedade, seus aspectos culturais, para que esta aprendizagem possa contribuir com a composição de uma sociedade inclusiva e democrática; a introdução ao exercício da curiosidade, criatividade e a reflexão; reconhecer as manifestações que visam a cultura e a arte; perceber as tecnologias digitais de forma reflexiva, assim como em seus processos sociais; reconhecer as pluralidades dos saberes e das vivências culturais e sociais, para que estas experiências possam gerar entendimentos sobre as relações entre o mundo, autonomia e reflexão crítica; se conhecer e reconhecer suas emoções e aos que o cercam, exercendo assim a empatia; respeitar as diversidades dos indivíduos, núcleos sociais e identidades culturais, com o objetivo de que preconceitos de qualquer tipo. Estes saberes, vinculados com a mediação dos professores,

constroem meios para que seus estudantes possam perceber o mundo em sua volta como um lugar com diversidades que devem ser respeitadas, na finalidade de que a sociedade consiga envolver e incluir pessoas com vivências e necessidades diferentes com igualdade.

Somente o ato de alfabetizar e ensinar conteúdos determinados para a idade do estudante em classe hospitalar, pode não ser o suficiente para descortinar todos estes saberes culturais que estão distantes do convívio social do estudante em tratamento hospitalar. O mundo, suas culturas diversas e manifestações artísticas não podem ser acessíveis apenas quando o paciente recuperar sua saúde por completo, é preciso apresentar tais pluralidades enquanto ainda há vida, fortificando a sua autoestima e mostrando que ele não se resume ao seu leito e seus sintomas, que o estudante que está em classe hospitalar é um ser pensante e atuante.

E em concordância, Wiese e Matos (2013) descrevem que mesmo com circunstâncias e adversidades tais como o adoecimento, a prática didática precisa ser inovadora e ao mesmo tempo, estar em harmonia com o momento e o ambiente hospitalar que se faz nos procedimentos de ensino e aprendizagem. E a partir destas abordagens, resgatar a autoestima dos estudantes em classe hospitalar, os incluindo nos processos de aprendizagens e acrescentando fundamentos de cidadania, responsabilidade social, a fim de que os estudantes possam se expressar conscientemente (WIESE; MATOS, 2013, p. 77).

Ação pedagógica que já é inserida no Hospital Pequeno Príncipe, localizada em Curitiba, no Paraná, reforça a inserção de processos educacionais que não se prendem aos procedimentos conteudistas, incluem em sua missão o cuidado de forma integral e humanizada, incorporando a proteção da criança e do adolescente mediante a assistência educacional e social, abarcando o núcleo familiar da criança nas atividades da Classe Hospitalar. Carreira (2016) descreve que, o programa educativo do Hospital Pequeno Príncipe se faz a partir de uma composição de conceitos e ações que buscam alegrar e organizar todo o trabalho pedagógico.

A forma encontrada pelos planejamentos pedagógicos, se fazem baseados na concepção de que a educação e o acesso a culturas diversas, são direitos humanos básicos, fundamentais para a formação de crianças e adolescentes. “Direitos humanos que potencializam o acesso de crianças, adolescentes e familiares a outros direitos humanos, muitos deles ainda negados a grande parte da população do país.” (CARREIRA, 2016, p. 64).

Carreira (2016) complementa que o trabalho pedagógico se faz mediante o entendimento de que o panorama brasileiro e as suas diversidades, que construíram o país, são visivelmente marcadas por décadas de desigualdades sociais, que são notadas durante o atendimento pedagógico hospitalar. Carreira (2016) define que, ao identificar estas desigualdades que permeiam a sociedade, tais como desigualdade sociais e raciais, são

fundamentais para a elaboração de recursos educacionais que possam reconhecer potencialidades e capacidades destes alunos, ao mesmo tempo em que ocorram ações de apoio contra tais sequelas históricas de desigualdades sociais de crianças e adolescentes em tratamento hospitalar, pluralizando e expandindo as possibilidades da aprendizagem. A educação não se faz apenas com o aprendizado de conteúdos que são aplicados na escola regular, ela também se faz nos entre lugares das relações entre o indivíduo e a sociedade. Como exemplo, o atual estado de questões raciais e a educação, que a Lei nº 9.394/1996 que na qual determina em seus artigos que:

Art. 26º - Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

]

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 1996, não paginado).

De acordo com Bernardo e Maciel (2015), é possível deduzir que os preceitos indicados na Lei 10.639/2003 indicavam que ocorreriam mudanças nas configurações curriculares nas escolas, poderiam suceder processos de combate ao racismo, que se constroem a partir da elaboração da imagem positiva da pessoa negra, a inclusão das histórias e de suas memórias em livros didáticos, apresentadas aos estudantes mediante as alterações curriculares e na contestação da estrutura curricular eurocêntrica.

Bernardo Maciel (2015) descreve que a notável falta da implementação da Lei 10.639/2003, somada ao confinamento de projetos étnicos - raciais às datas vinculadas a datas de comemoração sobre o tema, nos silêncios que permeiam os conflitos raciais nas rotinas escolares. Os autores supracitados complementam que mediante estas abordagens que delimitam o negro e a sua imagem em apenas um dia comemorativo, o racismo e sua sistemática na sociedade brasileira se compõe sendo naturalizada por silenciamentos nos dias escolares, na qual as práticas de discriminação raciais são fortificadas pela normalização dos atos racistas favoráveis ao agressor e o silenciamento da vítima.

Bernardo e Maciel (2015) evidenciam que a escola como uma instituição que promove educação, e se mostra como uma parte fundamental para a sociedade, no que se refere a questões raciais, seus profissionais devem estar preparados para não apenas reconhecer práticas racistas na escola, mas incluir atividades educativas que visam o combate e evidenciar

condutas antirracistas no cotidiano escolar. Os autores consideram que, mediante as respostas encontradas em sua pesquisa sobre “racismo e educação: um conflito constante”, foi compreendido que os projetos pedagógicos curriculares das escolas pesquisadas por eles exprimem a organização cultural que são niveladas à base da reprodução da cultura racista. Contudo, Bernardo e Maciel (2015, p. 201) enfatizam que “[...] se a cultura escolar não pode ser entendida como algo cristalizado, cabe às escolas problematizar a naturalização do racismo e planejar atividades educativas na direção de sua superação.”

A abordagem de assuntos de cunho racial, apresentação da cultura, história e das religiões de matriz africana, podem romper com paradigmas raciais que estabelecem a cultura negra e os seus traços de forma negativa, fazendo com que estudantes de diferentes vivências sociais e raciais possam se perceber como um indivíduo com singularidades, que podem refletir sobre pensamentos que reproduzem comportamentos racistas e quebrar com círculos de racismo estrutural no seu meio social.

Souza (2016) explana que a implementação da Lei 10.639/03 vem sendo realizada de forma lenta e gradual, contudo, professores sentem dificuldades na questão de como e por onde abordar questões raciais, a partir da complexidade encontrada em sua tese, a autora descreve objetivos de como envolver assuntos relacionados a etnicidade e raça em classe hospitalar, tais como a colaboração para a elaboração de propostas pedagógicas que envolvam o aluno a notar que existem protagonistas negros em contos infantis e refletir sobre a construção social da sociedade que o cerca. São assuntos de vasta profundidade, todavia, durante estes momentos de formação de seus pensamentos e sua personalidade, vinculados aos saberes da sua escola de origem, classe hospitalar e consciência racial, o estudante pode interromper com ciclos de racismo estruturais.

Ações que geram empoderamento, descritas por Baqueiro (2012) como dar poder ao outro ou compartilhar estes poderes, servindo como um agente do empoderamento e acaba mediando os termos e condições do ambiente. Baqueiro (2012, p. 179) indica que com isto, no que se refere a uma educação crítica, “[...] os educadores não podem ‘dar poder às pessoas’, mas podem torná-las capazes de aumentar suas habilidades e recursos para ganhar poder sobre suas vidas.” Atos que, para acontecer, precisam da parceria entre professores e estudantes, na qual o objetivo central não sejam apenas os conteúdos, mas qual é o indivíduo passa a ser egresso da classe, seja ela formal ou informal. Se o estudante se torna um indivíduo que se conscientiza de seus atos e como eles reverberam na sociedade, se nota que ocorreram processos de transformações sobre os impactos do estudante como um cidadão do mundo no que isso implica.

Freire e Shor (1986) descrevem que durante estes processos educacionais, a educação libertadora realiza mudanças que transformam as percepções da realidade do estudante, o autor delimita que isso não se assemelha em uma mudança na realidade em si, mas já se mostra como um início. E é este princípio, que se faz por intervenção do diálogo, no qual Baqueiro (2012) explana que não procede como somente o exercício de falar de seus a palavras, não se faz na essência de transferir saberes, mas sim nos questionamentos ao receber os conteúdos que deveriam ser decorados. E ao questionar, novas indagações vão sendo feitas sobre os conhecimentos adquiridos, transformando temas em novas perguntas, perguntas em pesquisas e pesquisas em teorias que podem problematizar os teóricos, dos clássicos até os recentes. “Dessa forma, envolve um processo de contestação e redescoberta do conhecimento. O diálogo está a serviço de uma educação para a emancipação [...]” (BAQUEIRO, 2012, p. 182).

Diálogos que devem estar presentes durante os processos educacionais da Classe Hospitalar, visto que o estudante se deslocou de seu ambiente social e se encontra em um local no qual ele está emocionalmente e fisicamente vulnerável, o docente tem a função de criar o elo entre a escola de origem, propor atividades que sejam adaptadas ao ambiente hospitalar e ao contexto em que o aluno se encontra. Este cargo, que envolve a continuidade da aprendizagem de alunos na qual estão em um momento fragilizado em suas vidas, isto implica na atenção à formação do professor que atua nesta área, como também sua formação continuada para atender melhor os alunos em classe hospitalar. Vasconcelos (2015) colabora ao afirmar que, na busca de reflexões sobre a formação e a prática pedagógica de professores em Classe Hospitalar, a socialização da criança deve ser realizada por meio da escola e seus processos que a envolvem, visto que os estudantes podem ficar separados em leitos e praticando o distanciamento social.

Vasconcelos (2015) ainda define que, no espaço do hospital, a aprendizagem mostra novas maneiras de viver, aprender a se comunicar com outros colegas que estão inseridos na mesma realidade que as do estudante em tratamento hospitalar. A autora exemplifica que, ao incluir estes processos de socialização na prática pedagógica, o professor propicia elementos de aprendizagem, que nos quais oferecem ao estudante, caminhos didáticos que objetivam a realização de atividades que incluam ideais de responsabilidade, orgulho e autoestima ao conseguir praticar ou finalizar suas atividades mediadas pelo professor. Caminhos que valorizam os estudantes, sua identidade e seus conhecimentos prévios, já eram pensados por Matos (1998), ao descrever que ao reaver a afetividade, envolvimento e a atuação pedagógica em um espaço físico que não seja o habitual do professor, estas características afetivas e

pedagógicas são fundamentais para que ocorra a efetivação de fato de resultados benéficos para o professor e o estudante durante os processos educacionais.

Este elo de afetividade, que não está somente na ação de abraçar os estudantes, mas como indica Pereira e Gonçalves (2010), a afetividade se concentra na confiança no olhar que o professor traz ao acompanhar a aprendizagem de seus estudantes, os encorajando a continuar e proporcionando segurança para ele em sala de aula. Nos primeiros anos escolares da criança, ao perceber que precisará ficar afastada de seus pais e conviver com pessoas que não conhecem, sentem falta e precisam de segurança durante este momento de adaptação da rotina das crianças. Pereira e Gonçalves (2010) explicam que, de acordo com esta mudança, o estudante sente a necessidade de se sentir acolhido em sala de aula e a afetividade se mostra tão eficaz nos momentos em que o estudante é recebido durante os processos de aprendizagem.

Ao falar sobre a abordagem pedagógica do professor na Classe Hospitalar, onde o estudante se desloca para o leito hospitalar, afastado dos amigos e família para começar seu tratamento, a afetividade é necessária para a recepção e para que a aprendizagem deste aluno seja realizada, respeitando o ritmo do estudante e levando em consideração os sintomas da doença e do tratamento de seus alunos. Pereira e Gonçalves (2010) defendem que, este vínculo de afeto no qual o professor estabelece em sala de aula, faz com que sejam desenvolvidas o ato de expressar em sala de aula, desvinculando paradigmas na qual o professor comunica e o estudante deve acatar em silêncio.

Ao incluir estes processos afetivos de comunicação, criando assim um espaço seguro para que os discentes possam se expressar sem receio de censuras ou medo de dar a resposta errada durante a aula. “Além disso, conduz a autonomia e o sucesso na construção da aprendizagem recíproca, na formação da personalidade dos alunos em adultos seguros e confiantes de si, capazes de pensar de forma crítica o mundo que os cercam.” (PEREIRA; GONÇALVES, 2010, p. 13).

A afetividade na educação e a sua ausência durante as práticas pedagógicas são sentidas pelos estudantes e pelos professores, visto que os processos educacionais vividos em sala de aula são como uma troca, onde o professor inicia suas mediações e segue com as suas aulas de acordo com as reações de seus estudantes e vai adaptando suas abordagens, mediante as respostas da classe, propiciando caminhos onde todos possam ser incluídos nos caminhos da educação. Mattos (2008) explica que, a afetividade é uma trilha de inclusão no ambiente escolar, na qual se faz como mediadora por meio da aprendizagem e das relações que crescem dentro da sala de aula. A autora aponta que é entendido que existem diferenças entre os estudantes, dos seus comportamentos e vivências sociais, contudo, a continuidade do estudante na escola

implica na motivação e aceitação que ele sente, quando é inserido na sala de aula. Mattos (2008) ainda cita que, tal como estes elementos podem favorecer na continuidade e aprendizagem do estudante, o professor precisa mostrar para o estudante como é importante a sua presença ali em sala de aula. Mostrar como ele é necessário para o mundo, seus conhecimentos, suas visões de mundo, suas respostas e informações podem construir, em conjunto, conhecimento com a turma completa. Mattos (2008) finaliza que, a inclusão pela afetividade, reforça a elaboração de relações interpessoais, onde a colaboração e as trocas de conhecimentos, melhoram o exercício pedagógico em sala de aula.

Para Leite (2012), ao falar sobre afetividade, não se quer dizer que esta é a proposta pedagógica específica e ideal a ser seguida, porém se torna complicado falar ou planejar formas de aprendizagem nas quais não tenham traços de afetividade na ação de educar indivíduos. Neste contexto, na qual a afetividade é ligada com a ação dos professores, onde a inclusão dos estudantes é realizada mediante o respeito, acolhimento e diálogos baseados na aceitação do educando naquele espaço da sala de aula, Leite (2012) determina que é viável que, de acordo com a ideia da afetividade na educação, elaborar uma escola que seja democrática, em que incentivem que os estudantes a terem acesso ao conhecimento de mundo, a fim de que tenham o exercício da cidadania na sociedade em que estão inseridos.

Esta noção de que o estudante precisa deste impulso afetivo para se sentir incluído em uma Classe na qual ele desconhece e precisa se adaptar e aprender fatos e coisas diferentes toda semana, a adoção de ações afetivas criam laços emocionais com professores e estudantes, fazendo com que a aprendizagem não seja realizada como algo obrigatório para os estudantes, mas sim como uma aprendizagem que seja significativa para ele e seus colegas, compartilhando conhecimentos e informações acerca do mundo e dos saberes de suas vivências sociais.

Ao criar caminhos afetivos para que a turma se sinta acolhida e aceita pelo professor e seus colegas, a sensação de parceria entre professores e estudantes é criada, possibilitando que a aprendizagem seja compartilhada de forma democrática, ao ponto que o papel do professor seja descentralizado e o estudante possa se sentir autônomo o suficiente para partilhar conhecimentos ou participar da aula. Em concordância, Peixoto (2015, p. 138) diz que “[...] consideramos que abordar a afetividade como foco para a formação docente é colocar no centro das preocupações pela qualidade na e da educação, um aspecto da constituição humana que historicamente foi relegado ao plano secundário.” Ao trabalhar com seres humanos e mediar os processos que implicam na formação destes indivíduos, se faz necessário refletir sobre as práticas educacionais em sala de aula, repensar se o ato de dialogar em sala de aula é realizado e se os sentimentos do estudante são levados em consideração ou se os conteúdos abordados

em sala de aula se mostram mais fundamentais.

Visto que, os dois se fazem necessários nos processos pedagógicos em sala de aula, tal como Peixoto (2015) considera, a relação afetiva junto a professores e crianças impulsiona a criação de vínculos emocionais, acesso ao diálogo e aceitação, que se desenvolve junto ao processo de aprendizagem da criança, com recursos e estratégias pedagógicas que reconheçam o valor do que o estudante tem a dizer, suas emoções e os conflitos que possam acontecer em sala de aula. Ao trazer a afetividade para o âmbito do espaço hospitalar, Matos (2009) explica que, o entendimento sobre a afetividade em Classe Hospitalar se depara com o estado de fragilidade emocional e físico em decorrência da dor, e estas interações que incluem estratégias afetivas serão fonte de criação de amadurecimento mental durante esta etapa árdua do tratamento, para que os sentimentos das pessoas em tratamento hospitalar sejam representados. Matos (2009, p. 87) inclui que, “O lúdico incorporado no virtual deve proporcionar maior interação, favorecendo soluções deste grande desafio que é incentivar a educação e o desenvolvimento, apesar da doença e suas implicações.”

O estudante não deixa de existir a partir do momento em que ele começa o tratamento no hospital, seus conhecimentos, suas habilidades e suas potencialidades continuam ali presentes. Ao se pensar no estudante dos dias atuais, que tem o seu dispositivo móvel, tal como o smartphone, como um aliado e como uma extensão dele mesmo, para que possa alcançar o mundo e lugares nos quais ele ainda não pode ir, o professor pode repensar o smartphone como um recurso de soma nas práticas pedagógicas e afetivas, incluindo uma ferramenta que já é de grande estima do estudante em Classe Hospitalar.

O estudante, ao estar em uma situação na qual ele se vê enfrentando uma doença, passando por tratamentos longe de sua rotina, seus amigos e familiares, pode se sentir mais acolhido e aberto às intervenções pedagógicas ao ver seus amigos em uma chamada de vídeo realizada pelo celular, seus familiares contando novidades por um áudio ou o estudante enviar as fotos com ações e atividades que esteja realizando durante seu tratamento hospitalar. Se fortalece o vínculo afetivo, social e a identidade pessoal do estudante em conjunto.

Como ferramenta de sociabilização digital, as mídias sociais se alastram na medida em que seus usuários buscam novas formas de se conectar com as pessoas em sua volta e as que estão longe ou acompanhar influenciadores digitais nestas redes sociais, tais como o *Instagram* ou *Facebook*. Berdin (2017) indica que, neste espaço digital existem convivência e transformações de saberes e conhecimentos incluídos no ambiente digital, realizados a partir das interações sociais. Com isto, mediante estas interações fortalecidas pelas conexões, informações e conhecimentos, os usuários das mídias sociais descobrem saberes, nos quais

possam criar espaços de ensino e aprendizagens colaborativas. Ao falar sobre redes sociais, Berdin (2017) destaca que, quando estas redes sociais são entendidas como espaços nos quais ocorrem trocas de conhecimentos e saberes para impulsionar a aprendizagem, as redes sociais como ferramentas educacionais possibilitam o desenvolvimento social, cultural, crítico educacional e do imaginário do estudante, fazendo com que ele possa se deixar levar para além dos muros da escola.

Contudo, ao se tratar de uma rede social instantânea, colaborativa e que chama a atenção de jovens, Oliveira (2020) aponta que ela serve como uma comunidade de interação entre e para pessoas, o seu uso tal como ferramenta pedagógica deve seguir com o objetivo inicial da rede social: propor interações que criem aprendizagens colaborativas entre os estudantes. Entretanto, a autora citada descreve que, a adaptação e inclusão de redes sociais que promovem a interação entre indivíduos, requer planejamento, trabalho e que o professor se sinta disposto a compor estratégias de como se comunicar com os estudantes, de que forma realizar engajamentos sociais no mundo digital, como compor o espaço de continuidade social e interatividade para eles. Ao trazer estas questões da socialização, interatividade em espaços escolares para a Classe Hospitalar, o uso do Instagram pode vir a impulsionar os processos de aprendizagem em conjunto com a sensação de companheirismo, afetividade e diálogos, fortalecidos pelo espaço das redes sociais, onde eles podem interagir de seus leitos ou à distância, em um espaço digital onde eles possam expor suas atividades realizadas em classe, ser visto e mostrar suas produções, estimulando assim sua autoestima.

4 METODOLOGIA

4.1 Caminhos metodológicos da pesquisa

Como descrito por Gil (2010), a pesquisa demanda que o investigador saiba que cada uma das classificações de pesquisas têm as suas particularidades. O autor acentua que, na ocasião em que o pesquisador localiza o projeto de pesquisa que planeja realizar, em conformidade com um sistema de classificação e etapas, o andamento e cumprimento do estudo transforma-se. Demo (1985, p. 19) delimita que a metodologia organiza os delineamentos da pesquisa e atravessa as etapas procedimentais. A metodologia é o cerne da pesquisa, na qual ela se solidifica e provém sustentação aos processos que fazem a ciência acontecer. Para o pesquisador, é vital que a metodologia esteja adequada ao objeto de estudo e aquilo que o pesquisador almeja investigar.

Logo, a metodologia deve se alinhar com os objetivos, a orientação do estudo e o que o pesquisador deve observar para alcançar a finalidade de seu estudo. Com o intuito de identificar as práticas pedagógicas dos docentes da Classe Hospitalar “ABC Nefro”, e sugerir um e-book composto com caminhos didáticos para incentivar o uso de novas metodologias educacionais nas práticas da Classe Hospitalar, a presente investigação é amparada pela **metodologia de desenvolvimento**, que tem por objetivos, descritos por Van Der Maren (1996, p. 6 *apud* OLIVEIRA, 2006) a ação de questionar, criticar e contestar as teorias ou maneiras, ir além dos saberes adquiridos atuais e buscar por novos conceitos, para que sejam construídos hipóteses e soluções atuais.

Os autores descrevem que enquanto a investigação é executada ela se torna eficaz em consequência das soluções para as questões a serem sanadas em relação ao objeto de análise (VAN DER MAREN, 1996; GIL, 2010; DEMO, 1985). Akker (1999) delimita que a metodologia apresentada vai além que outras abordagens metodológicas, visto que a metodologia do desenvolvimento se faz a união entre a prática e a teoria, relacionando os dois e construindo intervenções práticas para uma complicação ou para uma situação que necessita de mudanças.

Dentre as características que abarcam as modalidades que compõem metodologia do desenvolvimento estão: a discussão de problemáticas complexas que ocorrem em ambientes tecnológicos educacionais; incorporação de tipos diferentes de saberes teóricos para que sejam encontradas soluções para os problemas analisados em pesquisa; elaboração de solução ou amostra para o transtorno, e esta solução deve ser fundamentada a partir da união de

perspectivas teóricas com a dos profissionais que vivenciam a prática do local de pesquisa; prosseguir em análise e investigações sobre a elaboração, introdução e implementação da solução proposta e cooperação entre pesquisadores e profissionais do campo investigado (BROWN, 1992 *apud* COUTINHO; CHAVES, 2001).

4.2 Tipo de estudo

Com efeito, esta pesquisa irá desenvolver a proposta que visa a elaboração de um Material didático digital que será composto com o auxílio dos professores da Classe Hospitalar sobre as práticas a respeito dos processos educacionais do “ABC Nefro”, em conjunto com os conhecimentos acerca das inovações metodológicas na educação, na qual seu conteúdo será centrado em propostas pedagógicas que unificam as práticas educacionais com o uso de dispositivos móveis, aplicativos digitais para o conforto dos estudantes que recebem medicação na veia e precisam repousar suas mãos ou a incorporação de metodologias ativas para promover a motivação da aprendizagem no ambiente hospitalar.

A metodologia de assistência da elaboração do projeto será a metodologia de desenvolvimento e será realizada com o auxílio da **pesquisa qualitativa**. Strauss e Corbin (2008) caracterizam a pesquisa qualitativa como qualquer método de pesquisa que não utilize instrumentos de coleta de dados estatísticos ou quantificação dos resultados. Segundo Yin (2016) a pesquisa qualitativa se mostra diversa em razão da possibilidade em realizar estudos que permitam a variedade de tópicos e liberdade durante o processo de seleção ou inclusão de temas que venham a compor a pesquisa e auxiliar o autor a chegar até os resultados do objetivo traçado.

Com características singulares, a pesquisa qualitativa se faz única, de acordo com Yin (2016), estas especificidades se constroem no estudo da vida das pessoas e suas realidades; representação dos pontos de vista dos participantes da pesquisa, assim como seus contextos sociais; fornecer conceitos que já existem ou elaborar um novo que venha a auxiliar comportamentos sociais dos indivíduos, preza pelo uso de variadas fontes de indícios e evidências ao invés de se apoiar em uma única base de referências.

Com isto, a metodologia de desenvolvimento se ajusta na pesquisa qualitativa, considerando que o seu objetivo se faz na elaboração de uma solução ou um produto que venha auxiliar determinada complicação que ocorre na prática, alinhando a teoria com a prática, e esta é a beleza da ciência e da sua habilidade descobrir soluções ou desenvolver conceitos que colaborem e cheguem até a prática. Sobre isto, Sloane (2006) descreve que a ciência ajuda a

entender a educação, as intervenções no âmbito educacional e assim a humanidade proporciona o entendimento, o pensamento crítico e as experiências humanas dentro das práticas educacionais. O fortalecimento da teoria com a prática é o carro-chefe desta metodologia; Jan van den Akker *et al.* (2006) descrevem que, entre o tipo de pesquisa que foca no desenho de um produto para sanar problemáticas educacionais, existem outras características que nascem nesta linha metodológica, tais como: A intervencionista, na qual a pesquisa se faz na elaboração de um produto para que possa intermediar problemas no mundo real; A interativa, onde a pesquisa incorpora uma abordagem cíclica, em que se faz o desenho do produto, avaliação e a revisão do produto; O processo orientado, em que os processos de avaliação é evitado e o foco da pesquisa está na compreensão e na melhoria das intervenções; Orientações de utilidade, em que a competência do produto é avaliada pelos usuários em contextos reais e a Teoria Orientada, na qual o produto, ou pelo menos parte dele, é baseado em propostas teóricas e no teste do produto para averiguar as contribuições do produto para a prática.

Na presente dissertação, foi aplicada como procedimento a intervencionista, com o apoio das informações sobre a prática na Classe Hospitalar, cedidas pelas professoras da Classe Hospitalar “Abc” Nefro, para que a pesquisadora pudesse elaborar o material didático digital, pautado nas possibilidades do emprego de dispositivos móveis, bem como aplicativos digitais na educação e igualmente na inclusão dos temas transversais durante os anos formativos dos estudantes, proporcionando empoderamento por meio da educação, mesmo que ela seja realizada em um espaço hospitalar.

4.3 Desenho do estudo

Neste tópico, será exposto os passos percorridos durante a pesquisa, desde o início da elaboração do produto proposto até os desdobramentos do material didático de acordo com o corpo docente. A partir das respostas do corpo docente sobre questões de como ocorrem as rotinas educacionais em Classe Hospitalar, as metodologias empregadas, quais as relações entre as docentes com dispositivos móveis e se elas se mostram abertas a incluir ou se fazem o uso destes recursos em sala de aula. A pesquisadora buscou analisar quais e como se configuraram as escolhas metodológicas das professoras e a rotina dos estudantes, com a intenção de averiguar como elaborar o material didático digital para que seja fundamentado na realidade da Classe Hospitalar, viável com a sua rotina e apropriado para os professores. Fundamentado nos resultados da pesquisa com o corpo docente, a estrutura do material didático foi produzida no intuito de apresentar novas formas do uso de dispositivos móveis e metodologias inovadoras

para a educação na pedagogia hospitalar.

Contudo, a investigação se expandiu ao abranger aos temas transversais, a afetividade, mediante as mídias sociais, e o empoderamento dos estudantes por intervenção da educação, tendo em vista que estes estudantes, adolescentes e crianças estão em período de formação no qual sua personalidade, como ele se vê e enxerga a sociedade ao seu redor, é concebida. O fato de que estes estudantes estão afastados da sua escola, em tratamento hospitalar e longe de seus amigos e família, os processos de formação estão lentos e por mais que a educação e os conteúdos obrigatórios, tais como português, matemática, ciências, geografia e história, para encorajar o estudante e se ver como parte do mundo em que estas disciplinas envolvem, é preciso ir pelos caminhos da escuta, do diálogos e da compreensão de que o conceito da criança como indivíduo ainda está em construção e pode sofrer danificações se não for levada em consideração pelo professor.

Levando em consideração não apenas isto, como também as recomendações do Ministério da Educação em Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (2013), que os indivíduos que fazem parte dos processos educacionais durante a parte da Educação Básica precisam se sentir amparados pelo espaço escolar e pelos professores que vão fazer parte da sua jornada de aprendizagens, espaço onde a educação é fundamentada na individualidade, igualdade, liberdade e diversidade, como também o vínculo entre a família, elos de solidariedade com o próximo e a tolerância mútua que se estabelece durante a vida social, que devem ser iniciados na educação educação infantil e fortalecidos durante o ensino fundamental.

Na elaboração do material didático digital, a pesquisadora buscou aliar as informações cedidas pelo corpo docente com conhecimentos teóricos sobre a Classe hospitalar e a humanização do seu ambiente, a compreensão de dispositivos móveis e aplicativos digitais na educação tecnologias digitais e as sugestões para aplicar estes recursos na Classe Hospitalar, incluindo abordagens interdisciplinares no contexto pedagógico dos estudantes em tratamento hospitalar.

Ao selecionar uma abordagem que expõe estes assuntos como sugestões pedagógica para os professores que lecionam em Classe Hospitalar, a pesquisadora escolheu apresentar flexibilidade no que se trata da aplicação dos recursos digitais, para que o professor se sinta livre para incluir uma ferramenta ou metodologia educacionais que se encaixe com os objetivos e venha a somar com suas práticas pedagógicas. As propostas pedagógicas, arquitetadas como sequências didáticas para os professores, foram pensadas para abranger os temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), nas quais indicam que as temáticas sobre a

pluralidade cultural, saúde, sexualidade e meio ambiente devem ser abordadas em sala de aula, com o objetivo de estimular o pensamento crítico dos estudantes.

As sequências didáticas pedagógicas incluídas no produto fazem sugestões do uso de aplicativos de interação e afetividade, como o Instagram, para incluir a vida social e familiar do estudante para que ela seja mais fácil de acessar, assim como criar e um perfil nesta mesma mídia social sobre a Classe Hospitalar para divulgar os trabalhos e apresentar a importância pedagógica que ali reside; propostas da inclusão da temática sexualidade, na qual se conversa sobre os limites do toque do corpo mediante a música “isso e aquilo” disponível no Youtube e com o objetivo de orientar a criança sobre o seu corpo, seus limites de onde se pode tocar ou não e o que fazer quando o toque se torna algo invasivo; conversas sobre as culturas de matriz africanas e com o auxílio do professor que acompanha o estudante em tratamento hospitalar, elaborar um livro digital com a ajuda do aplicativo Calaméo sobre os fatos e conhecimentos que este estudante descobriu sobre as informações que aprendeu; incluir meio ambiente como tema, no qual os estudantes possam fazer uma rápida pesquisa sobre os animais em extinção e, após este momento, ele possa criar um roteiro no bloco de notas celular ou Tablet com as soluções que ele pensou para a continuidade de espécies em risco de extinção e venha a gravar um áudio sobre suas ideias. O áudio mais votado entre os estudantes e se o corpo docente acatar a ideia da página no Instagram sobre a Classe Hospitalar, o áudio vencedor será colocado nos destaques da página.

Objetivo semelhante ao da Base Nacional Curricular Comum (2017), na qual se reconhece que o processo educacional do indivíduo requer que ele tenha competências para que no futuro possa lidar com informações, ter responsabilidade na perspectiva da cultura digital, ter autonomia e aprender com as diversidades que fazem parte do seu ambiente social. A proposta do produto é de acessar as professoras da Classe Hospitalar para a temática voltada para questões que abrangem a perspectiva sociais vinculadas aos temas transversais na educação.

Após a elaboração do material didático “Classe Hospitalar e aplicativos móveis no ambiente pedagógico: possibilidades na construção de aprendizagens com recursos digitais”, o seu compartilhamento entre o corpo docente do “ABC” Nefro foi realizado e, ademais, será realizado o upload do produto nas plataformas de pesquisas acadêmicas para que outros professores e professoras possam ter acesso, visto que é essencial que o conhecimento seja compartilhado. As propostas e sequências didáticas foram pensadas para que os pensamentos, as ideias, e o que o estudante tem a dizer ou criar a partir de sua mente ou produzir junto aos seus colegas, não sejam esquecidos mesmo que venham a óbito.

4.3.1 Fases da investigação

A partir do parecer de aprovação da investigação da pesquisa pelo Comitê de Ética, a presente investigação se iniciou mediante a identificação das rotinas e metodologias utilizadas em Classe Hospitalar, para que a pesquisadora pudesse averiguar como e de que modo são realizadas as aulas e se o corpo docente se mostra favorável ao uso de dispositivos móveis e metodologias ativas no cotidiano de suas práticas. A partir da pesquisa realizada e colhida pelo *Google Forms* com as professoras da Classe Hospitalar “Abc” Nefro, o material didático digital foi se desenhando mediante as respostas e resultados da entrevista com dispositivos e aplicativos que pudessem se adequar com as rotinas pedagógicas da Classe Hospitalar. Como a pesquisa foi estruturada na metodologia do desenvolvimento, a elaboração do produto foi planejada para abranger os fundamentos utilizados nas práticas da Classe Hospitalar e os recursos móveis digitais, assim como a reconstrução da autoestima e autonomia do estudante, mediante a educação que conversa com temáticas transversais.

Contudo, a pesquisa cresceu e compreendeu não apenas o empoderamento dos estudantes mediante aos processos educacionais, mas os temas transversais incluídos nestes mesmos processos realizados em sala de aula. Após a criação do material didático digital, foi enviado ao corpo docente e à coordenação da Classe Hospitalar “ABC Nefro” uma cópia do material didático digital, com a finalidade de compartilhar seu conteúdo, para que as professoras possam escolher variadas possibilidades pedagógicas e incluir, se achar pertinente, as propostas educacionais e sequências didáticas em sala de aula na Classe Hospitalar.

4.4 Participantes da Pesquisa

A pesquisa foi realizada com professores do “ABC Nefro”, no ambiente de Classe Hospitalar referencial no Estado, localizado no Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão (HUUFMA) - Unidade Presidente Dutra. O projeto “ABC Nefro” foi construído em colaboração entre o Hospital Universitário - Serviço de Nefrologia e a Secretaria Municipal de Educação do Município de São Luís. O objetivo do “ABC Nefro” concentra-se não só na humanização do atendimento dos pacientes, mas na viabilização do acesso à alfabetização e continuidade do estudo mediante o tratamento.

Em concordância com as atividades pedagógicas do “ABC Nefro”, a investigação envolveu duas professoras vinculadas ao “ABC Nefro”, projeto que trabalha no atendimento de

crianças hospitalizadas e coordenação pedagógica. A partir de entrevistas estruturadas com as docentes, acerca do planejamento de conteúdos incorporados durante os processos de ensino e aprendizagem na Classe Hospitalar, dispositivos móveis e metodologias ativas, a fim de que o pesquisador pudesse abranger as opiniões acerca das perspectivas sobre tecnologias digitais móveis e as rotinas pedagógicas na Classe Hospitalar.

Mediante os instrumentos de coleta, para possibilitar a análise de dados, a amostra da pesquisa foi introduzida aos objetivos da pesquisa, a intenção da mesma no espaço pedagógico hospitalar e a livre escolha de participar ou não da investigação, respeitando a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). De acordo com os apêndices A e B, os instrumentos de coleta de dados serão realizados com as professoras, com o propósito de compreender as opiniões, percepções e relatos em relação a implementação de metodologias ativas e dispositivos móveis na Classe Hospitalar.

O corpo docente da Classe é composto por 5 (cinco) professoras, sendo que destas, três atuam no ensino de crianças em tratamento hospitalar e duas professoras que responderam às entrevistas aplicadas no Google Forms. As professoras que atuam na Classe Hospitalar “ABC Nefro” voltadas para ao atendimento pedagógico de crianças, segundo Fonseca (2018), conta com a equipe pedagógica com experiência de dez anos de prática na Educação Básica e fazem parte do grupo de magistério da Secretaria Municipal de Educação de São Luís (SEMED). Fonseca (2018) destaca que, mesmo sem a formação para a Pedagogia Hospitalar, as professoras realizam seus trabalhos pautados não apenas nos conhecimentos da graduação e acadêmicos, como também nos saberes de suas práticas colhidas durante seus trabalhos como docente na Educação Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos.

4.5 Local da Pesquisa

Em razão do Covid-19 e da sua rapidez em se alastrar por todo o mundo, naturalmente os hospitais e suas pesquisas tiveram que sofrer modificações. Com isto, a pesquisa ocorreu a distância, tendo como acesso a amostra da pesquisa o Google Forms, os e-mails a respeito das entrevistas estruturadas e o convite para participar desta pesquisa. A presente dissertação analisou as práticas pedagógicas realizadas no espaço de diálise crônica, no centro de serviço de Nefrologia, Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão (HUUFMA) - Unidade Presidente Dutra, localizado na Rua Barão de Itapary, 277 – São Luís, Maranhão. O Hospital Universitário, O HUUFMA provém ao município de São Luís e ao estado do Maranhão, unificando a implantação da assistência à comunidade, ensino e a

extensão do mesmo por meio da pesquisa científica. A partir dele, o Serviço de Nefrologia assegura ao paciente que sofre complicações renais, a assistência aos tratamentos necessários, como a hemodiálise.

Neste espaço terapêutico, realiza-se a admissão e a inclusão da educação destes pacientes, fortalecendo a humanização no ambiente hospitalar. A elaboração de práticas pedagógicas a jovens alunos afastados da escola, ou alunos mais velhos que não tiveram a oportunidade de dispor de ensino durante sua juventude, encontram na Classe Hospitalar a possibilidade de ter a verdadeira autonomia social e econômica que só a educação pode garantir.

4.6 Instrumentos de coleta de dados

A investigação teve como instrumento de pesquisa a aplicação de entrevistas estruturadas com o corpo docente, assim como a coleta de dados. As **entrevistas estruturadas** foram disponibilizadas pelo google forms e enviadas aos professores e à coordenação da Classe Hospitalar do “Abc Nefro”, com o intuito de averiguar as metodologias usadas durante as aulas e suas opiniões sobre o uso de dispositivos móveis e metodologias ativas em suas práticas pedagógicas.

A pesquisa dispõe-se a colaborar com o trabalho do corpo docente do “ABC Nefro”, ao elaborar um material didático digital que vincula os saberes das práticas da sala de aula em colaboração com as respostas dos docentes da Classe Hospitalar, na qual seja um material acessível para potencializar a aprendizagem e incluir recursos digitais na educação, divulgar a inserção de ferramentas digitais e metodologias ativas nos processos educacionais e incorporar os elementos motivacionais da metodologia ativa na prática, levando em consideração os relatos dos professores e dos alunos em tratamento hospitalar.

4.7 Procedimentos de análise dos dados

Sobre a análise de dados, a pesquisa se orientou pelas seguintes etapas:

a) As perguntas foram dirigidas aos docentes do projeto “ABC Nefro” estruturadas através do *Google Forms* e enviadas para o e-mail. E analisadas mediante a análise de conteúdo de Bardin (2011) a fim de analisar e tratar os dados obtidos;

b) Foram realizadas análises das respostas do corpo docente sobre os seus procedimentos metodológicos, suas opiniões acerca de dispositivos móveis em suas práticas e com a finalização da análise, o e-book será incrementado com saberes das práticas da classe

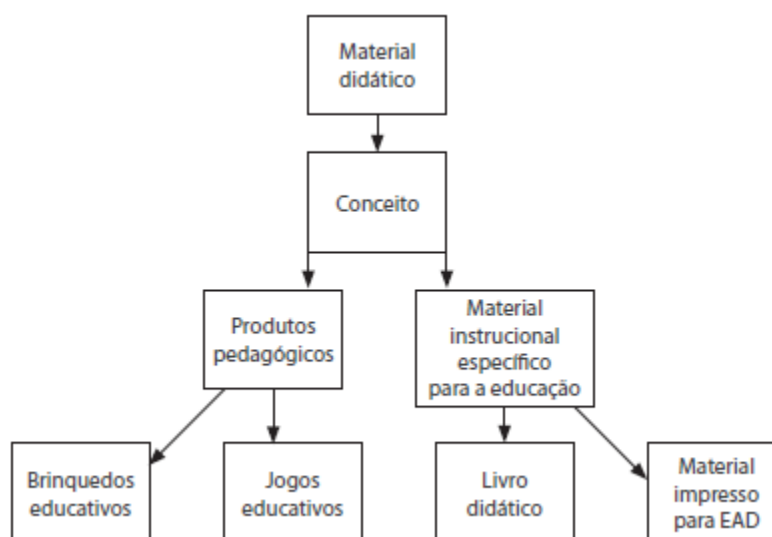
hospitalar dos docentes.

A análise dos dados resultantes da pesquisa teve como base uma **pesquisa aplicada**, assim como técnica de tratamento para a análise de conteúdo. Bardin (2011, p. 95) descreve bases para a estrutura da análise, a qual deve ser composta “[...] pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados [...]”. Para a realização do estudo, a pesquisadora efetuou etapas que visam os procedimentos da produção da investigação, tais como: revisão de literatura sobre a inserção de dispositivos móveis, aplicativos digitais e metodologias ativas em classe hospitalar como ela se pode adequar mediante à sua inserção na educação e quais são as considerações no que se refere ao seu uso; refinamento teórico; e análise dos conteúdos encontrados mediante as entrevistas com professores do “ABC Nefro”.

5 MATERIAL DIDÁTICO DIGITAL PARA PROFESSORES DA CLASSE HOSPITALAR: resultados da pesquisa e caminhos da elaboração do produto

Porém, para estruturar o material didático, é preciso ter a composição correta, assim como a fluidez de uma canção. Um material didático necessita de estudos teóricos para fortalecer e fundamentar o que diz, além de apresentar ao leitor, ou professor, novas e outras formas de ver ou de incluir determinadas propostas em sala de aula, envolvendo o leitor em um tecer de ideias no qual ele se sinta convidado a incorporar sugestões pedagógicas que podem ser incluídas em suas práticas educacionais em sua sala de aula.

Figura 1 - Definições e tipos de Livros Didáticos



Fonte: Bandeira (2009)

Bandeira (2009) indica que o material didático se faz a partir de um composto de textos, imagens e ferramentas, que se constroem com o propósito educacional de assistência, mesmo que seja de forma impressa ou digital, para auxiliar o docente. Atua de forma flexível, de acordo com Bandeira (2009), pode se dividir em vários tipos, como caderno de atividades, livro didático, guia do estudante, guia do docente ou até livro paradidático. Esta flexibilidade pode se estender até a ferramenta na qual o material didático é acessado, de forma digital e interativa, possibilitando que o leitor tenha acesso aos links de sites, livros ou vídeos para que o conhecimento sobre o assunto do material didático seja expandido chame a atenção de quem o lê. No quadro de Bandeira (2009), acima, é possível observar até onde e as mudanças que são realizadas em razão da elaboração do material didático.

O conhecimento se faz mediante discussões sobre estudiosos anteriores, pesquisas,

reflexões sobre a área pesquisada, produção e divulgação sobre quais são as considerações do tema abordado na pesquisa. Na busca de soluções para problemáticas nos campos de atuação, novas reflexões ou abordagens de se pensar nas práticas pedagógicas, pesquisadores, em conjunto, realizam investigações a respeito de caminhos educacionais que auxiliem o professor que ainda está em graduação, ou aquele que já atua há bastante tempo, mas deseja se atualizar sobre recursos ou soluções inovadoras sobre as ações pedagógicas. A partir destas pesquisas sobre tópicos, tais como: formação de professores; recursos digitais que podem ser aplicados para o contexto da sala de aula; formação continuada e outros diálogos sobre novas abordagens pedagógicas.

Sendo assim, a produção, o acesso destas pesquisas e as discussões acerca da formação de professores deve chegar até o professor que está em contato direto com a prática e aberto a somar seus saberes, da rotina pedagógica, ao material didático que foi realizado por meio de pesquisas, estudos de caso e investigações sobre formas de aplicar os processos de ensino e aprendizagens que sejam benéficos para os estudantes e professores, auxiliando assim a criar um ambiente favorável para que a aprendizagem significativa aconteça.

Sobre a educação, a qualidade e sua estrutura devem ser discutidas, pensadas, e suas reflexões acessadas pelos professores, os quais são o público alvo do material didático, no objetivo de que as sugestões propostas pelos autores passem pela leitura e ponderação dos docentes, a fim de que a qualidade e a estrutura educacional possam ser reforçadas por estes professores durante as práticas educacionais. Ao pensar nas crianças em tratamento hospitalar, é preciso lembrar que elas também precisam passar pelos processos de formação humana e conhecimento de mundo, porém estão afastadas de seu meio habitual e em um momento frágil de suas vidas.

Ao refletir sobre a educação continuada na Classe Hospitalar, acredita-se que o estudante que está em tratamento hospitalar precisa continuar seus estudos com a escola de origem e as aprendizagens dos conteúdos que são inseridos.. Rabelo e Silva (2014) apontam que o professor é a ponte entre o estudante que está em tratamento hospitalar e o mundo que o cerca, incluindo a escola de origem do estudante. Porém, crianças em classe hospitalar, ou não, estão em ciclo de formação, no qual sua personalidade, identidade, suas visões sobre o mundo, seu lugar nele, direitos e deveres, culturas diferentes das suas, ou seja, conhecimento de mundo. Os estudantes que estão em tratamento hospitalar, e estão na Classe Hospitalar, têm os mesmos direitos, qualquer outra criança, à educação igualitária, o direito a ter uma educação digna e acessível.

Deste modo, por que a etapa de formação humana e de cidadania deveriam ser

tratadas como algo secundário? Conhecimento dos conteúdos desenvolvidos na escola e conhecimentos de mundo e suas pluralidades podem trabalhar em conjunto, interligando os dois em um espaço só e incluindo os dispositivos móveis que já são do estudante como recurso pedagógico, para que a criança possa relacionar os conteúdos aprendidos com a diversidade social que está além dos muros do hospital em que ela está internada, gerando assim interações afetivas entre os estudantes e professores mediante a educação.

A partir destas indagações, a pesquisadora constatou quais eram as rotinas das professoras da Classe Hospitalar “ABC” Nefro, suas metodologias, as dificuldades enfrentadas durante as aulas e como se sentiam em relação aos dispositivos móveis e aplicativos digitais, a fim de verificar quais eram os processos educacionais da Classe Hospitalar “ABC” Nefro do ponto de vista das professoras, para poder elaborar o livro didático sobre as possibilidades entre a Classe Hospitalar e a construção de aplicativos móveis no ambiente pedagógico.

O objetivo da elaboração do didático digital se concentrou em somar com as práticas da pedagogia hospitalar, proporcionando sugestões pedagógicas que venham a utilizar smartphones e tablets, que são dos próprios estudantes, como ferramenta pedagógica, cujo propósito é o de impulsionar laços de interação e afetividade entre os estudantes, mediante os aplicativos digitais e a sociabilização que eles oferecem, incluindo temas transversais nas práticas pedagógicas, com o objetivo de que os estudantes percebam o mundo que está além do hospital.

Para conhecer a formação, a rotina, como se sentem em relação aos dispositivos móveis e às metodologias utilizadas em Classe Hospitalar, a pesquisadora elaborou um questionário sobre estas indagações e os resultados demonstram que as professoras incluem propostas pedagógicas que se encaixam com o que o estudante precise, considerando suas limitações, levando a educação para os estudantes de forma singular e individualizada, cujos resultados podem ser melhor observados no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Relatos das Entrevistas

Questões	Professora A	Professora B
Qual sua formação acadêmica?	Pedagogia	Pedagoga
Possui especialização? Se sim, quais?	Não	Educação Inclusiva
Quais são as metodologias pedagógicas realizadas	Cada professora aplica um método específico de acordo	Atendimento individualizado

durante as aulas do “ABC Nefro”?	com a sua clientela. Normalmente fazemos uso da interdisciplinaridade, pois não é possível trabalhar com todos os conteúdos da mesma forma que é trabalhado na sala de aula convencional.	
Como se caracteriza a rotina dos professores e alunos na Classe Hospitalar?	Começamos com a acolhida aos alunos, em um primeiro momento de conversa informal. Em seguida começamos a fazer as atividades programadas para o dia. O atendimento é na maioria das vezes, individual. Paramos as atividades na hora que chega o lanche ou quando há intervenção de algum profissional da saúde, e em seguida retomamos de onde paramos.	Conversa inicial/ atividade impressa ou digital/ conclusão com o resumo do momento
Encontra dificuldades a respeito do engajamento dos alunos nas atividades pedagógicas do “ABC Nefro”?	Sim, nem todos os dias conseguimos trabalhar com todos os alunos, por causa dos efeitos colaterais da hemodiálise. É normal que os alunos durma, tenham dor de cabeça, ou tipo de mal estar.	Às vezes. Nem sempre os alunos estão com condições físicas tendo em vista o estado de saúde durante a hemodiálise.
Já pensou na utilização de dispositivos móveis como uma ferramenta educacional, tal como o celular, em sala de aula? Se sim, quais dispositivos e como?	Já fazemos uso de celular e tablet desde o início. Não é possível oferecermos aos alunos muitos materiais pedagógicos para manuseio durante as aulas, para que não haja nenhum tipo de contaminação. Quando usamos instrumentos diferenciados precisamos fazer a correta e rigorosa higienização dos mesmos	Celular, tablet, notebook

Como se sente em relação ao uso de metodologias ativas e o uso de elementos de jogos, incorporados nas atividades pedagógicas do "ABC Nefro"?	As metodologias ativas são essenciais, visamos sempre a interação das crianças com o objeto estudado. É importante que elas compreendam e participem da construção do conhecimento. Quando necessário, apresentamos a elas materiais que serão utilizados individualmente, não havendo compartilhamento desses materiais. O uso de celular é diário, e cada aluno leva o seu, o que facilita bastante.	Super confortável. Faço uso sempre que possível
---	--	---

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Conforme os relatos presentes nas entrevistas, existem cuidados individualizados para o atendimento de cada estudante, levando em consideração que cada caso e cada estudante são únicos, assim como seu ritmo e suas rotinas singulares. Apesar do uso e de qual metodologia os docentes se amparam não ter sido apontada nas argumentações, é compreendido que os processos educacionais são adaptados para corresponder com a escola de origem e manter o estudante conectado a ela. Bem como o aceite positivo entre a rotina educacional da Classe Hospitalar com os dispositivos móveis, nos quais as professoras encorajam suas utilizações em sala de aula, visto que os dispositivos digitais móveis diminuem o risco de contaminação dos estudantes e a fácil higienização destes recursos.

Contudo, para resgatar os resultados com mais afinco, a pesquisa se guia pela análise de conteúdo de Bardin (1977) em virtude da natureza da pesquisa, a palavra, os posicionamentos e as perspectivas das professoras sobre as rotinas educacionais e seus pontos de vista da inserção de dispositivos móveis na Classe Hospitalar "ABC" Nefro. Segundo a autora, o tratamento da pesquisa passa por três etapas de organização, sendo a primeira a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados e sua interpretação.

Análise de conteúdos das entrevistas com as professoras da Classe Hospitalar "ABC" Nefro, conforme disposto no Quadro 2.

Quadro 2 – Análise das Entrevistas

Tema	Categorias	Sub-categorias	Indicadores/ Unidades de	Unidades de contexto
-------------	-------------------	-----------------------	-------------------------------------	---------------------------------

			registro	
Perfil acadêmico da entrevistada	Formação Acadêmica	Pedagogia e Educação Inclusiva		“Pedagogia e Educação Inclusiva”
Conhecimentos e rotinas da Classe Hospitalar	Saberes das práticas em sala de aula	Atendimento individualizado Aula interdisciplinar Início de atividades	Atendimento individualizado	“Cada professora aplica um método específico de acordo com a sua clientela.” “Normalmente fazemos uso da interdisciplinaridade, pois não é possível trabalhar com todos os conteúdos da mesma forma que é trabalhado na sala de aula convencional.”
Perspectivas sobre dispositivos móveis em Classe Hospitalar	Dispositivos móveis no “ABC Nefro”	Uso incentivado mediante a facilidade de higienização; Visão positiva da inclusão de Tablets e celulares com estudantes	Uso efetivo de dispositivos móveis	“ Já fazemos uso de celular e tablet desde o início... Quando usamos instrumentos diferenciados precisamos fazer a correta e rigorosa higienização dos mesmos.” O uso de celular é diário, e cada aluno

				leva o seu, o que facilita bastante.
Engajamento dos estudantes na sala de aula e metodologias ativas	Participação dos estudantes em tratamento hospitalar	Dificuldades no engajamento dos estudantes; Inclusão de metodologias ativas para facilitar interação	Pouco engajamento educacional	“Sim, nem todos os dias conseguimos trabalhar com todos os alunos, por causa dos efeitos colaterais da hemodiálise.” “ É normal que os alunos durma, tenham dor de cabeça, ou tipo de mal estar.” “As metodologias ativas são essenciais, visamos sempre a interação das crianças com o objeto estudado.”

Fonte: Dados da Pesquisa (2020)

Durante a análise de uma pesquisa qualitativa, as palavras, e o que elas querem dizer, indicam os pontos de vista sobre os objetos estudados e a metodologia empregada guia como elas devem ser interpretadas e analisadas pelo pesquisador. Bardin (1977) indica que a análise qualitativa demonstra características singulares, nos quais a sua validação se elabora nas deduções e corresponde aos processos que se adaptam de acordo com os desenvolvimentos das hipóteses.

Os dados recolhidos indicam que há a falta de uma metodologia sólida e que seja flexível e case com as necessidades dos estudantes em tratamento hospitalar. É visto que o encorajamento da inclusão de dispositivos móveis dos estudantes é algo positivo e deve ser

estimulado, porém, sem um direcionamento e um procedimento metodológico que venha a utilizar suas ferramentas e incorporar seu uso na educação, de modo que os estudantes possam se sentir que estão ativos, produzindo, aprendendo coisas novas sobre si mesmo e colaborando conhecimentos entre seus colegas, faz com que a efetivação dos dispositivos móveis se transforme em algo maior.

Claro que a aplicação de ferramentas digitais em sala de aula hospitalar deve levar em consideração os efeitos dos tratamentos dos estudantes, que não estão fisicamente ativos como foram antes de serem admitidos como pacientes no hospital. Entretanto, estes estudantes não são resumidos pelas doenças e sintomas que enfrentam, suas potencialidades ainda estão ali e são libertadas a partir dos diálogos entre o estudante e o professor. Rabelo e Silva (2014) apontam que o professor é a ponte entre o estudante que está em tratamento hospitalar e o mundo que o cerca, incluindo a escola de origem. Ao propor o atendimento individual, que leva em consideração o estado físico e mental deste estudante, o professor em Classe Hospitalar mostra que os estudantes são vistos e percebidos como prioridade para o grupo de docentes hospitalares.

Sobre as rotinas que envolvem as atividades pedagógicas na Classe Hospitalar, e as suas características, as professoras descreveram que iniciam as atividades com o momento de acolhida dos estudantes, por meio de uma conversa informal, as atividades programadas para o dia são iniciadas e são pausadas no momento do lanche dos estudantes, ou quando é preciso alguma intervenção de um profissional de saúde, e retomadas de onde fora interrompido. Normalmente, são realizadas atividades com material impresso ou digital e, ao final da aula, é elaborado um resumo com o que foi exposto e feito durante o momento da aula com os estudantes.

Considerando as respostas de como são realizadas as rotinas pedagógicas, o engajamento dos estudantes, e como as professoras se sentem sobre dispositivos móveis e metodologias ativas, como ferramentas digitais na educação da Classe Hospitalar, a pesquisadora elaborou um material didático digital, no qual se encontram sugestões didáticas de como e porque incluir propostas educacionais que abordem questões de conhecimento de mundo, tais como os temas transversais na educação e incorporando a sua abordagem com dispositivos móveis e aplicativos que possam engajar estes alunos com a aprendizagem e interatividade entre os estudantes.

De acordo com Barbosa (2002), os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam os temas transversais, nos quais são uma forma de inclusão das questões sociais dentro do currículo escolar, o conhecimento nas disciplinas obrigatórias passa a ser vinculada junto aos

processos de ensino e aprendizagem, a fim de que os estudantes possam desenvolver formação de cidadania e formação humana, conhecendo questões de cunho social e racial, com o objetivo de que práticas discriminatórias sejam diminuídas e que o estudante possa levar este conhecimento para si e seus familiares.

Barbosa (2002) explana que a abordagem dos conteúdos transversais não se resume à motivação dos estudantes para que eles aprendam os conteúdos de forma diferenciada, é necessário promover a dimensão política e social deste conhecimento, para que estes estudantes possam se tornar cidadãos que conheçam sua realidade, direito e deveres. Barbosa defende que não é o suficiente a elaboração de projetos para que os estudantes possam aprender conjugação dos verbos, ou como acentuar palavras; a autora descreve que esta ação é como trabalhar com uma curiosidade que não se mostra verdadeira, pois não é instigada. É necessário incluir propostas que despertem esta curiosidade e transformem em conhecimento. Para isso, precisa-se mais do que educar, é necessário o porquê e para quê existe a educação na vida dos estudantes.

A respeito da ação de orientar os estudantes nos momentos de sala de aula, Zabalza (1998) revela que delimitar que a função do professor seja resumida a dar aula não chega a definir o objetivo e até onde vai o trabalho do professor em classe. A função do docente em sala de aula é o ato de guiar e apresentar informações e conhecimentos que são necessários, e adaptar para que estes conhecimentos tenham significado e possam fazer parte das sabedorias prévias que os estudantes já possuem. Estes conhecimentos e estas informações, incluídos nos processos educacionais na educação, podem ser debatidos mediante às adaptações de acordo com a faixa etária da criança, cujo propósito é oportunizar o desenvolvimento do senso crítico dos estudantes, para que os conhecimentos possam ultrapassar a sala de aula e envolver as pessoas que fazem parte da escola como um todo.

Segundo Zabalza (1998), a criança tem capacidades e seria essencial que o professor buscasse impulsionar estes potenciais para que se desenvolvam durante a educação infantil, e que o ciclo do desenvolvimento dos estudantes fosse fortalecido. O autor citado aponta que a educação infantil não se trata de um espaço no qual a criança é cuidada no decorrer de meses, devem ser levados em consideração os recursos que venham a incluir novas experiências ao estudante e o capacitar para as próximas etapas na sua formação educacional. “A questão básica a ser colocada é: qual o tipo de formação que se pretende oferecer aos alunos(as)? Qual será o elo de união, a ideia formativa que estabeleça esse fio condutor desde que as crianças ingressam na escola.[...]” (ZABALZA, 1998, p. 24). O autor supracitado estabelece que a educação infantil tem como foco da formação a de amplificar conhecimentos

de vida com os recursos que as crianças podem ter acesso na escola e, assim, incorporar reconstruções de como ver ou compreender a vida e seus hábitos cotidianos.

Entretanto, faz-se necessário reviver a importância de perceber a criança como um indivíduo pensante e que tem suas ideias e saberes que são levadas consigo até à escola. Ao agregar conhecimentos de mundo e de diferentes sociedades, a criança tem a chance de aprender, conhecer a si mesmo e compreender as diversidades sociais, de gênero e raciais que existem na comunidade na qual a criança está inserida, para que ela possa crescer sem perpetuar preconceitos, desenvolva conhecimentos intrapessoais que fortaleçam sua saúde mental e tenha ciência sobre o mundo que corre do lado de fora de sua sala de aula.

Bissoli (2014) enfatiza que a evolução humana é um fato de cunho histórico social, assim como a personalidade do indivíduo que ainda está em construção, a escola ou a sala de aula deve ser o espaço no qual se faça acontecer a união da criança com conquistas significativas de natureza histórico sociais, com as pessoas que a cercam. “Que o professor tome ciência da magnitude de seu trabalho na formação das pessoas e possa ser, consciente e intencionalmente, o artífice da construção de uma nova humanidade.” (BISSOLI, 2014, p. 596).

A partir desta ótica, a inserção de conhecimentos de mundo e temas transversais vinculados aos processos educacionais da Classe Hospitalar se mostram fundamentais para estimular conceitos que visam o desenvolvimento da formação humana do estudante e o fortalecimento de sua saúde mental, mediante o diálogo e o despertar da autonomia dos estudantes em tratamento hospitalar.

Em conjunto com as informações colhidas nesta pesquisa, sobre as metodologias adotadas em sala de aula, a rotina das crianças em Classe Hospitalar, a visão das professoras a respeito das metodologias ativas e dispositivos móveis nos momentos de aula da Classe Hospitalar, a pesquisadora reuniu os saberes das práticas das discentes hospitalares, com sequências didáticas que visam a unificação dos temas transversais na educação, uso de aplicativos digitais com dispositivos móveis incluídos nos processos de ensino e aprendizagem na Classe Hospitalar, evidenciando, assim, temas que envolvem o aluno como indivíduo que precisa compreender a si mesmo, suas possibilidades e limitações, e a sociedade que o cerca e as informações que chegam de modo acelerado nos seus dispositivos móveis, mas podem ser transformados em conhecimentos quando somados à mediação dos professores que atendem aos estudantes em tratamento hospitalar.

Com o objetivo de auxiliar docentes que trabalham em Classe Hospitalar e almejam promover novos caminhos de aprendizagens na sala de aula hospitalar, a pesquisadora se preocupou igualmente com os pontos a respeito do empoderamento, afetividade e conhecimento

de mundo no contexto da Classe Hospitalar e, com isto, em conjunto com os resultados desta pesquisa, sobre as abordagens metodológicas e rotinas da sala de aula, foi elaborado o material didático digital *Classe Hospitalar e aplicativos móveis no ambiente pedagógico: possibilidades na construção de aprendizagens com recursos digitais*. Barbosa (2002) expõe que as questões sociais abordadas no temas transversais podem ser incluídas a partir de várias áreas do conhecimento e atravessar por eles ao mesmo tempo, aplicando assim em sala de aula, a ampliação no papel do professor em ir além do ensino de disciplinas escolares e abordar a prática da aprendizagem que mostre ao estudante formas de como realizar a leitura da realidade, convergindo assim o conhecimento escolar em um recurso para compreender e agir na sociedade.

Barbosa (2002) indica que o conhecimento não deve ser percebido tal qual uma caixa, onde se leva e deposita de um lugar para o outro, mas sim como elementos que podem ser aplicados em situações interdisciplinares na educação e que é necessário que professor tenha ciência é possível combinar a ação do diálogo, o compartilhamento e a descentralização da figura do professor em sala de aula. A autora supracitada descreve que os temas transversais trazem os seguintes aspectos: a introdução dos diálogos sobre a ética e a compreendendo tal como princípios de como conviver em sociedade; percebendo o meio ambiente como uma expansão de todos que habitam seres vivos que vivem em comunhão em terra e para que possamos viver com saúde, a preservação do meio ambiente é necessária; atentar para a saúde pessoal e do coletivo dos indivíduos; reconhecer a pluralidade cultural e compreender as diferenças e diversidades que podem se fazer presentes em sala de aula; assim como temas como a orientação sexual e questões de gênero; temáticas a respeito de divergências sociais e abordar em sala de aula sobre ele como um indivíduo social e a sociedade ao seu redor.

O produto desta dissertação conta com abordagens teóricas a respeito da Classe Hospitalar e a humanização do espaço da sala de aula; a importância das tecnologias digitais, assim como quais e como são inseridos os dispositivos móveis e aplicativos digitais; sugestões para as práticas pedagógicas interdisciplinares em Classe Hospitalar, reunindo sequências didáticas que reúnem conteúdos descritos nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), aplicativos digitais e dispositivos incluídos como ferramentas pedagógicas para os estudantes e professores. Se sabe que estas questões sobre a afetividade inseridas nas ações pedagógicas, a discussão sobre racismo no Brasil, empoderamento mediante a educação e a reconstrução com os laços sociais do estudante com o seu lugar de origem, fortalecimento da autoestima e da autonomia dos estudantes afastados de sala de aula, podem ocasionar no crescimento educacional, emocional e social dos estudantes em Classe Hospitalar.

Sobre a construção de sugestões didáticas, Zabala (1998, p. 20) explica que “[...] as sequências didáticas, são uma maneira de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática.” O autor descreve que as sequências indicam quais as funções que cada atividade terá na elaboração do conhecimento e do ato de aprender conteúdos diferentes, auxiliando assim o professor a planejar suas aulas e uma avaliação que seja adequada aos estudantes. Com a construção das sequências didáticas, Zabala (1998) determina que o professor terá na identificação das fases destas sequências didáticas, as atividades que ajustam a ela, assim como as relações definidas para o entendimento dos valores educacionais e as motivações para a inclusão de mudanças nas atividades, no objetivo de que elas venham a melhorar para o estudante e o professor.

Contudo, é preciso perpetuar, escrever e falar sobre a necessidade de incluir propostas que visam a função social da educação em Classe Hospitalar, que se objetiva na continuidade da educação dos estudantes em tratamento e também no empoderamento do estudante por meio desta mesma educação. Nas imagens abaixo, é possível observar a abordagem e como o material didático deseja abordar os professores, tal como um convite de sugestões pedagógicas a respeito das inclusões e das possibilidades de dispositivos móveis e aplicativos digitais em Classe Hospitalar. O material didático digital, realizado no formato do *E-book*, aponta para o direcionamento de demonstrar para os docentes sobre quais são as possibilidades da inserção destes aplicativos e dos próprios dispositivos móveis em sala de aula,

tendo como público alvo os estudantes da Classe Hospitalar, conforme pode ser observado na Figura 2 e Figura 3.

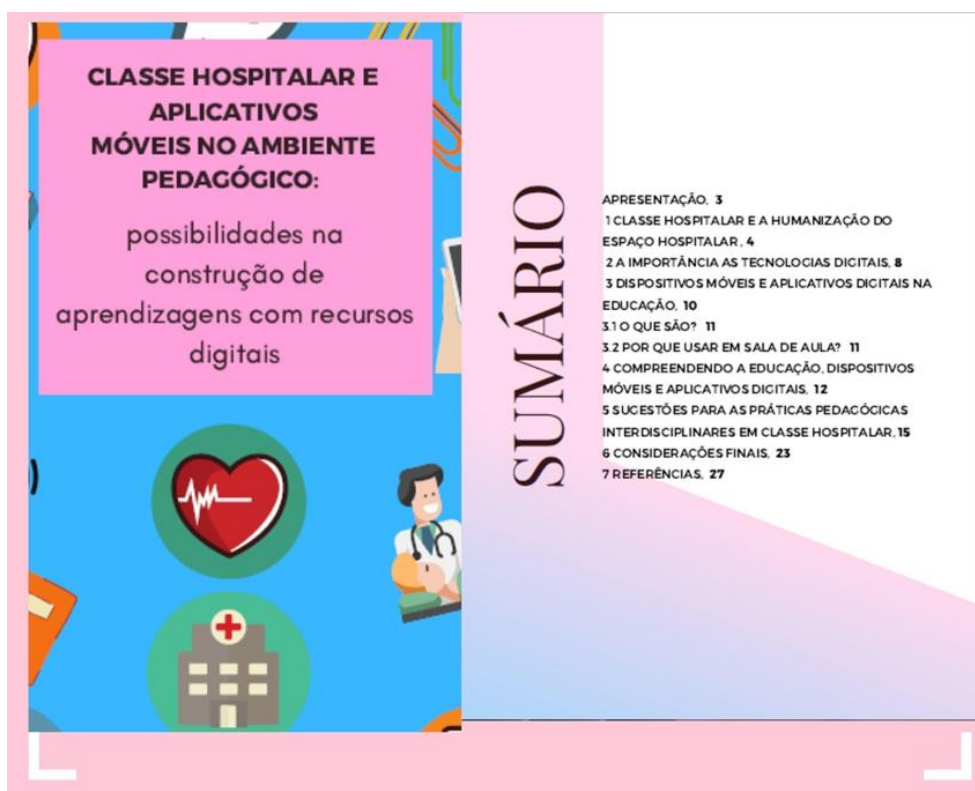


Figura 2 -
Imagem da capa
do material
didático digital



Figura 3 - Exemplar das Sequências didáticas do E-book.

O produto desta dissertação foi pensado nesta ideia da inclusão dos estudantes e dos professores com recursos que os aproximem do mundo além dos muros do hospital, fazendo também que estes estudantes em Classe Hospitalar possam acessar e se reconhecer como indivíduos que estão dentro da diversidade que abrange a sociedade. E que as atividades desenvolvidas pelos estudantes sejam vistas pelo *Instagram* por pessoas fora da Classe Hospitalar, por quem não conheça os trabalhos realizados e por pais de crianças ou adolescentes que precisam do atendimento pedagógico realizado no hospital.

A Unesco (2020) descreve que a organização da educação inclusiva podem não somente desenvolver o desempenho acadêmico dos estudantes, como também o desenvolvimento social, emocional e a autoestima. A inclusão por meio da diversidade se mostra como um acesso para a construção de uma sala de aula favorável ao crescimento do estudante tal como um indivíduo. “É um pré requisito para a educação e em para democracias fundamentadas na integridade, na justiça e na igualdade. Ela estabelece um marco sistemático para remover barreiras a partir do princípio de que todo estudante importa, e importa

igualmente.(UNESCO, p. 12, 2020)

Logo, discussões em relação ao currículo devem ser estimuladas e realizadas de imediato, para que a educação possa se adequar em decorrência da Covid-19 e das suas consequências nas vidas dos indivíduos. A Unesco (2020) evidencia que são necessárias mudanças curriculares, assim como a capacitação de professores e a construção de materiais didáticos que sejam mais inclusivos desde o seu planejamento até o momento de sua incorporação em sala de aula.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da pesquisa, quando ela era um projeto de ideias conjuntas e fundamentadas com citações de estudiosos educacionais, não se falava tanto na hospitalização como algo cotidiano na vida das pessoas. O debate da educação incluída no dia-a-dia dos estudantes em tratamento hospitalar eram tímidos e a socialização era imediata e acessível ao toque ou abraços afetivos. A partir deste cenário, em que as pessoas precisam tomar precauções para não adoecer ou falecer por consequências da doença, a educação promove aprendizagem em conjunto com a afetividade e a consciência de que a sociedade não está passando por uma etapa casual; com isto, os processos educacionais precisaram de rápidas e precisas adaptações para atender estudantes que estão isolados durante a pandemia do Covid-19.

Fazendo uma comparação com os efeitos do Covid-19 pelo mundo, os processos de adaptações educacionais, durante a pandemia, se assemelham com adaptações que a Classe Hospitalar teve que fazer para envolver seus estudantes, com o objetivo de possibilitar que a educação e seus processos não sejam excluídos da vida de crianças, adolescentes e adultos, enquanto passam por tratamentos hospitalares e estão afastados de sua escola que frequentam. A criança que está fora do ambiente hospitalar, que vive sua rotina habitual com amigos, família, e estuda em escola regular, passa pelos mesmos processos de formação que o estudante da Classe Hospitalar atravessa; todavia, os obstáculos que estes estudantes enfrentam não são semelhantes.. Neste contexto, em que a sala de aula se une com o hospital, os sentimentos em relação ao mundo, a identidade do estudante sobre si mesmo, sua autoestima e suas potencialidades, como um indivíduo que têm competências e ideias, podem ser camufladas pelos sintomas da doença, afastamento da família e o medo da morte.

Ao se tratar de uma situação de vulnerabilidade do estudante como pessoa, na interrupção dos processos naturais da formação de sua personalidade, suas visões sobre o mundo e toda a complexidade que o envolve, apenas a inclusão de conteúdos obrigatórios que se ligam à escola de origem não abarcam as necessidades que o estudante em tratamento hospitalar demanda. Os relatos colhidos nesta pesquisa demonstram que as professoras sentem dificuldades nos procedimentos pedagógicos que incluem a interação vinculada com os conteúdos que são abordados em sala de aula. E é compreensível que isto aconteça, dado o fato de que os estudantes passam por dores, sono nos momentos de tratamento e pausas, quando não se sentem bem para continuar, significando que o estudante indica como o ritmo das conversas educacionais vão se desenvolver durante a rotina de sala de aula, cabendo ao professor buscar flexibilidade em suas ações pedagógicas, para o conforto, e em busca da melhor forma de

viabilizar a aprendizagem dos estudantes.

Sabe-se que os estudantes precisam deste cuidado em relação à sua acolhida na Classe Hospitalar, visto que vão passar por processos de construções de seus ideais, pensamentos, personalidade, e como ele se sente ou se vê em relação à sociedade e as diversidades que ela abarca. A partir dos ajustes sugeridos pela banca examinadora, realizados na qualificação da dissertação, foi possível que a pesquisadora pudesse revisitar antigas memórias, nos quais ela não compreendia a razão de que, deixar temáticas de natureza sociais em segundo ou terceiro plano durante as rotinas da sala de aula formal era algo regular durante a prática pedagógica.

Como objetivo de pesquisa, a dissertação buscou compreender as rotinas e as práticas pedagógicas na vivência da Classe Hospitalar “ABC” Nefro para, assim, elaborar o material didático digital com o título “Classe Hospitalar e aplicativos móveis no ambiente pedagógico: possibilidades na construção de aprendizagens com recursos digitais”, que teve como base metodológica a metodologia do desenvolvimento, na finalidade de compartilhar este material didático com o corpo docente da Classe Hospitalar pesquisada, para assim contribuir com as práticas pedagógicas. A formação do professor voltado para este eixo educacional deve corresponder com as demandas dos estudantes da Classe Hospitalar. É preciso resgatar a autoestima, fortalecer os laços afetivos entre os estudantes, construir as redes de colaboração das aprendizagens entre eles, incluindo, assim, temáticas transversais que venham a englobar o estudante aos temas de cunho sociais, proporcionando a interdisciplinaridade e o empoderamento do indivíduo por meio da educação.

Como propósito de apoiar as práticas pedagógicas realizadas na Classe Hospitalar “ABC” Nefro, a pesquisadora reuniu fundamentos teóricos a respeito da junção dos dispositivos móveis e aplicativos digitais, assim como sugestões com sequências didáticas, nas quais contêm recomendações das razões, planejamentos e do porquê da inserção das sequências didáticas, assim como incluir estas ferramentas digitais incorporadas aos temas transversais na educação. Como meio de divulgação dos trabalhos realizados pela Classe Hospitalar e por seus estudantes, a pesquisadora também recomendou o emprego de mídias sociais, tal como o Instagram, para se tornar um espaço de veiculação da Classe e que os estudantes também venham a interagir e ver suas atividades no feed da página do Instagram.

Ao fundamentar as sequências didáticas nos temas transversais pautados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) como também na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nos quais enfatizam a valorização da cultura, no empoderamento individual e coletivo dos estudantes, nos estímulos da curiosidade, nos exercícios de empatia em sala de

aula, nos cuidados com a saúde mental e com o autoamor. A integração de ações que envolvam cuidados que visam o crescimento cultural, afetivo e proteção à saúde mental dos estudantes em Classe Hospitalar são vitais para que os alunos possam se envolver com as práticas da aprendizagem e reconstruir sua identidade como estudante.

É entendido que as práticas vivenciadas em Classe Hospitalar não são fáceis, os estudantes lidam com os sintomas da doença, efeitos de seus tratamentos e o medo de partir. Por outro lado, os professores encontram dificuldades ao ter contato com os estudantes que querem aprender da mesma forma que aprendiam na sua escola de origem, mas enfrentam obstáculos diante das circunstâncias que envolvem a sua saúde. Contudo, os estudantes estão inseridos em um ambiente onde o principal objetivo é o cuidado, a educação regressa para a vida do aluno tal como um leque de possibilidades de coisas que ele pode aprender, descobrir, se conhecer como uma pessoa ativa e cheia de potencialidades.

Longas permanências no hospital, sintomas e afastamento familiar podem fazer com que ele se esqueça disso, mas cabe ao professor não deixar que o estudante se esqueça do quanto ele é capaz de aprender e produzir conhecimentos. Com a exceção dos acompanhantes, familiares e amigos, o professor se apresenta como a ponte entre o estudante com quem ele era antes da sua admissão no hospital, função que não se faz com facilidade, mas suas abordagens e os momentos de diálogos entre o professor e o estudante são vitais para que o aluno sinta que a Classe Hospitalar é um espaço de crescimento e acolhimento.

A Classe Hospitalar, os professores e gestores, que atuam no funcionamento pedagógico dela, fazem um trabalho que é vital para a continuidade da vida escolar dos estudantes em tratamento hospitalar e para o progresso educacional delas. Acredita-se que os professores que atuam na Classe Hospitalar possuem consciência da importância da ação de sugerir conversas e atividades que proporcionem o desenvolvimento, educacional e conhecimento de mundo dos alunos inclusos da Classe Hospitalar, mas é preciso discutir novas maneiras de como abranger a educação de crianças e adolescentes em Classe Hospitalar, ações pedagógicas que visam o empoderamento e a união dos dispositivos móveis na educação.

Compartilhando histórias, saberes e conhecimentos que traz consigo, o estudante nunca é um papel em branco e sempre pode agregar informações para o professor aprender com o estudante também, a proposta do produto se faz mediante as sugestões para o professor que atua em Classe Hospitalar com crianças e deseja incluir estas sequências didáticas, que podem se flexibilizar de acordo com as necessidades do docente e do estudante, que abordam questões sociais que precisam ser conversadas para que possamos participar da formação de indivíduos a que transformem aos poucos o mundo em um lugar mais saudável e menos

preconceituoso. Evidentemente, existem os casos de estudantes que acabam partindo em decorrência do fim do seu tratamento ou vêm a falecer em decorrência da doença que enfrentavam. Entretanto, a vida é um sopro e é necessário lembrar que, para estes estudantes, o momento é o presente. A aprendizagem, os diálogos e as descobertas que a educação promove, aliadas à flexibilidade do professor e potencializada com recursos que o docente e estudante se sentem confortáveis, são libertadores e revelam capacidades escondidas pela apatia contidas durante o tratamento hospitalar.

REFERÊNCIAS

- AKKER, Jan van den *et al.* Introducing educational design research. *In:* AKKER, Jan van den *et al.* **Educational Design Research**. [S.l.]: Routledge 2006. 279 p.
- AKKER, Jan van den *et al.* Normal and design science in education: why both are necessary. *In:* AKKER, Jan van den *et al.* **Educational Design Research**. [S.l.]: Routledge 2006. 279 p.
- AKKER, Janvan den. Principles and methods of development research. *In:* AKKER, Jan van den *et al.* (ed.). **Design Approaches and Tools in Education and Training**. Berlim: Kluwer Academic Publishers, 1999. p. 1-14.
- ALARCÃO, Isabel (org.). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ALVES, André; MOTA, Marlton; TAVARES, Thiago. O Instagram no processo de engajamento das práticas educacionais: a dinâmica para a socialização do ensino e aprendizagem. **Revista Científica da FASETE**, 2020. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/19/o_instagram_no_processo_de_engajamento_das_praticas_educacionais.pdf. Acesso em: 04 nov. 2020.
- BANDEIRA, Denise. **Materiais Didáticos**. Curitiba: Iesde, 2009. 456 p. Disponível em: https://www.academia.edu/10850993/Materiais_did%C3%A1ticos. Acesso em: 03 out. 2020.
- BAQUERO, Rute. Empoderamento: instrumento de emancipação social? - Uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/26722>. Acesso em: 23 nov. 2020.
- BARBOSA, Laura. **PCN: parâmetros curriculares nacionais, v.2: temas transversais: uma interpretação e sugestões para a prática**. Curitiba: Bella Escola, 2002. 144 p.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Editora 70, 2011.
- BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina - Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.2011v32n1p25> Acesso em: 21 fev. 2020.
- BERDIN, Everton. Aprendizagem colaborativa, troca de saberes e redes sociais. tríade na educação básica. **R. bras. Ens. Ci. Tecnol.**, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/3922>. Acesso em: 19 jan. 2020.
- BERNARDO, Teresinha; MACIEL, Regimeire. Racismo e educação: um conflito constante. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 5, n. 1, 2015. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/302>. Acesso em: 28 nov. 2020.
- BISSOLI, Michelle de Freitas. Desenvolvimento da personalidade da criança: o papel da educação infantil. **Psicologia em Estudo FapUNIFESP (SciELO)**, [S.l.], v. 19, n. 4, p. 587-

597, dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-73722163602>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v19n4/1413-7372-pe-19-04-00587.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2020.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista. Do computador ao tablet: vantagens pedagógicas na utilização de dispositivos móveis na educação. **Revista Educaonline**, v. 6, n. 1, p. 125-149, jan./abr. 2012.

BOTTENTUIT JUNIOR, João; ARAÚJO, Patrício. O aplicativo de comunicação Whatsapp como estratégia no ensino de Filosofia. **Revista Temática**, v. 11, n. 2, p. 11-23, fev. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/22939>. Acesso em: 21 fev. 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 43. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 07 mar. 2020.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei de nº 8.069, 13 de julho de 1990. 4. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2003.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995. Declaração dos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. **Diário Oficial da União**, Imprensa Oficial, Brasília, n. 199, p. 16.319-16.320, 17 out. 1995.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 5. ed. Brasília: Coordenação Edições Câmara, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 10639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 28 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRUNO, Ana. Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos. **Mediações - Revista OnLine da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal**, v. 2, n. 2, p. 10-25, 2014. Disponível em: http://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/article/download/68/pdf_28. Acesso em: 07 mar. 2020.

CARDOSO, Clodoaldo. **Uma visão holística de educação**. São Paulo: Summus, 1995.

CARDOSO, Cristiane; SILVA, Aline; SANTOS, Mauro. Pedagogia hospitalar: a importância do pedagogo no processo de recuperação de crianças hospitalizadas. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, ano 5, v. 5, n. 10, p. 46-58, jan./jun. 2012. Disponível em:

<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/372/172>. Acesso em: 22 fev. 2020.

CARREIRA, Denise. **O direito à educação e à cultura em hospitais:** caminhos e aprendizagens do Pequeno Príncipe. Curitiba: Associação Hospitalar de Proteção à Infância Dr. Raul Carneiro, 2016. 188 p. Disponível em: <https://pequenoprincipe.org.br/projetosabermais/manual/Educ.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.

CARVALHO, Ana (org.). **Apps para dispositivos móveis:** manual para professores, formadores e bibliotecários. Lisboa: Ministério da Educação, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/43588723.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019.

CECCIM, Ricardo Burg. Classe Hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. **Revista Pedagógica Pátio**, ano 3, n. 10, p. 41-44, ago./out. 1999. Disponível em: <http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/84/classehospitalarceccimpatio.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2020.

CLAYTON, Kara; MURPHY, Amanda. Smartphone Apps in Education: Students Create Videos to Teach Smartphone Use as Tool for Learning. **Journal of Media Literacy Education**, v. 8, n. 2, p. 99-109, 2016. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1125609.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2020.

COUTINHO, Clara; CHAVES, José. Desafios à investigação em Tic na educação: as metodologias de desenvolvimento. In: DIAS, Paulo Maria Bastos da Silva; FREITAS, Cândido Varela de (org.). **Desafios 2001:** actas da Conferência Internacional de Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação. [Braga]: Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho, 2001. v. 2, p. 895-903. ISBN 972-98456-1-1. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/4277>. Acesso em: 15 maio 2020.

COUTINHO, Clara; LISBOA, Eliana. Sociedade da Informação, do conhecimento e da aprendizagem: Desafios para a educação no século XXI. **Revista da Educação**, v. 18, n. 1, p. 5-22, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/14854>. Acesso em: 02 jun. 2017.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Flow:** The Psychology of Optimal Experience. [S.l.]: Harper Collins, 1990.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1985.

DETERDING, Sebastian *et al.* Gamification: Toward a Definition. In: CHI 2011 WORKSHOP GAMIFICATION: USING GAME DESIGN ELEMENTS IN NON-GAME CONTEXTS, 1., 2011, Vancouver. **Anais [...]**. Vancouver, Canadá: [s.n.], 2011.

ESTEVES, Cláudia R. Pedagogia hospitalar: um breve histórico. **Pedagogia Ao Pé da Letra**, 2013. Disponível em: <https://pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2013/06/HIST%C3%93RICO-DA-PEDAGOGIA-HOSPITALAR.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2019.

FADEL, Luciane Maria *et al.* **Gamificação na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/gamificacao-na-educacao>. Acesso em: 16 jun. 2019.

FERREIRA, Eduarda. **Jovens, Telemóveis e Escola**. 2009. Trabalho de Projecto (Mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2009. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/3368/1/eduarda%20ferreira%20tese.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2019.

FERREIRA, Eduarda; TOMÉ, Irene. Jovens, Telemóveis e Escola. **Revista Educação, Formação & Tecnologias**, n. extra, p. 24-34, abr. 2010. Disponível em: <https://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/148>. Acesso em: 14 mar. 2020.

FONSECA, Eneida. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. 2. ed. São Paulo: Memmon, 2008.

FONSECA, Eneida. Classe Hospitalar e atendimento escolar domiciliar: direito de crianças e adolescentes doentes. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 4, n. 1, p. 12-28, jan./jul. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/download/31308/17042/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

FONSECA, Eneida. Implantação e implementação de espaço escolar para crianças hospitalizadas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 8, n. 2, p. 205-222, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/124/implantaimplementaeneida.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2020.

FONSÊCA, Margareth Santos. **A classe hospitalar no contexto da educação de jovens e adultos: intervenções pedagógicas no ABC Nefro**. 2018. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação – Gestão de Ensino e da Educação Básica) - Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/2552>. Acesso em: 24 set. 2020.

FONTES, Rejane. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação**, n. 29, p. 119-138, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782005000200010>. Acesso em: 20 fev. 2020.

FONTES, Rejane. Da Classe à pedagogia Hospitalar: a educação para além da escolarização. **Linhas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 72-92, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1395/1192>. Acesso em: 20 fev. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. O Papel da Educação na Humanização. **Revista Paz e Terra**, ano 4, n. 9, p. 123-132, out. 1969. Disponível em: <http://www.rcdh.es.gov.br/sites/default/files/Freire,%20Paulo%201969%20Papel%20da%20educacao%20na%20humanizacao.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, Moacir. **A Questão da educação formal/não-formal**. Sion: Suisse Institut International des Droits de l'enfant-IDE, 2005.

GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Dialogos- IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: Domínio Epistemológico**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 10-32, 2012. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3909/2386>. Acesso em: 04 jun. 2019.

GARCIA, Valéria Aroeira. O papel do social e da educação não-formal nas discussões e ações educacionais. **Unisal**, 2008. Disponível em: https://unisal.br/wp-content/uploads/2013/09/mesa_8_texto_valeria.pdf. Acesso em: 07 mar. 2020.

GHON, Maria. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação – Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação**, II série, n. 1, p. 35-50, 2014. Disponível em: https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/goehn_2014.pdf. Acesso em: 15 jun. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Janaína; RUBIO, Juliana. Pedagogia hospitalar: a relevância da inserção do ambiente escolar na vida da criança hospitalizada. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: <http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Janaina.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2020.

HAMILTON, Jessika; NESI, Jacqueline; CHOUKAS- BRADLEY, Sophia. Teens and social media during the COVID-19 pandemic: Staying socially connected while physically distant. **PsyArXiv Preprints**, abr. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341038149_Teens_and_social_media_during_the_COVID-19_pandemic_Staying_socially_connected_while_physically_distant. Acesso em: 10 dez. 2020.

KAYA, Ayhan; BALTA, Nuri. Taking Advantages of Technologies: Using the Socrative in English Language Teaching Classes. **International Journal of Social Sciences & Educational Studies**, v. 2, n. 3, p. 4-12, mar.2016. Disponível em: <https://ijsses.tiu.edu.iq/index.php/volume-2-issue-3-article-1/>. Acesso em: 09 nov. 2019.

KENSKI, Vani. Educação e Internet no Brasil. **Cadernos Adenauer**, v. 16, n. 3, p. 133- 150, 2015. Disponível em: <http://www.pucrs.br/ciencias/viali/doutorado/ptic/textos/Kenski.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2020.

LA BELLE, Thomas. **Nonformal Education in Latin American and the Caribbean: Stability, Reform or Revolution?** New York: Praeger, 1986.

LEE, Joey J.; HAMMER, Jessica. Gamification in Education: What, How, Why Bother? **Academic Exchange Quarterly**, v. 15, n. 2, 2011. Disponível em:

<http://www.gameprof.com/wp-content/uploads/2013/03/AEQ-Lee-Hammer-2011.pdf>. Acesso em: 13 maio 2019.

LEITE, Sergio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia**, Sociedade Brasileira de Psicologia Ribeirão Preto, Brasil, v. 20, n. 2, p. 355-368, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v20n2/v20n2a06.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2020.

LICORISH, Sherlock *et al.* Students' perception of Kahoot!'s influence on teaching and learning. **Research and Practice in Technology Enhanced Learning**, v. 13, n. 9, jul.2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s41039-018-0078-8>. Acesso em: 09 nov. 2019.

LIMNIOU, Maria; MANSFIELD, Rosie. Traditional Learning approach versus gamification: an example from psychology. **Headache**, p. 133-141, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326503832_Traditional_learning_approach_versus_gamification_an_example_from_psychology. Acesso em: 15 jun. 2019.

LUCKESI, Cipriano. Ludicidade e a formação do educador. **Revista entre ideias: educação, cultura e sociedade**, v. 3, n. 2, p. 13-23, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9771/2317-1219rf.v3i2.9168>. Acesso em: 14 jun. 2019.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. **O desafio ao professor universitário na formação do pedagogo para a atuação na Educação Hospitalar**. 1998. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 1998. Disponível em: http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1426. Acesso em: 23 ago. 2020.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MATTOS, Sandra Maria. A afetividade como fator de inclusão escolar. **TEIAS**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 18, p. 50-59, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24043>. Acesso em: 18 dez 2020.

MCGONIGAL, Jane. **Reality Is Broken: Why Games Make Us Better and How They Can Change The World**. London: Jonathan Cape, 2011.

MEDEIROS, Milena. **O direito à Educação e as Classes Hospitalares: um discurso de gestores de um Hospital-Escola**. 2018. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas, Gestão e Avaliação da Educação Superior) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <http://www.ce.ufpb.br/mppgav/contents/documentos/dissertacoes/turma-2/m-sc-milena-moura-medeiros-pdf-completo.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2020.

MINHOTO, Paula; MEIRINHOS, Manuel. As redes sociais na promoção da aprendizagem colaborativa: um estudo no ensino secundário. **Revista Educação, Formação & Tecnologias**, 2011 Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/6973>. Acesso em: 15 nov. 2020.

MORAN, José Manuel. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José Manuel (org.). **Metodologias ativas para uma educação**

inovadora. 1. ed. Porto Alegre: Penso Editora, 2018. p. 1-25.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES Ofelia Elisa Torres (org.). **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. p. 15-33. (Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II).

MOURA, Adelina. **Apropriação do telemóvel como ferramenta de mediação em mobile learning**: estudos de caso em contexto educativo. 2010. 630f. Tese (Doutorado em Ciências de Educação, na Especialidade de Tecnologia Educativa) - Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/13183>. Acesso em: 28 maio 2017.

NEGREIROS, Ana Luiza Barbosa. **Concepções e práticas docentes sobre metodologias ativas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ensino na Saúde) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6320152 Acesso em: 13 mar. 2020.

OLIVEIRA, Lia Raquel. Metodologia do desenvolvimento: um estudo de criação de um ambiente de e-learning para o ensino presencial universitário. **Educação Unisinos**, v. 10, n. 1, p. 69-77, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/6043>. Acesso em: 17 maio 2020.

OLIVEIRA, Priscila. **Manual Interativo de utilização do instagram como ferramenta pedagógica**. Rio Pomba, MG: IFSMG, 2020. 29 p. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/583194/1/Manual%20Interativo%20de%20Utiliza%C3%A7%C3%A3o%20do%20Instagram%20como%20Ferramenta%20Pedag%C3%B3gica.pdf>. Acesso: 21 dez. 2020.

ORTIZ, Leodi Conceição; FREITAS, Soraia Napoleão. **Classe Hospitalar: caminhos pedagógicos entre saúde e educação**. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2005.

ORTIZ, Leodi. **O currículo da Classe Hospitalar pioneira no Rio Grande do Sul**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/3460>. Acesso em: 22 fev. 2020.

PACCO, Aline Ferreira Rodrigues; GONÇALVES, Adriana Garcia. Atendimento Educacional Hospitalar: Revisão sistemática entre os anos de 2013 e 2018. **Revista Educação Especial em Debate – REED**, v. 4, n. 7, p. 19-39, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/reed/article/view/26517>. Acesso em: 12 ago. 2019.

PEIXOTO, Vanessa. **Afetividade em pauta**: a contribuição das emoções para a formação e prática das professoras de educação infantil. 2015. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8516?locale=pt_BR. Acesso em: 08 set. 2020.

PEREIRA, Maria José; GONÇALVES, Renata. Afetividade: Caminho para a aprendizagem. **Revista Alcance - revista eletrônica de EAD da UNIRIO**, Rio de Janeiro, n. 1, 2010. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/alcance/article/view/669>. Acesso em: 18

dez. 2020.

PRIMO, Alex. Afetividade e relacionamento em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para a interação durante a pandemia de COVID-19. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 21, p. 176-198, 2020. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/7283. Acesso em: 15 nov. 2020.

RABELO, Francys Sousa; SILVA, Silvina Pimentel. A formação inicial do pedagogo em espaço hospitalar: possibilidades e limites na sua atuação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO, 17., 2014. **Anais eletrônicos [...]** Ceará: Eduece, 2015. v. 1, p. 01-11. Disponível em: <http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro3/44%20A%20FORMA%C3%87%C3%83O%20INICIAL%20DO%20PEDAGOGO%20EM%20ESPA%C3%87O%20HOSPITALAR%20POSSIBILIDADES%20E%20LIMITES%20NA%20SUA%20ATUA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.

RACZLOWSKI, Felix. Making Point the Point: Towards a History of Ideas of Gamification. In: FUCHS, Mathias *et al.* (org.). **Rethinking Gamification**. Lüneburg: Ed. Meson Press, 2014. p. 141-160. Disponível em: <https://meson.press/wp-content/uploads/2015/03/9783957960016-rethinking-gamification.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2019.

RAMOS, Maria Alice de Moura. **A História da Classe Hospitalar Jesus**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp040654.PDF>. Acesso em: 11 out. 2019.

REEVES, Johnmarshall. Why Teachers Adopt a Controlling Motivating Style Toward Students and How They Can Become More Autonomy Supportive. **Educational Psychologist**, v. 44, n. 3, p. 159-175, jul. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00461520903028990>. Acesso em: 21 fev. 2020.

SANTAELLA, Lucia. Desafios da Ubiquidade para a educação. **Revista Ensino Superior UNICAMP**, p. 19-28, 2013. Disponível em: https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf. Acesso em: 19 mar. 2020.

SÃO LUÍS. Resolução nº 193, de 11 de outubro de 2016. Diretrizes para a Proteção e Garantia dos Direitos Constitucionais e Estatutários Inerentes à Aprendizagem Escolar e Tratamento de Saúde Digno de Criança e Adolescente Hospitalizado. **Diário oficial do município de São Luís**, São Luís, 11 out. 2016.

SHARPLES, Mike *et al.* Mobile learning: Small devices, big issues. In: BALACHEFF, N. *et al.* (ed.). **Technology Enhanced Learning: Principles and Products**. Heidelberg, Germany: Springer, 2009. p. 233-249. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/44909945_Mobile_Learning_Small_Devices_Big_Issues. Acesso em: 06 maio 2020.

SILVA, Maria das Neves. **As Tecnologias como apoio à mediação pedagógica na Classe Hospitalar**: desafios e possibilidades no ensino multisseriado. 2014. Dissertação (Mestrado em

Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16665/1/2014_MariadasNevesSilva.pdf. Acesso em: 25 dez. 2019.

SILVA, Sarah; GUEDES, Luís; BOTTENTUIUT JÚNIOR, João. O uso da Gamificação na educação: Uma revisão sistemática de literatura. 2017. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO, 2., 2017, São Luís. **Anais eletrônicos [...]**. São Luís, MA: EDUFMA, 2017. p. 523-533. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/d4c12f_cbc05478a6f84c629f6bd840c7b342c9.pdf. Acesso em: 20 jun. 2019.

SKINNER, B.F. **Sobre o Behaviorismo**. Tradução: Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

SOUSA, Mauricéia Lopes Nascimento de. **O protagonismo de personagens negros em contos infantis**: contribuições da análise do discurso crítica para o ensino de Língua Portuguesa em uma Classe Hospitalar. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.325>. Acesso em: 23 nov. 2020.

SOUZA, Zilmene Santana; ROLIM, Carmem Lucia Artioli. As Vozes das Professoras na Pedagogia Hospitalar: Descortinando Possibilidades e Enfrentamentos. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v. 25, n. 3, p. 403-420, jul./set., 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382519000300004>. Acesso em: 21 fev. 2020.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TRAXLER, John. Defining mobile learning. In: INTERNATIONAL CONFERENCE MOBILE LEARNING, 2005, Qawra, Malta. **Proceedings [...]** Qawra, Malta: IADIS Press, 2005. Disponível em: <http://www.iadisportal.org/digital-library/front-matter-ml2005>. Acesso em: 03 mar. 2020.

TRAXLER, John. Defining, Discussing and Evaluating Mobile Learning: The moving finger writes and having writ. **International Review of Research in Open and Distance Learning**, v. 8, n. 2, jun. 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26468172_Defining_Discussing_and_Evaluating_Mobile_Learning_The_moving_finger_writes_and_having_writ. Acesso em: 22 mar. 2020.

UNESCO. **Policy guidelines for mobile learning**. Paris: UNESCO, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000219641>. Acesso em: 18 fev. 2020.

UNESCO. **Inclusão e educação: todos, sem exceção**. Resumo do Relatório de Monitoramento Global da Educação, 2020: Inclusão e educação para todos. Paris, UNESCO. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373721_por Acesso em: 30 de mar. 2021

VALENTE, José Armando. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 30, n. especial 4, p. 79-97, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.38645>. Acesso em: 19 maio 2017.

VALENTIM, Hugo Duarte. **Para uma compreensão do Mobile Learning**: Reflexão sobre a utilidade das tecnologias móveis na aprendizagem informal e para a construção de ambientes pessoais de aprendizagem. 2009. Trabalho de Projecto (Mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, set. 2009. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/f0ad/0dbfe78f7fb215d549a5e465456e38712725.pdf>. Acesso: 03 mar. 2020.

VASCONCELOS, Sandra. Classe Hospitalar no mundo: um desafio à infância em sofrimento. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 57., 2005, Fortaleza. **Anais eletrônicos** [...]. Fortaleza: SBPC, 2005. Disponível em: http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/sandramaia-hospitalar.htm. Acesso em: 17 maio 2019.

VASCONCELOS, Sandra. Histórias de Formação de professores para a Classe Hospitalar. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 28, n. 51, p. 27-40, jan./abr. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/276317665_Formacao_de_professores_para_a_Clas se_Hospitalar. Acesso em: 13 out. 2020.

VASCONCELOS, Sandra. Histórias de formação de professores para a Classe Hospitalar. **Revista Educação Especial**, v. 28, n. 51, p. 27-40, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X9118>. Acesso em: 13 mar. 2020.

VIANNA, Ysmar *et al.* **Gamification, Inc.:** como reinventar empresas a partir de jogos. Rio de Janeiro: MJV, 2013.

VIGNOCHI, Carine Moraes *et al.* Considerações sobre aprendizagem baseada em problemas na educação em saúde. **Revista HCPA**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 45-50, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/157866>. Acesso em: 18 maio 2020.

WIESE, Maria do Carmo; MATOS, Elizete. Trilhando sob novos olhares e novos desafios na pedagogia hospitalar. **International Journal of Knowledge Engineering and Management**, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 66-82, jul./out. 2013. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/IJKEM/login?source=%2Findex.php%2FIJKE M%2Fissue%2Fview%2F423%2FshowToc>. Acesso em: 09 nov. 2020.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa**: como ensinar. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 288 p.

ZICHERMANN, Gabe; CUNNINGHAM, Christopher. **Gamification by Design**: implementing game mechanics in web and mobile apps. Sebastopol: O'Reilly Media Inc, 2011.

ZOMBINI, Edson Vanderlei *et al.* Classe hospitalar: a articulação da saúde e educação como expressão da política de humanização do SUS. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 71-86, mar./jun. 2012. Disponível em: <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r428.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-
GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E
SOCIEDADE MESTRADO INTERDISCIPLINAR

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante, este é um convite para a participação na pesquisa intitulada: “**Material didático digital como pressuposto de planejamento e aplicação de atividades de professores em ambientes hospitalares.**”

Tratando-se de docente que proporciona a inclusão da educação de alunos em tratamento de hemodiálise ou de alunos hospitalizados e acompanhantes dos mesmos, admitidos no Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão – Unidade Presidente Dutra. Você foi escolhido para contribuir com sua história como professor(a), no objetivo de auxiliar na execução desta pesquisa, que obtém como foco a elaboração de um material com sugestões pedagógicas de como incluir metodologias ativas e recursos tecnológicos digitais na educação, tal qual o celular, que unifica a utilização de aplicativos digitais e o uso da como metodologia ativa, inseridos no contexto da Classe Hospitalar. O projeto pretende investigar os procedimentos didáticos da classe hospitalar e em conjunto com os docentes, elaborar um material didático que contenha os saberes da rotina educacional do ambiente hospitalar e as sugestões dos pesquisadores acerca da inclusão de ferramentas digitais em sala de aula.

Os elementos de coleta de dados serão **Entrevistas Estruturadas**, respeitando o tempo do corpo docente que constitui o atendimento pedagógico hospitalar do projeto “ABC Nefro”. De acordo com a **Resolução Nº 466/2012 e Resolução Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde**, os processos de coleta de dados seguirão à risca os critérios da ética e pesquisas com Seres Humanos, prezando a autorização dos participantes para participar ou não da investigação e respeitando seu livre arbítrio. A investigação irá contribuir com a inserção de metodologias ativas e tecnologias digitais na educação, utilizada tal como uma metodologia ativa no ensino de adolescentes em tratamento hospitalar, afastados da escola e da sua rotina habitual.

Em contexto de aceite do termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os participantes, dados e resultados da pesquisa estarão assegurados de seu anonimato nas suas declarações e respostas, observação ao bem-estar dos entrevistados. Evidencia-se que, tais resultados da coleta de dados, servirá como elemento crucial para a execução desta investigação, para o sucesso da realização do manual sobre o uso de metodologias ativas e tecnologias digitais em Classe Hospitalar. Com o apoio do envolvimento dos participantes da pesquisa, a pesquisa servirá de base para outras investigações acerca da temática hospitalar, solidificando não apenas a temática, como também a produção científica do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult), Mestrado Interdisciplinar, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

O endereço, contato e e-mail da pesquisadora e do orientador da pesquisa constam neste termo, assegurando o participante de que, caso ocorra qualquer dúvida relacionada à pesquisa, os processos que a pesquisa irá percorrer ou esclarecimentos sobre seus direitos como participante da pesquisa através do Comitê de Ética.

CASO AINDA TENHA DÚVIDAS À RESPEITO NÃO ASSINE ESTE TERMO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Sarah Raquel Froes da Silva

PESQUISADOR PRINCIPAL:

SARAH RAQUEL FROES DA SILVA

Contato: (98) 982643331/ **E-mail:** Sarahfroes@yahoo.com.br

ORIENTADOR: Prof. Dr. João Batista Bottentuit Junior

E-mail: jbbj@gmail.com

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE (PGCult-UFMA)

Centro de Ciências Humanas – CCH, Térreo, Bloco 02

Av. dos Portugueses, nº 1966, Cidade Universitária, Bacanga.

Telefone: (98) 3272-8387/3272-8389 / **E-mail:** pgcult.secretaria@gmail.com

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFMA (CEP-UFMA)

Avenida dos Portugueses, s/n, Campus Universitário Dom Delgado, Bacanga, Prédio CEB Velho, Bloco C, Sala 7 (Próximo ao Auditório Multimídia da PPPGI), CEP 65080-040.

Telefone: 3272-8708 / **E-mail:** cepufma@ufma.br

APÊNDICE B – Entrevista Estruturada



Questionário para identificação de Metodologias Pedagógicas da Classe Hospitalar

Prezado(a) participante, este é um convite para a participação na pesquisa intitulada: "Material didático digital como pressuposto de planejamento e aplicação de atividades de professores em ambientes Hospitalares."

Tratando-se de docente que proporciona a inclusão da educação de alunos em tratamento de hemodiálise ou de alunos hospitalizados e acompanhantes dos mesmos, admitidos no Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão – Unidade Presidente Dutra. Você foi escolhido para contribuir com sua história como professor(a), no objetivo de auxiliar na execução desta pesquisa, que obtém como foco a elaboração de um livro digital com sugestões pedagógicas de como incluir metodologias ativas e recursos tecnológicos digitais na educação, tal qual o celular, que unifica a utilização de aplicativos digitais e o uso da como metodologia ativa, inseridos no contexto da Classe Hospitalar. A dissertação pretende investigar os procedimentos didáticos da classe hospitalar e em conjunto com os docentes, elaborar um manual que contenha os saberes da rotina educacional do ambiente hospitalar e as sugestões dos pesquisadores acerca da inclusão de ferramentas digitais em sala de aula.

Obrigada pela colaboração nesta investigação acerca das metodologias e planejamentos pedagógicos hospitalares!

Sarah Raquel Froes da Silva

Qual sua formação acadêmica?

2 respostas

Pedagoga

Pedagogia

Possui especialização? Se sim, quais?

2 respostas

Não

Educação Inclusiva

Questionário para identificação de Metodologias Pedagógicas da Classe



Perguntas

Respostas

2

Quais são as metodologias pedagógicas realizadas durante as aulas do "ABC Nefro"?

2 respostas

Cada professora aplica um método específico de acordo com a sua clientela. Normalmente fazemos uso da interdisciplinaridade, pois não é possível trabalhar com todos os conteúdos da mesma forma que é trabalhado na sala de aula convencional.

Atendimento individualizado

Como se caracteriza a rotina dos professores e alunos na Classe Hospitalar?

2 respostas

Começamos com a acolhida aos alunos, em um primeiro momento de conversa informal. Em seguida começamos a fazer as atividades programadas para o dia. O atendimento é na maioria das vezes, individual. Paramos as atividades na hora que chega o lanche ou quando há intervenção de algum profissional da saúde, e em seguida retomamos de onde paramos.

Conversa inicial/ atividade impressa ou digital/ conclusão com o resumo do momento

Encontra dificuldades a respeito do engajamento dos alunos nas atividades pedagógicas do "ABC Nefro"?

2 respostas

Sim, nem todos os dias conseguimos trabalhar com todos os alunos, por causa dos efeitos colaterais da hemodiálise. É normal que os alunos durma, tenham dor de cabeça, ou tipo de mal estar.

As vezes. Nem sempre os alunos estão com condições física tendo em vista o estado de saúde durante a hemodiálise.

Já pensou na utilização de dispositivos móveis como uma ferramenta educacional, tal como o celular, em sala de aula? Se sim, quais dispositivos e como?

2 respostas

Já fazemos uso de celular e tablet desde o início. Não é possível oferecermos aos alunos muitos materiais pedagógicos para manuseio durante as aulas, para que não haja nenhum tipo de contaminação. Quando usamos instrumentos diferenciados precisamos fazer a correta e rigorosa higienização dos mesmos.

Celular, tablet, notebook

Como se sente em relação ao uso de metodologias ativas e o uso de elementos de jogos, incorporados nas atividades pedagógicas do "ABC Nefro"?

2 respostas

As metodologias ativas são essenciais, visamos sempre a interação das crianças com o objeto estudado. É importante que elas compreendam e participem da construção do conhecimento. Quando necessário, apresentamos a elas materiais que serão utilizados individualmente, não havendo compartilhamento desses materiais. O uso de celular é diário, e cada aluno leva o seu, o que facilita bastante.

Super confortável. Faço uso sempre que possível

APÊNDICE C - Produto da dissertação “A Classe Hospitalar e aplicativos móveis no ambiente pedagógico: possibilidades na construção de aprendizagens com recursos digitais”



FICHA TÉCNICA

Título: Classe Hospitalar e Aplicativos Móveis no ambiente pedagógico: possibilidades na construção de aprendizagens com recursos digitais

Organização: Sarah Raquel Froes da Silva

Orientador: Prof. Dr. João Batista bottentuit Júnior

Ilustração/Capa: Mariceia Lima

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO,	3
1 CLASSE HOSPITALAR E A HUMANIZAÇÃO DO ESPAÇO HOSPITALAR ,	4
2 A IMPORTÂNCIA AS TECNOLOGIAS DIGITAIS,	8
3 DISPOSITIVOS MÓVEIS E APLICATIVOS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO,	10
3.1 O QUE SÃO?	11
3.2 POR QUE USAR EM SALA DE AULA?	11
4 COMPREENDENDO A EDUCAÇÃO, DISPOSITIVOS MÓVEIS E APLICATIVOS DIGITAIS,	12
5 SUGESTÕES PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES EM CLASSE HOSPITALAR,	15
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS,	23
7 REFERÊNCIAS,	27

APRESENTAÇÃO

Prezado(a)s Professor(a)s de Classes Hospitalares, o material didático a ser apresentado têm como objetivo complementar com as perspectivas educacionais realizadas na pedagogia hospitalar, incluindo sugestões pedagógicas neste livro, afim de multiplicar as possibilidades educacionais da Pedagogia Hospitalar. Ao se pensar na educação pós-advento dos computadores de mesa, Smartphones e Tablets, as gerações de estudantes foram se adaptando aos infinitos recursos e reorganizando suas estruturas comunicacionais de convivência para incluir seu dispositivo digital. Uma vez que, os dispositivos móveis são considerados ferramentas ideais para todas as horas e fiel aliado dos seus alunos, por que não o incluir nos processos educacionais da Classe Hospitalar? Quais são as ferramentas destes dispositivos móveis que se adequam na rotina pedagógica? Aplicativos e processos de ensino e aprendizagem podem convergir?

Este livro didático digital tem como finalidade, servir como um guia sobre estas perguntas e outras definições acerca das possibilidades da inclusão de aplicativos digitais em sala de aula, na Classe Hospitalar, apresentando as viabilidades da inserção destas ferramentas, com o propósito de auxiliar o professor que atua na Pedagogia Hospitalar a conhecer tais aplicativos digitais.

CAPÍTULO 01

Classe Hospitalar e a humanização do espaço hospitalar



Com o início do tratamento hospitalar, a realidade de algumas crianças e adolescentes muda drasticamente ao ter que paralisar seus estudos em sua escola de origem, se ausentar de seu círculo de amigos e prosseguir para a internação hospitalar, a fim de encontrar tratamentos e seguir os procedimentos receitados por seus médicos. Porém, isto não significa que as singularidades que constroem a personalidade do estudante, não deixam de existir no momento em que ele se torna um paciente, seus pensamentos, suas preferências e o que ele gosta não se transformam em sintomas ou em diagnósticos.

Com isto, a forma pensar em educação, elaborar planejamento das aulas e seus objetivos mudam de acordo com as necessidades dos estudantes a serem atendidos pelo grupo de discentes da Classe Hospitalar. Taam (2004) afirma que, a criança que está no hospital para estudar, está em busca da cura de sua doença, com isto, a aprendizagem de conteúdos curriculares se faz necessária durante os processos de aprendizagem na qual o estudante está em tratamento. A partir desta linha de pensamento de Taam (2004), na qual o bem-estar, a saúde, a autoestima e redução de seu sofrimento, os trabalhos realizados em classe hospitalar são diferenciados das práticas que acontecem na escola formal. Com isto, os objetivos e as estratégias para elaborar aulas precisam ser adaptadas em determinados pontos, das que são aplicadas em sala de aula na escola formal.

Levando em consideração de que, os estudantes em Classe Hospitalar chegam ao hospital longe de sua rotina habitual, afastados de sua escola de origem e abatidos em decorrência de seus sintomas, o papel principal do professor se amplifica em três linhas: o elo que une a escola de origem ao aluno, ao que faz adaptações de conteúdos escolares para o estudante em tratamento hospitalar e o que elaboram recursos e propostas de humanização do espaço hospitalar para a criança e ao adolescente. Estas três funções, que abarcam processos educacionais que buscam vir a atender melhor os estudantes em Classe Hospitalar, quando vinculadas nas práticas educativas do docente em Classe Hospitalar, podem facilitar o processo de ambientação do estudante a este novo espaço.

Matos e Mugiatti (2009) estabelecem que, durante esta nova realidade, a educação precisa estar presente de forma permanente, se acomodar de acordo com as condições do educando e não deve ser interrompida ou paralisar a capacidade de criar e de se fazer ser recomeçada. Matos e Mugiatti (2009) enfatizam que, isto deixa evidente a importância de buscar propostas que emancipem de forma ética e criativa, aberta a incluir potencialidades ou recursos que possam atender crianças e adolescentes, nos quais não devem ter seus sonhos educacionais interrompidos por conta do ambiente hospitalar em que ele está.

Entre umas das possibilidades de ferramentas que podem se aliar a construção de conhecimentos transversais e interdisciplinares, está a aplicação dos dispositivos digitais móveis que são dos estudantes, os incluindo na prática pedagógica e modificando a percepção dos processos educacionais, introduzindo o olhar do ponto de vista global para os estudantes em tratamento hospitalar e os professores, aproximando o estudante ao mundo além dos muros do ambiente hospitalar.

CAPÍTULO 02

A importância das tecnologias digitais



As tecnologias de cada época, desenvolvem e estimulam diferentes formas de pensar, em termos de competências intelectuais, nas formas de construção de conhecimentos individuais e coletivos. Professor (a), você já se questionou sobre as mudanças que as tecnologias digitais podem provocar em nossas maneiras de pensar, ensinar e aprender?

Por meio do uso de tecnologias digitais, podemos transformar a aula na Classe hospitalar, em uma educação mais conectada e acessível, que permita a docentes e discentes concretizem bons resultados. Fazendo o uso de ferramentas gratuitas para todas as disciplinas no ensino fundamental, interação e atividades lúdicas de aprendizagem



#220832865

CAPÍTULO 03

Dispositivos móveis e aplicativos digitais na educação



3.1 O que são?

Dispositivos móveis digitais são ferramentas digitais que auxiliam seus usuários a organizar seus afazeres, contatar amigos ou familiares, resolver questões bancárias ou fazer rápidas pesquisas. Do Palm Top, Smartphones e Tablets, ambos cabem nas mãos se seus usuários e os transportam para lugares diferentes, culturas e conhecimentos que cabem na palma das mãos de quem o acessa.



3.2 Por que usar em sala de aula

Ferreira e Tomé (2010) descrevem que, uma das características mais relevantes do uso dos dispositivos móveis como recurso educacional, se relaciona com o fato de que está sendo utilizado no contexto na sala de aula, uma ferramenta digital que já faz parte da rotina comunicacional do estudante e pertence a ele. Ao incluir a educação no uso de dispositivos móveis, a escola mostra que reconhece e considera as influências das práticas digitais que permeiam a comunicação dos jovens, acolhendo ao desafio de pensar diferentes formas de incluir dispositivos móveis na aprendizagem.

Sharples et. al (2009) mostra que a aprendizagem móvel, se cria a partir da continuidade da interação e as ferramentas que os cercam, oportunizando a exploração de informações, vinculação de experiências e conceitos que se desenvolvem em novos conhecimentos.

CAPÍTULO 04

*Compreendendo a
educação, dispositivos
móveis e aplicativos
digitais*



Ao se pensar na soma dos dispositivos móveis na educação, se deve compreender a natureza e as ferramentas que apenas o dispositivo comporta. Se for um smartphone, suas funcionalidades como um recurso digital, conta com uma câmera, gravador de voz, aplicativos digitais de mensagens e interação, tais como o WhatsApp, Youtube, Facebook e Instagram. Estes aplicativos, nos quais promovem pontos comunicacionais entre pessoas que estão perto ou longe, aproximam seus usuários entre si e permitem que escutem outras línguas, vejam outras paisagens e possam viajar por intermédio do Smartphone ou Tablet.

A inclusão dos dispositivos móveis, começa desde o pensamento de como se vê a ferramenta digital, a sequência didática usada e as etapas procedimentais que envolvem a rotina adotada pela Classe Hospitalar. O conceito da incorporação de tecnologias digitais e aplicativos móveis, antes de partir para a parte prática do processo de ensino e aprendizagem, é preciso refletir sobre algumas coisas que englobam este processo de introdução de recursos digitais na educação: Estou incluindo o dispositivo digital como recurso expositivo ou a ferramenta vai possibilitar que o estudante possa produzir seus conhecimentos de forma mais criativa? Estou considerando como o estudante usa e qual o seu perfil como usuário de dispositivos móveis?

Estes fatores que, nos quais incluem reflexões sobre como aplicar tais ferramentas digitais e como abordar em sala de aula formal ou Classe Hospitalar, não querem dizer que o modelo tradicional é errado ou precisa ser erradicado, mas sim que existe espaço para outras formas de abordagens educacionais, outras ferramentas pedagógicas e metodologias diversas que juntas, impulsionam o aluno a continuar estudando e alimentar suas curiosidades sobre a sociedade que os envolve e seus saberes.

CAPÍTULO 05

*Sugestões para as
práticas pedagógicas
interdisciplinares em
Classe Hospitalar*



Estes fatores que, nos quais incluem reflexões sobre como aplicar tais ferramentas digitais e como abordar em sala de aula formal ou Classe Hospitalar, não querem dizer que o modelo tradicional é errado ou precisa ser erradicado, mas sim que existe espaço para outras formas de abordagens educacionais, outras ferramentas pedagógicas e metodologias diversas que juntas, impulsionam o aluno a continuar estudando e alimentar suas curiosidades sobre a sociedade que os envolve e seus saberes.

SAÚDE

Objetivo:

Reforçar a autoestima do estudante e incorporar comportamentos que fortaleçam sua saúde mental e emocional

Material necessário:

Celulares (Smartphones) ou Tablets

Desenvolvimento:

1º Etapa:

Após o início da rotina de acolhimento entre o estudante e o professor, no qual este acolhimento deve ser realizado de acordo com o ritmo do aluno e o espaço seja seguro para que ele possa descrever o que lhe aflige, peça para que ele faça o download (baixar) o aplicativo Habitica, criar o perfil e o avatar do aluno no aplicativo;

2º Etapa:

Momento onde o estudante e o professor, tal como uma dupla, irão traçar atividades habituais, nos quais os alunos precisam incorporar durante sua rotina ao acordar e ao dormir, afim de que a inclusão de palavras de motivação e empoderamento, ao longo dos dias, possam despertar atos de gentileza com o próprio aluno em tratamento hospitalar, para que ele se perceba como um ser humano cheio de possibilidades e pensamentos que podem se transformar em conhecimentos, quando são compartilhados com seus professores, colegas e amigos.

Avaliação: Observe se o estudante está conseguindo incorporar as rotinas de gentilezas diárias, caso não esteja, mostre que ele não será forçado a continuar algo que não deseje, mas as rotinas de motivação e empoderamento estão esperando por ele(a).



SAÚDE

SUGESTÃO DE LEITURA:

HABITICA: GAMIFIQUE AS SUAS AULAS - Link:

https://dlwqtxtslxzle7.cloudfront.net/50985236/Apps_dispositivos_moveis_-_manual_para_professores__formadores_e_bibliotecarios.pdf?1482253658=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DC_Geo_aplicacao_para_geocaching.pdf&Expires=1608054528&Signature=SQz70lnbV07WRwb4qMoYYB~d5ltfMznm7kPRzXEEGJXs5btlSv2qE496kG8v8H-9oBpsXuagWB7xqZ2Xl2li6X5ujvI0k3MyyTo~WCW5Jyhh~ByDVFlkcq9oJLvb-l2pHPAxQlyEOIBIZPBcbFDrCB58hl-5QkOoHpY87~q0na9Tm8q4lfb-CtBaIPMr5hBMDL56u5SyJlJz1~TCV2tPzNnAtAsb-sXDrv~bk~FRoZwww3crVszCOWYWppRI9sD4Mdibnl5KVOGUevYeeaH-LbikC-C8H7iISPbtXoC9hWEjlyN3avvObbWWWeLBFv2Olvl2~5Hg8iVR5NbTWaxiw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=166

GUI@ de APLICATIVOS PARA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA INVESTIGAÇÃO ASSOCIADA AO USO DE TABLETS Link: <http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro1/289-%20GUI@%20de%20APLICATIVOS%20PARA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20B%C3%81SICA.pdf>

APLICATIVO DE APERFEIÇOAMENTO PESSOAL COM ELEMENTOS DE GAMIFICAÇÃO - Link

https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/223/6/MONOGRAFIA_Aplicativo_Aperfei%C3%A7oamentoPessoal.pdf

SEXUALIDADE:

Objetivo:

Conscientizar os estudantes sobre os limites do seu corpo

Material necessário:

Celulares (Smartphones) ou Tablets e o aplicativo Youtube

Desenvolvimento:

1º Etapa:

Em uma conversa informal, indagar sobre quais são as partes do corpo do aluno e quantas ele pensa que têm, pergunte o nome das partes do corpo e ele o aluno ou aluna, sabe que o corpo tem limites que não podem ser ultrapassados. Ao final desta afirmação, conte que existe uma música que pode ajudar a entender isto, apresente a música "Nisso e Naquilo", na qual a cantora apresenta quais são as partes do corpo e quais não podem ser tocadas sem a permissão da criança ou do adolescente. O escute se ele ou ela tiver algo a dizer, tenha paciência com o ritmo e não se preocupe se ele pedir para retomar em outra oportunidade, visto que o assunto é delicado e complexo em alguns casos.

2º Etapa:

Peça para que baixem o aplicativo "Magic Board", após a instalação, indicar que os estudantes pressionem no símbolo em forma de caneta, onde está escrito desenhar (Draw) em inglês. Após esta ação, estimule que usem o quadro digital para que façam o desenho deles mesmos, indicando o que foi aprendido durante a letra da canção.

Após o aviso que a atividade foi realizada, peça para que ele ou ela pressione o símbolo da câmera para que o desenho fique salvo.

Link do vídeo "Nisso e Naquilo", por Nívea Cavalcante:
<https://www.youtube.com/watch?v=6cHmiOQL42E>

Avaliação: Após a música e o desenho feito pelo estudante, por intermédio do aplicativo "Magic Board", converse com ele sobre o desenho feito e quais são as relações entre ele, o desenho e a música cantada no vídeo.

Professor (a), salve o desenho realizado pelo estudante em uma pasta do Google drive e converse com pais da criança ou adolescente e a coordenação da Classe Hospitalar caso ela venha a relatar algo de natureza íntima.

VIDA SOCIAL E FAMILIAR:

Objetivo:

Promover engajamento social, envolvendo as atividades realizadas pelos estudantes com o mundo digital.

Desenvolvimento:

1º Etapa:

No início do ano, converse com os pais sobre a iniciativa de incluir atividades e os trabalhos realizados pelos estudantes em classe hospitalar, no objetivo de envolver o mundo educacional da classe hospitalar ao mundo do engajamento digital e social, veicular a existência da Classe Hospitalar, seus trabalhos e motivar a autoestima dos estudantes ao inserir suas tarefas no feed, Linha de tempo ou Stories do Instagram. Elogie o ritmo dos estudantes e os frutos de suas tarefas e seu aprendizado.

2º Etapa:

A cada final da semana, peça para que eles visitem o perfil e vejam o seu desenvolvimento, elaborando um segundo espaço de interação, onde os estudantes podem interagir sem sair de seus leitos.

Avaliação: Registre as imagens com os comentários de interações, para que o professor possa acompanhar se está ocorrendo distanciamento entre os estudantes e declínio na motivação.



MEIO AMBIENTE, CIÊNCIA E A TECNOLOGIA:

Objetivo:

Compreender riscos de extinção de espécies.

Desenvolvimento:**1º Etapa:**

Peça para que os estudantes façam uma rápida pesquisa pelo Google, sobre os animais da fauna brasileira que estão em extinção;

2º Etapa:

A partir dos resultados da rápida pesquisa, indique que o estudante faça um roteiro em seu bloco de notas de seu smartphone ou Tablet, com possíveis soluções para a continuidade de espécies com risco de extinção e grave um podcast de até quatro minutos sobre tais soluções a serem pensadas. Após o envio dos podcasts, será feita uma votação sobre qual a melhor forma de combater a extinção de animais e quais ações podemos tomar para assegurar o direito à vida destes animais, de acordo com o que foi pesquisado. O áudio mais votado pelos estudantes será colocado nos destaques da página da Classe Hospitalar no Instagram, para que mais pessoas escutem as ideias dos estudantes.

CULTURA E LINGUAGEM:

Objetivo:

Conhecer características culturais de matriz Africana, possibilitando abordagens pedagógicas sobre o conceito de raça, racismos e o combate ao preconceito racial.

Desenvolvimento:

1º Etapa:

Peça para que seus estudantes entrem no site "Calaméo", pressionem em "Sign up" para se registrar como usuário, que preencham os dados pedidos e ao entrar na página inicial, no objetivo de criar um e-book (livro digital), se deve pressionar a caixa que diz "Publish Now".

2º Etapa:

Faça um sorteio sobre as características culturais de matriz africana, suas comidas típicas, suas religiões e as semelhanças com o Brasil. Indique que o estudante mostre sua criatividade, inclua vídeos do youtube que tenham uma entrevista, canção ou imagens que enriqueçam seu livro digital, fotos, textos curtos ou a voz do estudante guiando os caminhos do livro. Cada estudante vai poder falar sobre uma das características sorteadas e fazer quantas páginas desejar, o importante será o conteúdo e o esforço para elaborar o seu livro digital. Com o Calaméo, fica uma sugestão para o professor, de usar esta ferramenta digital para incluir a Lei 10.639/2003, lei federal que reforça o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira, e propor que os estudantes produzam em conjunto com o docente, conteúdos com informações, saberes sobre a cultura de matriz africana e seus impactos no Brasil, desestimulando o crescimento de atitudes de cunho racistas das práticas sociais dos estudantes.

Avaliação:

Após o recebimento dos livros digitais, avalie os recursos visuais utilizados e os conteúdos apresentados no e-book elaborados pelos estudantes, se possível e a partir da autorização dos estudantes e de seus responsáveis legais, disponibilize as imagens do livro digital elaborado.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caro (a) professor(a), espero que estas sugestões possam contribuir ou apresentar outras possibilidades de recursos pedagógicos que possam vir a somar com as práticas educacionais inseridas nas rotinas vivenciadas em Classes Hospitalares. Afim de agregar alternativas educacionais para auxiliar o trabalho do docente e diversificar as vivências dos estudantes em atendimento hospitalar, incluindo propostas didáticas pautadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a BNCC, buscando a inserção de diálogos que venham a abranger questões que sejam voltadas para a diversidade cultural, no objetivo de envolver e aproximar o estudante no mundo em que ele já vive.

Ao elaborar propostas pedagógicas que incluam aspectos das diversidades culturais, raciais, religiosas e sobre sexualidade, estas temáticas podem viabilizar soluções em problemáticas que permeiam a sociedade, tais como racismo, intolerância religiosa, sexismo ou práticas homofóbicas. Ao compreender que estas questões podem ser abordadas, adaptada para a idade dos estudantes, práticas preconceituosas perdem suas forças. Aprendendo pouco a pouco a cada dia, produzindo seus materiais por intermédio de dispositivos móveis e seus aplicativos ou sentindo a curiosidade ser aguçada pelas mediações de seus professores, a educação se faz a partir da sua natureza de se reinventar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se for necessário, ela se alastra pelos dispositivos móveis dos estudantes, reconfigura as finalidades dos aplicativos que podem ser usados para a função dela na vida do estudante, se inclui com a cultura, meio ambiente, política, questões sociais e pode ser flexível de acordo com as necessidades do estudante. Algumas práticas desta natureza já são desenvolvidas em Classe Hospitalares brasileiras, no Hospital Pequeno Príncipe, localizado em Curitiba - PR, nas quais vinculam a inclusão da cultura na educação, um currículo educacional flexível e a visão de que o conhecimento se faz em conjunto. Assim como o “ABC Nefro”, nas quais as aulas são realizadas no Hospital Presidente Dutra, em São Luís - MA, envolvem seus processos pedagógicos pautados nos diálogos e incorporam dispositivos móveis digitais dos seus estudantes, compreendendo suas funcionalidades na educação.

Em um momento tão frágil e desconhecido para o estudante, onde ele fica afastado de sua vida social habitual, é importante frisar que o futuro do estudante que está em Classe Hospitalar é o presente. Cada aula, cada diálogo e cada intervenção pedagógica são únicas e essenciais para a evolução da sua autoestima, seus processos sociais e a construção de seus conhecimentos. E enquanto existe vida, nunca é tarde demais para a educação.

Então, professor (a)... Vamos lá?

Você pode tentar incluir alguma ficha de planejamento para uma aula com tecnologias! Pode ser essa a seguir

Curso:	Ano:
Disciplina:	Carga horária:
Professor (a):	Término:
Temática:	Duração: h/aula
Objetivos da aula	Tema do vídeo aula e link:
	Mídias Digitais (vídeos, sites, <i>podcasts</i> , aplicativos e materiais indicados):
	Material de Apoio (capítulos de livro, artigos e materiais impressos):
	Atividades Avaliativas:
Sequência de Estudos	

Indicação de vídeos e textos para leitura

O direito à educação e à Cultura em Hospitais: Caminhos e aprendizagens do Pequeno Príncipe, de Carreira, 2016.

Disponível em:

<https://pequenoprincipe.org.br/projetosabermais/manual/Educ.pdf>

Educação e cultura no Hospital Pequeno Príncipe. Vídeo no Youtube:

<https://www.youtube.com/watch?v=SU9KK2Q-2es&t=6s>

Apps para dispositivos móveis: manual para professores, formadores e bibliotecários,

organizado por Carvalho, Disponível em:

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/31202/1/Apps%20dispositivos%20moveis%20-%20manual%20para%20professores,%20formadores%20e%20bibliotec%C3%A1rios.pdf>

Base Nacional Curricular Comum, BRASIL, 2017. Link:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

Empoderamento: instrumento de emancipação social?, Barquero, 2012.

Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/debates/article/view/26722>

Identidade, Cultura e Educação., Teodoro, 2013. Disponível em:

<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1270>

Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática, organizado por Bacich e Moran, 2017. Disponível em:

<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1270>

<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1270>

REFERÊNCIAS

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. *Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FERREIRA, Eduarda; TOMÉ, Irene. Jovens, Telemóveis e Escola. *Revista Educação, Formação & Tecnologias*, n. extra, p. 24-34, abr. 2010. Disponível em: <<https://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/148>>. Acesso em: 15 out. 2020.

SHARPLES, Mike; ARNEDILLO-SÁNCHEZ, Inmaculada; MILRAD, Marcelo; VAVOULA, Giasemi N. Mobile learning: Small devices, big issues. In: BALACHEFF, N.; LUDVIGSEN, S.; JONG, T. de; BARNES, S. (eds.). *Technology Enhanced Learning: Principles and Products*. Heidelberg, Germany: Springer, 2009. p. 233-249. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/44909945_Mobile_Learning_Small_Devices_Big_Issues. Acesso em: 06 maio 2020

TAAM, R. *Pelas trilhas da emoção: a educação no espaço da saúde*. Maringá: Eduem, 2004.

CARREIRA, Denise. *O direito à educação e à cultura em hospitais: caminhos e aprendizagens do Pequeno Príncipe*. / Denise Carreira. __ Curitiba [Paraná]: Associação Hospitalar de Proteção à Infância Dr. Raul Carneiro, 2016.



Sobre a Autora

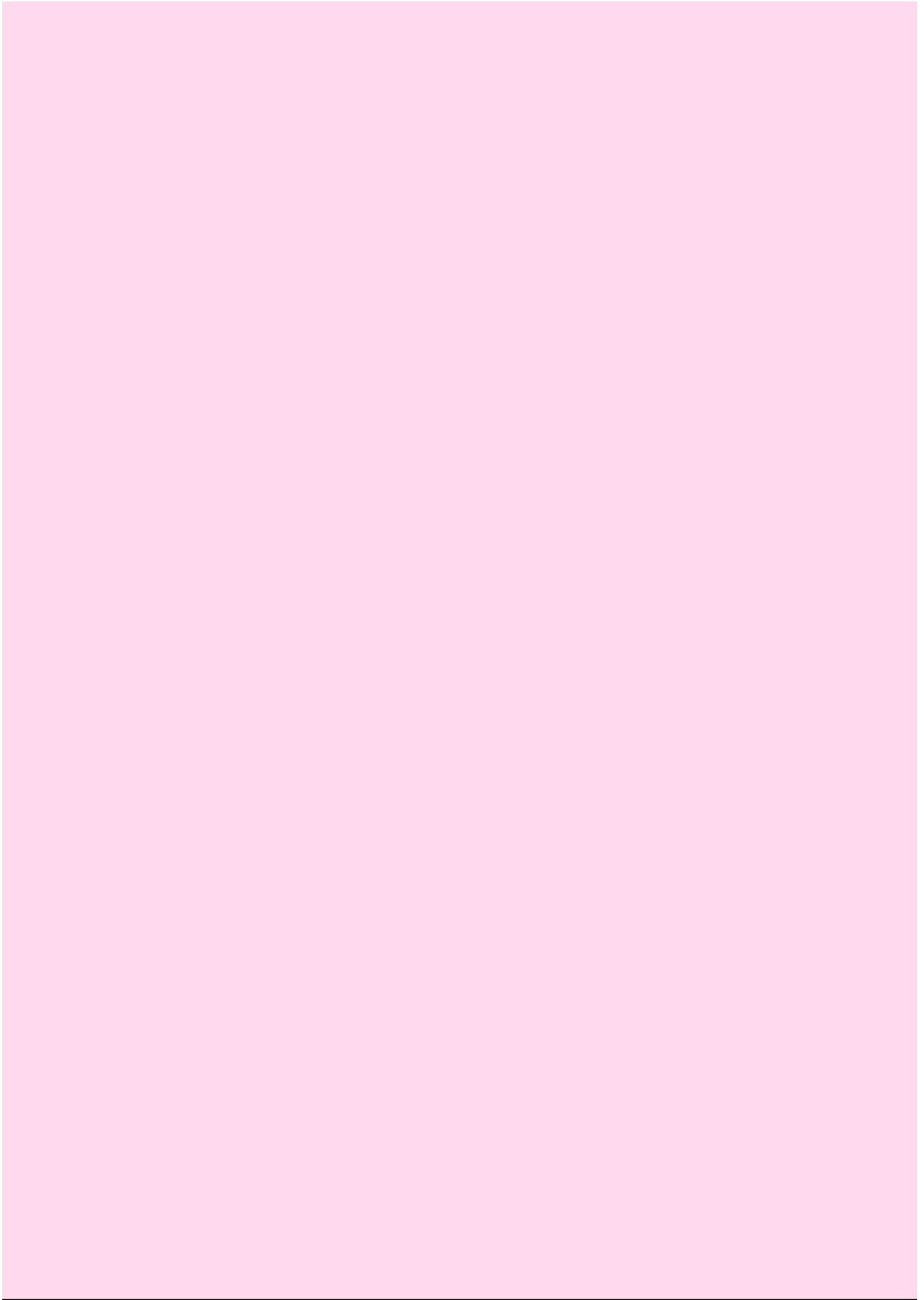
Sarah Raquel Fróes da Silva é graduada em Pedagogia pela Faculdade Pitágoras do Maranhão (2015), Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Tecnologias Digitais na Educação, Mestranda no Programa de Pós Graduação em Cultura e Sociedade - Mestrado Interdisciplinar (UFMA) e Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. Como linha de pesquisa, a autora investiga os seguintes temas que envolvem sobre Educação, Tecnologias Digitais na Educação, Dispositivos móveis, Aplicativos Digitais, Pedagogia Hospitalar e Afetividade. Email: sarahfroes@yahoo.com.br



Sobre o Orientador

João Batista Bottentuit Junior é Doutor em Ciências da Educação com área de especialização em Tecnologia Educativa pela Universidade do Minho, Mestre em Educação Multimídia pela Universidade do Porto, Tecnólogo em Processamento de Dados pelo Centro Universitário UNA e Licenciado em Pedagogia pela Faculdade do Maranhão. É também Especialista em Docência no Ensino Superior pela PUC-MG, Engenharia de Sistemas pela ESAB e Educação a Distância pelo UNISEB.

É professor Associado I da Universidade Federal do Maranhão, atuando no Departamento de Educação II. É Professor Permanente dos Programas de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (Mestrado Acadêmico) e Gestão de Ensino da Educação Básica (Mestrado Profissional), atua na linha de Cultura, Educação e Tecnologia (Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação). É líder do grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologias Digitais na Educação (GEP-TDE). É membro do comitê científico da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) desde 2012. Desde Agosto de 2019 cedido da UFMA para a Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão (FAPEMA) onde assumiu o cargo de Diretor Científico. É avaliador de cursos de graduação presenciais e a distância do MEC/INEP. Email: joaobbj@gmail.com



ANEXOS

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP

UFMA - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO MARANHÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS EFEITOS DO USO DA GAMIFICAÇÃO EM CLASSE HOSPITALAR: um estudo exploratório no Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão - Unidade Presidente Dutra

Pesquisador: Sarah Raquel Froes da Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 29227220.9.0000.5087

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.938.584

Apresentação do Projeto:

O presente trabalho se propõe a responder ao seguinte questionamento: quais são os efeitos do uso de aplicativos digitais e da Gamificação no processo pedagógico dos alunos hospitalizados no "Abc Nefro" do Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão - Unidade Presidente Dutra? Objetivo geral é investigar os efeitos do uso de aplicativos digitais e da gamificação no contexto da Classe Hospitalar "Abc Nefro" no Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão - Unidade Presidente Dutra, como uma possibilidade pedagógica. Logo, para a consecução do presente projeto, esta pesquisa classifica-se enquanto uma pesquisa exploratória - descritiva. O autor supracitado ressalta que, devido à flexibilidade da pesquisa, estabelece-se apenas um rótulo para a pesquisa exploratória. A presente investigação construirá suas fases de pesquisa, coleta de dados e análises, através da pesquisa exploratória descritiva. Em vista disso, o estudo ocorrerá no espaço de diálise crônica, no centro de serviço de Nefrologia, Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão (HUUFMA) - Unidade Presidente Dutra, localizado na Rua Barão de Itapary, 277 – São Luís, Maranhão. A pesquisa será realizada com as professoras e alunos pacientes do "ABC Nefro", no ambiente de Classe Hospitalar referencial no Estado, localizado no Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão (HUUFMA) - Unidade Presidente Dutra. A investigação fará a utilização de entrevistas, entrevistas semiestruturadas e grupo focal. A coleta de dados da investigação irá se organizar por intermédio

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho

Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética

CEP: 65.080-040

UF: MA

Município: SÃO LUIS

Telefone: (98)3272-8708

Fax: (98)3272-8708

E-mail: cepufma@ufma.br

UFMA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO



Continuação do Parecer: 3.938.584

de entrevistas estruturadas e semiestruturadas, grupo focal e observação participante. Observação Participante – ocorrerão antes, durante e após a efetuação dos aplicativos digitais e gamificação, buscando analisar os comportamentos e manifestações dos alunos, assim como os professores e interpretar as consequências da pesquisa no espaço da Classe Hospitalar. Entrevistas – As entrevistas estruturadas serão realizadas após a aula, com os professores do “Abc Nefro” seguindo com a coleta de dados. As aplicações das entrevistas serão testadas e alteradas caso necessário, modificando-se para garantir sua aplicabilidade e o bem-estar do entrevistado diante das questões. Entrevistas semiestruturadas – As entrevistas semiestruturadas decorrerão com os alunos antes da aula iniciar, quando serão abordadas as seguintes questões: história de vida, grau de escolaridade e percepção a respeito do uso de aplicativos na educação. As entrevistas semiestruturadas, apresentadas no passarão por modificações através da utilização do pré-teste, no qual o roteiro da entrevista deverá aperfeiçoar-se a fim de não ocasionar em transtornos ou cansaços durante a coleta, visto que o local da entrevista ocorrerá em um ambiente hospitalar e os sujeitos estão em tratamento ou acompanhando familiares. Grupo Focal – Após da aula, será o momento do grupo focal, roteiro apresentado que ocorrerá com os dois grupos (alunos e professores). A pesquisadora, em conjunto com o corpo docente, irá avaliar e distinguir quais foram as ponderações relativas à dispositivos móveis, execução de aplicativos digitais em sala de aula e opiniões sobre a utilização da Gamificação como metodologia ativa. A partir dos debates e considerações do grupo focal, os alunos e professores poderão explicar suas experiências com aplicativos e a Gamificação no processo de ensino durante o atendimento pedagógico hospitalar. Sobre a análise de dados, a pesquisa se guiará pelas seguintes etapas: As perguntas dirigidas aos docentes do projeto “ABC Nefro” as perguntas serão realizadas através do Google Forms e enviadas para o e-mail. As questões serão analisadas através do Google Forms; As questões semiestruturadas serão realizadas com os acompanhantes e alunos pacientes, através do papel impresso e no local da pesquisa; será realizada o grupo focal com os professores e os alunos pacientes.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar os efeitos do uso de aplicativos digitais e da gamificação no contexto da Classe Hospitalar “Abc Nefro” no Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão - Unidade Presidente Dutra, como uma possibilidade pedagógica.

Objetivo Secundário:

a) Identificar os conteúdos aplicados em Classe Hospitalar e adaptá-los às ferramentas e

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho			
Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética	CEP: 65.080-040		
UF: MA	Município: SAO LUIS		
Telefone: (98)3272-8708	Fax: (98)3272-8708	E-mail: cepufma@ufma.br	

UFMA - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO



Continuação do Parecer: 3.938.584

aplicativos de ensino e aprendizagem;

b) Verificar quais são as principais dificuldades no processo de ensino e aprendizagem durante o período de internação dos alunos no "Abc Nefro";

c) Propor aplicativos digitais no "Abc Nefro" na rotina pedagógica, visando à motivação e à praticidade dos alunos hospitalizados;

d) Descrever, em conjunto com os professores e alunos do "Abc Nefro", as vantagens e desvantagens da gamificação no processo educativo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Com relação aos riscos sobre a execução da coleta de dados da pesquisa na Classe Hospitalar, a pesquisa exhibe riscos mínimos e compreende o espaço em que a mesma irá se realizar. Entende-se que é um local de tratamento, na qual os alunos em tratamento sentem dor, desconforto e sensação de impotência em decorrência do afastamento de sua cotidiana rotina em consequência de tratamentos de diálise. Possivelmente, em razão destas adversidades, a aplicação das entrevistas tem a probabilidade de ser árdua e desconfortável para os alunos. Contudo, com o intermédio das docentes da Classe Hospitalar, o momento de execução das entrevistas ocorrerá de forma delicada e respeitando o tempo dos alunos.

Benefícios:

Com a aplicação da pesquisa na Classe Hospitalar, os alunos pacientes poderão encontrar a possibilidade a unificação da diversão que se presencia em um jogo e a ação de aprender os conteúdos que são disseminados na sala de aula adaptada. Por causa dos efeitos que o espaço hospitalar causa, em decorrência da doença, tratamento e afastamento, o modo de aprendizagem é prejudicado e a reestruturação da forma como o aluno aprende neste novo ambiente, solicita que o aluno paciente esteja motivado. Isto demanda reorganização das práticas pedagógicas, percepção aos modos de ensino e aprendizagem que o aluno é responsivo e analisar metodologias ativas que despertem a motivação do aluno. A Gamificação mostra-se ideal para ocasionar na atração do aluno em relação à ação do aprender, já que o engajamento dos participantes e a construção do conhecimento a partir do momento de diversão e alegria que os elementos de gamificação proporcionam, possivelmente aperfeiçoariam a participação dos alunos no momento de aula e os efeitos negativos do espaço hospitalar diminuiriam sua intensidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa esta bem elaborada e com todos os elementos necessários ao seu pleno desenvolvimento.

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho

Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética

CEP: 65.080-040

UF: MA

Município: SAO LUIS

Telefone: (98)3272-8708

Fax: (98)3272-8708

E-mail: cepufma@ufma.br

**UFMA - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO MARANHÃO**



Continuação do Parecer: 3.938.584

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatórios foram entregues e estão de acordo com a resolução 466/12 do CNS.

Recomendações:

Não existem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1509936.pdf	12/02/2020 20:34:30		Aceito
Folha de Rosto	frassinada.pdf	12/02/2020 20:31:39	Sarah Raquel Froes da Silva	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	11/02/2020 16:15:26	Sarah Raquel Froes da Silva	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	11/02/2020 16:14:14	Sarah Raquel Froes da Silva	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	auto.pdf	11/02/2020 16:12:11	Sarah Raquel Froes da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	11/02/2020 16:04:59	Sarah Raquel Froes da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.docx	11/02/2020 16:03:25	Sarah Raquel Froes da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	11/02/2020 16:00:13	Sarah Raquel Froes da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.docx	11/02/2020 15:58:29	Sarah Raquel Froes da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho

Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética **CEP:** 65.080-040

UF: MA **Município:** SÃO LUIS

Telefone: (98)3272-8708

Fax: (98)3272-8708

E-mail: cepufma@ufma.br

UFMA - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO MARANHÃO



Continuação do Parecer: 3.938.584

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO LUIS, 27 de Março de 2020

Assinado por:
FRANCISCO NAVARRO
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho

Bairro: Bloco C, Sala 7, Comitê de Ética **CEP:** 65.080-040

UF: MA **Município:** SAO LUIS

Telefone: (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8708 **E-mail:** cepufma@ufma.br